

«*Que é isto? Que é uma coisa? Que é o mundo?*»

**Fichte e a Objectivação da Consciência na *Wissenschaftslehre*
*nova methodo***

Manuel Fernando Pires Alves

**Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Filosofia Geral sob a orientação
do Professor Doutor Mário Jorge Pereira de Almeida Carvalho**

Abril 2019

*Para a Filipa, João e Filipe. As três pérolas da minha vida
que dão mundo à filosofia*

AGRADECIMENTOS

Fica uma dívida de gratidão à minha esposa pelas horas de incondicional apoio, força e amor sem as quais não conseguiria ter percorrido o caminho que começou há alguns anos atrás.

À avó Catarina e ao avô Custódio a quem devo o carinho dos seus braços abertos. Aos meus pais pelo suporte e motivação.

Ao meu grande amigo João Pedro Ferraz que se encontra presente mesmo no silêncio dos dias atarefados agradeço-lhe, simplesmente, o dia em que as nossas vidas se cruzaram.

Aos professores do departamento de Filosofia da FCSH que semearam a paixão pela inquirição filosófica.

Uma palavra de agradecimento ao Professor Doutor Nuno Vieira da Rosa Ferro e ao Professor Doutor António de Castro Caeiro a quem devo a imagem e significado da Filosofia. Ao professor Doutor Manuel João Matos pela sua gentil humanidade.

Ao Professor Doutor Mário Jorge Pereira de Almeida Carvalho pelo seu esforço e dedicação em todos os momentos que propiciaram este trabalho. Por isso, mas também pela ancoragem à tarefa do filosofar... pelo impacto colossal desde o primeiro dia que perdurará – espero eu – para sempre na memória.

Fichte e a Objectivação da Consciência na *Wissenschaftslehre nova methodo*

Manuel Fernando Pires Alves

[RESUMO]

A consciência objectiva é aquilo que possibilita a experiência que temos do mundo. Cada objecto é compreendido como realidade independente pressupondo, por isso, desvinculação do sujeito representacional. A análise da *Wissenschaftslehre nova methodo* permite perceber o modo dessa cisão num processo de exteriorização da subjectividade. Fichte radicaliza no Eu a consciência do mundo e conduz, por outro lado, o trajecto que possibilita o contacto que temos com as coisas em regime de objectividade desvinculada. Sensação (*Gefhül*), Intuição (*Anschauung*) e Conceito (*Begriff*) são três fases fundamentais do encadeamento constitutivo que permite a travessia que culmina na presentificação ontológica habitual e é para lá que movemos toda a nossa atenção neste trabalho.

[ABSTRACT]

Objective consciousness is what enables our experience of the world. Each object is understood as an independent reality presupposing, therefore, dissociation from the representational subject. The analysis of the *Wissenschaftslehre nova methodo* allows us to perceive the mode of this split in a process of externalization of subjectivity. Fichte radicalizes in the self the consciousness of the world and leads, on the other hand, the path that makes possible the contact we have with things in an unrelated regime of objectivity. Sensation (*Gefhül*), Intuition (*Anschauung*) and Concept (*Begriff*) are three fundamental phases of the constitutive chain that allows the pathway that culminates in the habitual ontological presentification and that is where we shall move all our care within this work.

Palavras-Chave: Consciência, Fichte, Filosofia, Idealismo, Intuição, Objectividade, Ontologia, Sensação, Subjectividade, Transcendental.

Keywords: Consciousness, Fichte, Idealism, Intuition, Objectivity, Philosophy, Ontology, Sensation, Subjectivity, Transcendental.

ÍNDICE

| | |
|------------|---|
| INTRODUÇÃO | 6 |
|------------|---|

SECÇÃO I

| | |
|--|----|
| §1 A TAREFA DA FILOSOFIA COMO DEDUÇÃO SISTEMÁTICA DO FENÓMENO DA CONSCIÊNCIA E A NECESSIDADE DE FIXAÇÃO DE UM PRINCÍPIO DE INTELIGIBILIDADE DESSA DEDUÇÃO. DESENCONTRO COM REINHOLD. O EU COMO ACTIVIDADE. <i>THATHANDLUNG</i> . | 12 |
| §2 POSTULADO DA WISSENSCHAFTLSEHRE NOVA METHODO. O OLHAR ATENTO SOBRE A ACÇÃO DO EU E DAS SUAS DETERMINAÇÕES. CONSCIÊNCIA IMEDIATA. ACÇÃO ORIGINAL E INTUIÇÃO INTELECTUAL. | 16 |

SECÇÃO II

| | |
|---|----|
| §3 ACTIVIDADE. AGILIDADE, MOVIMENTAÇÃO E AUTOPOSIÇÃO. PRINCÍPIO DE TUDO. | 27 |
| §4 ACÇÃO E RESISTÊNCIA. SENSIBILIDADE: TODO O SENTIR COMO UM SENTIR-SE. O FENÓMENO DO DECALQUE. | 34 |
| §5 EXTERIORIZAÇÃO DA SUBJECTIVIDADE E CONSTITUIÇÃO DO <i>não-EU</i> . INTUIÇÃO E IMAGEM. | 57 |
| §6 FICHTE, PLATÃO E O FILEBO NA FIXAÇÃO DOXÁSTICA E DESENHO DE UMA IMAGEM | 75 |
| §7 COORDENADAS <i>GEOGRÁFICAS</i> DA IMAGEM: TEXTURA TEMPORAL E ORIENTAÇÃO ESPACIAL DA INTUIÇÃO | 83 |
| §8 CONCEITO: PONTO DE CHEGADA E CONSCIÊNCIA OBJECTIVA | 96 |

| | |
|--------------|-----|
| BIBLIOGRAFIA | 103 |
|--------------|-----|

INTRODUÇÃO

*All thinking begins with intuition;
accordingly, all philosophizing must also begin with intuition.¹*

Mundo é o horizonte que se abre à presença de objectos aí disponíveis e que, na perspectiva comum de todos os dias, é caracterizado por uma total autonomia relativamente ao sujeito representacional. Na quotidianidade, os objectos são conteúdos percebidos em projecção para lá da sua própria imanência. Reclamam possuir estatuto ontológico independente e não parecem requerer o concurso da subjectividade para manter a sua realidade desvinculada do observador.

Nesse sentido, o curso comum da nossa observação das coisas está orientado "pelo mundo" - ou, se quisermos - pelo alegado horizonte de presença independente que parece completamente desvinculado da subjectividade que a ele assite. Mas, vendo bem, acontece que esse mundo, enquanto horizonte de "pura perantidade" é, na verdade, fruto daquilo a que se chamou objectivação da consciência. Por um lado, esta noção tenta exprimir a ideia de que uma coisa é um complexo processo de acontecimentos da interioridade do sujeito. Por outro, permite desenhar a ideia de um objecto marcado pela determinação "independente da representação". Por outras palavras, o conceito objectivação da consciência exprime que uma coisa é um conteúdo da subjectividade que foi exteriorizado e tornado objecto.

Concentramos-nos na *WLnm* de Fichte e procuramos ver tudo isto à sua luz. O movimento que desemboca na objectivação da consciência corresponde, na análise da *WLnm*, ao encadeamento entre sensação (*Empfindung/Gefühl*), intuição (*Anschauung*) e conceito (*Begriff*). Ao longo da *WLnm* assistimos à dedução e conexão de cada um destes momentos que, partindo originariamente de um estado da subjectividade e passando pela exteriorização dessa interioridade, termina na constituição de um objecto em regime de independência em relação à representação. A expressão do idealismo que encontramos na *Nova methodo* distingue-se pelo modo específico de dedução de cada um desses momentos e pela forma peculiar do fluxo que, mediante eles, leva desde a

¹ Foundations of Transcendental Philosophy - *Wissenschaftslehre nova methodo* (WLnm), p.117;

interioridade à representação de total independência daquilo a que comumente chamamos objectos. A construção da consciência é dada neste fluxo de continuidade.

Entre outras coisas, importa-nos em especial o modelo trifásico que encontramos desenhado na *WLn*. O processo trifásico sensação-intuição-conceito que Fichte explicita tinha sido proposto por Kant. Ele corresponde a um desenvolvimento exploratório mais agudo da distinção bifásica entre representação das coisas *tal como aparecem* (*uti apparent*) e representação das coisas *tal como são* (*sicuti sunt*).² Já em Kant, existe desdobramento do primeiro momento do contraste binário (*uti apparent*) em matéria e forma da representação que se articula com o segundo (*sicuti sunt*). O fenómeno do *aparecimento* corresponde à articulação dos primeiros dois momentos da cadeia - sensação (*sensus*)/matéria e intuição (*intuitio*)/forma - e a irrupção da objectividade (*tal como são*) surge com a interposição do plano da intelectualidade que faz cruzar o momento da intuição com as categorias do entendimento, conceptualizando-a (*conceptus*). A objectivação dos conteúdos da subjectividade - o mundo - é constituída pelo encadeamento indispensável de todos os momentos e isto de tal forma que cada um dos seguintes é superveniente ao anterior. Ou seja, cada momento seguinte acrescenta algo ao antecessor e transforma os seus conteúdos em radical metamorfose qualitativa.

Esboçado o quadro kantiano para a constituição da consciência empírica, chama imediatamente atenção a flagrante semelhança com a análise que se encontra na *WLn*: a *WLn* também fala, em certo sentido, de uma oposição binária pois parece contrapor sensibilidade e entendimento, intuição e conceito. Mas, por outro lado, se formos ver encontramos um processo trifásico. A intuição acrescenta e transforma qualitativamente a sensação e o conceito metamorfoseia os conteúdos da intuição.

É certo que existe relativa isomorfia com a apresentação sugerida por Kant. Entretanto, e apesar da correspondência entre as duas formulações, esta isomorfia pode esconder diferenças de teor fundamentais. Uma análise mais detida acaba por descobrir que a compreensão que Fichte tem de cada um dos momentos da cadeia e, por outro lado, aquilo que também está em causa na respectiva articulação, é absolutamente distinta da análise kantiana.

² "It is thus clear that things which are thought sensitively are representations of things as they appear, while things which are intellectual are representations of things as they are. Immanuel Kant's Theoretical Philosophy 1755-1770, p.384;

Logo no primeiro momento da cadeia - *sensus*, *Sensibilität*, *Empfindung/Gefühl*, *sensação* - encontramos diferenças cruciais na fixação do seu significado. Na interpretação de Kant a sensação está associada a um fenómeno de afectação. E quanto o seu teor, é concebida de tal modo que corresponde à presença imediata de uma qualidade, por assim dizer, inerte que impõe a sua própria determinação. O próprio conceito de sensação quando Kant o contrasta com o de *Gefühl* exprime este modelo. Acentua o elemento da objectividade em cada sensação. Pelo contrário, aquilo que encontramos em Fichte é a absoluta radicalização da subjectividade.

A subjectividade é o elemento que fixa a sensação na *WLn*. Cada sensação é, para Fichte, pura e simplesmente um estado-*de-si*. Todo o sentir é um sentir-*se*. A sensação é o testemunho de um estado subjectivo de alteração relativo a um sistema total da sensibilidade. Cada sensação é compreendida como alteração de um sistema abrangente de alterações possíveis. Sentir algo é sentir a interioridade da modificação desse sistema. Sensação é, portanto, uma modulação da interioridade. Para além disso, um estado-*de-si*, uma sensação, é uma obstaculização de uma pulsão (*Trieb*). O *Si* sentido da sensação é o momento da resistência ao seu movimento de continuidade impulsiva. Cada sensação é um desses momentos de bloqueio que permitem a manifestação da própria pulsão.

Mas esta mesma conjunção de proximidade e distância volta a encontrar-se nas outras duas componentes da sequência sensação-intuição-conceito. Assim, se para Kant a intuição (*intuitio/Anschauung*) implica o cruzamento da matéria da sensação com o plano das formas puras da intuição para a constituição de uma posse conjunta e de um todo ordenado, na *Nova methodo* a intuição é, na verdade, o primeiro momento de *exteriorização* de um estado-*de-si*, de uma sensação.³

No sentido em que é contraponível aos *Gefühle* e aos conceitos, isto é, no sentido em que consigna a segunda etapa da sequência, o conceito fichteano de intuição traduz portanto a extroversão do sentir-*se* subjectivo da sensação e não o mero cruzamento com o plano da formalidade considerado por Kant. A intuição em Fichte é o primeiro momento do arranque da subjectividade para a possibilidade da constituição da consciência empírica. De tal modo que só mediante a intuição se constitui aquilo que, para Kant, já marca o próprio modo de ser da sensação enquanto tal.

³ Exteriorização que é completamente estranha ao plano das próprias *Empfindungen*, aliás, *Gefühle*;

A intuição implica transformação: mudança do teor da sensação e alargamento do seu significado. Um objecto é um *não-Eu* e a intuição, tal como considerada por Fichte, é o primeiro momento desse acontecimento cuja raiz é um estado da interioridade. Da sensação para a intuição assistimos à metamorfose eu/*não-Eu*. A intuição é a passagem para aquilo que é, de certo modo, *não-Eu* mesmo que não seja um *não-Eu* exterior. De tal sorte que não corresponde propriamente ao *sicuti sunt* nem propriamente ao *uti apparent*, mas a algo dos dois.⁴

O último momento da cadeia (conceito/*Begriff*) é a segunda e definitiva ocasião de objectivação e consiste na representação da *não-representação* (*sc.* da ausência de representação). A conceptualização é o codificador que faz compreender como realidade independente aquilo que está sempre montado sobre - e na verdade contém sempre no seu centro - um original estado-*de-si* (ou, mais propriamente, um *Gefühl* convertido em *Anschauung*). A única forma de compreensão da "perantidade" pressupõe que o aparecimento não seja percebido como acontecimento representacional, mas pelo contrário, como oposto disso.. Cada coisa tem identidade e estatuto próprio. Cada coisa é uma realidade do mundo. A experiência quotidiana está montada neste pressuposto cuja raiz é, paradoxalmente, o sentir-*se* da sensação. Se a intuição é o primeiro momento de exteriorização, o conceito é aquilo que, no quadro da própria representação (é justamente nisso que consiste o paradoxo), permite romper finalmente com a representação e criar a determinação "algo independentemente dela". A atribuição de tal estatuto corresponde ao cruzamento de um plano representacional como uma negação deste mesmo plano. Tudo isto embora o conteúdo do objecto não seja outro que não um estado-*de-si* objectivado.

O trabalho que se propõe tenta seguir o fio deste processo tal como se desenha entre os §§9-12 da *WLn*. A recurso a Kant é inevitável, ainda que o objectivo não seja uma análise comparativa entre os dois autores. Kant será o meio de contraste relativo e pontual para conseguir ver com distinção e clareza a especificidade do caminho traçado por Fichte.

Através desta investigação aproximar-nos-emos daquilo que se pode descrever como uma segunda revolução dentro da "revolução copernicana" proposta por Kant. Essa revolução de segunda ordem consiste num redireccionamento do acontecimento da

⁴ Por isso se pode dizer que há desdobramento do *uti apparent* e do *sicuti sunt*.

consciência, permitindo uma compreensão absolutamente distinta e original do acontecimento do mundo. Esta mudança de paradigma dentro da revolução copernicana tem que ver, mais especificamente, com a compreensão de que todos os mecanismos da consciência e todo o complexo que constitui os objectos estão indissociavelmente ligados às tensões da própria acção enquanto tal (e das suas condições: pulsão, resistência, etc.). No fundo, esta investigação tentará compreender, a partir da análise da sequência sensação-intuição-conceito, a resposta de Fichte à pergunta: *Que é uma coisa? Que é isto? Que é o mundo?*

SECÇÃO I

§1 - A TAREFA DA FILOSOFIA COMO DEDUÇÃO SISTEMÁTICA DO FENÓMENO DA CONSCIÊNCIA E A NECESSIDADE DE FIXAÇÃO DE UM PRINCÍPIO DE INTELIGIBILIDADE DESSA DEDUÇÃO. DESENCONTRO COM REINHOLD. O EU COMO ACTIVIDADE. *THATHANDLUNG*.

O método de dedução sistemático é aquele que - para Fichte - deve caracterizar a actividade filosófica⁵. Deduzir sistematicamente significa a possibilidade de, a partir da formulação de um primeiro princípio, determinar a totalidade do acontecimento da consciência.⁶ Aquilo que se pretende é a dedução integrada - a partir desse princípio - do detalhe fenoménico circunstancial. O primeiro princípio será o catalizador da conexão que dará origem ao sistema integrado da consciência, da engrenagem que permite construir o detalhe de aparecimentos que entendemos como *mundo*.

Existe, portanto, uma tentativa de compreensão genética da cognição humana.⁷ Uma focagem sobre o modo específico do seu surgimento desde a eclosão inaugural até à plena posse de um conteúdo objectivo, sublinhando detalhadamente o encadeamento de planos necessários na execução do trajecto representacional. Em textos anteriores à *nova methodo* a *Wissenschaftslehre* foi, diversas vezes, identificada como "história pragmática da mente humana", subtítulo que aponta inequivocamente para a investigação de carácter genético da representação: uma história que versa a temporalidade prática do Eu na construção dos fenómenos.⁸

⁵ Para uma abordagem mais detalhada sobre a conexão proposicional sistemática a partir de um princípio fundamental que está implicada na noção de *Wissenschaftslehre* pode ser útil consultar *Concerning the Concept of the Wissenschaftslehre* (1ª ed, 1794), em *Fichte: Early Philosophical Writings* (EPW), Ed. Daniel Breazeale, particularmente o §1;

⁶ É importante salientar o tom crítico com que Fichte considera que negar a possibilidade de uma conexão sistemática no horizonte da filosofia significa assumir a sua tarefa como um mero agregado de proposições. "*Those who maintain that we should not seek any first principle might mean by this that one should not to attempt to philosophize in a systematic manner at all, because it is impossible to do so. [That is, they might mean that] no systematic connection is possible in philosophy. Philosophy is nothing but an aggregate of individual propositions.] The way to remove this objection is by actually constructing a system.*" WLnm, p.108;

⁷ "*The Wissenschaftslehre itself does not generate any new cognition. It merely observes the human mind in its original generation of all cognition. (...). This is the synthesis we have been discussing, and the Wissenschaftslehre has to display this synthesis independently of analysis, [through which our thinking is dispersed and which has to be derived within the Wissenschaftslehre]. Only in this way does it obtain a genetic understanding of the origin of our representations.*" WLnm, p.380;

⁸ Sobre a *Wissenschaftslehre* como "história pragmática da mente humana" é de relevância maior o texto de Breazeale com o título "*A Pragmatic History of the Human Mind*". Mais concretamente: "*Inasmuch as*

A figura de Reinhold é crucial para a re-elaboração fichteana porque é a partir da sua *Filosofia Elementar* que é tentada a sistematização da filosofia de Kant ou, se quisermos, a dedução integral desse sistema num modelo de carácter geométrico. Fichte sustenta - apoiado em Reinhold - a urgência e necessidade de fixação da filosofia a um princípio arquimédico que seja o fundamento da inteligibilidade que a articulação sistemática possa encontrar.⁹

Apesar do acordo que se verifica entre os dois autores a respeito da fixação da filosofia a um princípio fundacional, o teor desse mesmo princípio é absolutamente distinto. Vale a pena relembrar o princípio da consciência desenvolvido por Reinhold que, na sua *Filosofia Elementar*, é submetido ao método da análise: *Na consciência a representação é distinguida do sujeito representacional e do objecto representado.*

Fichte considera que tal princípio é portador de um problema determinante: no princípio da consciência de Reinhold, a própria consciência é tida como facto passível de análise. Mas a análise de um facto implica uma regressão contínua porque carece de uma consciência que testemunhe a própria consciência desse facto, *ad infinitum*. Para, na representação, ser consciente da diferença entre sujeito representante e objecto representado tenho de ter consciência desse facto. E para que tenha consciência desse mesmo facto necessito de ter consciência da consciência do facto. A análise do facto não produz a fixação da consciência mas antes a construção de uma filosofia vazia

the Wissenschaftslehre contains a complete inventory—genetically presented—of all of the acts that constitute the system of the human mind, it is not only a pragmatic but also a systematic history of the same. Displaying the genesis of one act from another also serves to display the systematic interconnections between the various acts of the mind and obviates the need for the application of any external architectonic standards. Indeed, this is precisely the goal of Fichte's pragmatic history: to construct the system of the human mind in the form of a complete description of the progressive series of the necessary acts of the same." Thinking through the Wissenschaftslehre: Themes for Fichte's Early Philosophy, p.81;

⁹ A importância fulcral de estabelecer um primeiro princípio que funcione como gatilho para o processo da dedução sistemática e integral encontra em Reinhold forte suporte. Considere-se, a título de exemplo, este excerto de Breazeale: *"The most original and historically influential feature of Reinhold's Elementary Philosophy is its emphasis upon the indispensability of rigorous systematic form if philosophy is ever to achieve its Kantian goal of "coming forward as a science." Over and over again, Reinhold insists that the only way in which philosophy can become truly "scientific" is by becoming rigorously systematic, and that the only way that it can become rigorously systematic is by deriving all of its propositions from a single, self-evident first principle. The result of applying this desideratum to Kant's Critical philosophy is Reinhold's Elementary Philosophy."* Thinking through the Wissenschaftslehre: Themes for Fichte's Early Philosophy, p.32. E ainda *"The Elementary Philosophy thus explicitly claims to uncover that "common root" of all cognition, concerning which Kant could merely speculate, and in the absence of which his philosophical presentations had to fall short of Reinhold's rigorously systematic ideal form."* Thinking through the Wissenschaftslehre: Themes for Fichte's Early Philosophy, p.33;

porque sustentada num contínuo e infinito retrocesso de sustentabilidade, impossibilitando que a tese de Reinhold funcione como princípio primeiro da inteligibilidade sistemática.¹⁰

A novidade da *Wissenschaftslehre nova methodo* (WLnm) consiste na oposição a esta análise factual por considerar o fenómeno da consciência derivado da acção e não um facto primordial. Esta sublime alteração permite resolver os dois problemas assinalados acima: da regressão e da prevalência da síntese sobre a análise.¹¹

O Eu passa a ser portador de um princípio de actividade a que se articula uma progressão sintética para constituição do mundo fenoménico. A eclosão da consciência deriva de uma actividade intrínseca do Eu que não precisa de testemunho factual. A estrutura transcendental do mundo consiste nessa progressão que é inaugurada pela perspectiva do Eu como acção. É a actividade do Eu que permite desencadear a engrenagem que fixa o que temos perante. O mundo tem a sua sustentabilidade no Eu considerado como actividade. É a actividade do Eu que constrói mundo. O mecanismo específico dessa construção - desde a génese ao detalhe mais preciso da objectividade - é o espectro da investigação da WLnm. O olhar da nova exposição da *Doutrina da Ciência* consiste em deixar que o Eu aja de acordo com as suas próprias leis e que

¹⁰ A oposição à formulação de Reinhold assume duas direcções cuja diferença pode ser observada em dois textos fundamentais. Se, por um lado, na *Wissenschaftslehre nova methodo* o problema da regressão ao infinito é o foco de preocupação de Fichte - {*Hitherto, people reasoned as follows:*} *I am conscious of some object, B. But I cannot be conscious of this object without being conscious of myself, for B is not I and I am not B. But I can be conscious of myself only insofar as I am conscious of my consciousness. Therefore, I must be conscious of this act of consciousness; i.e., I must be conscious of this consciousness of consciousness. How do I become consciousness of this? This series has no end, and therefore consciousness cannot be explained in this manner* (WLnm, p.113) - na revisão de *Aenesidemus* a principal crítica implica a consideração de que o princípio da consciência de Reinhold envolve uma operação de síntese que é anterior à análise filosófica que posteriormente possa acontecer - "*If no consciousness is conceivable apart from these three elements, then they are of course all included in the concept of consciousness, and of course the proposition which asserts this is, with respect to its logical validity as a proposition based upon reflection, an analytic proposition. Yet since it involves distinguish and relating, this very action of representing, the act of consciousness itself, is obviously a synthesis, and indeed, the highest synthesis and the foundation of all other possible synthesis.*" *Early Philosophical Writings* (EPW, p.63);

¹¹ As objecções ao princípio da consciência de Reinhold delineadas por *Aenesidemus* foram atentamente consideradas por Fichte na sua revisão da obra com o mesmo nome. O que na WLnm aparece como solução a esses problemas - particularmente a reconfiguração do Eu como acto e não como facto - tem as suas reminiscências, acredito, desde 1794 (5 anos antes do seminário da *nova methodo*). Ou mesmo talvez em 1793 como expressa nesta carta a Stephani: "*[Aenesidemus] has overthrown Reinhold in my eyes, made me suspicious of Kant, and overturned my entire system from the ground up. One cannot live under the open sky. It cannot be helped; the system must be rebuilt. And this is what I have been faithfully doing for the past six weeks or so. Come celebrate the harvest with me! I have discovered a new foundation, out of which it will be easy to develop the whole of philosophy. Kant's philosophy, as such, is correct—but only in its results and not in its reasons.*" EPW, p.371;

construa mundo ao mesmo tempo que olha para esse complexo de interposição de planos.

O primeiro princípio de Fichte possui, assim, três características fundamentais: 1) tem a forma de um postulado (que é absolutamente necessário para a sistematização da filosofia); 2) é um acto (em vez de um facto que implicaria a regressão ao infinito - contra Reinhold); 3) consiste numa síntese progressiva (e não numa análise - contra Reinhold).

A oposição facto (*Thatsache*)/acto (*Thatandlung*) é a diferença estrutural da *Wissenschaftslehre* face a outros sistemas filosóficos. Tudo começa no Eu como *Thatandlung*, como acção efectiva. Há uma iniciativa própria, interior ao Eu, que permite desencadear a progressão sintética e estruturar o mundo dos fenómenos. O plano do facto dá lugar ao plano da acção. A consciência não deve ser considerada como um estado, como facto inerte, como objecto passível de escrutínio analítico como defendia Reinhold. Contrariamente, a consciência em Fichte é um complexo derivado da actividade interna do Eu que permite fixar a objectividade do mundo.

Importa ainda sublinhar que Fichte não nega a validade do princípio da consciência de Reinhold. Que na consciência a representação seja distinguida do sujeito representante e do objecto representado não é alvo de refutação por Fichte. De facto, quando considero a representação da mesa que tenho à minha frente existe a pressuposição dessa distinção. Mesa possui o seu carácter porque é inevitavelmente distinta do Eu. A notação da alteridade exige que o sujeito representacional seja diferente do objecto que é representado, caso contrário a pura coincidência de conteúdos não permitiria a identificação de algo diferente do Eu. Fichte não nega que seja assim mas considera que essa distinção na representação operada pela consciência surge como ocorrência tardia de uma cadeia de acontecimentos que caracteriza a representação. A distinção não é imediata e como consequência, conclui Fichte, o princípio da consciência de Reinhold não é o primeiro princípio e ponto arquimédico da filosofia.¹² Existe algo que lhe é anterior: a actividade do Eu.¹³

¹² Vale a pena recorrer à *Revisão de Aenesidemus* para iluminar este detalhe. Se ao longo da *WLn* não é negada explicitamente a validade do princípio da consciência - apesar do leitor poder ser conduzido a tal consideração já que Fichte assume uma posição de afastamento relativamente ao facto de tal princípio não poder ser o postulado filosófico que o método sistemático exige - na *Revisão*, por seu lado, Fichte assume mesmo a sua validade apesar de condicionada pela dependência de um princípio anterior. "This reviewer anyway is convinced that the Principle of Consciousness is a theorem which is based upon another first

§2 - POSTULADO DA WISSENSCHAFTLSEHRE NOVA METHODO. O OLHAR ATENTO SOBRE A ACÇÃO DO EU E DAS SUAS DETERMINAÇÕES. CONSCIÊNCIA IMEDIATA. ACÇÃO ORIGINAL E INTUIÇÃO INTELECTUAL.

Toda a representação particular é uma contração da totalidade daquilo que se pode representar. Representar mesa, por exemplo, é dirigir o cursor da actividade do Eu para um foco de especificidade, de determinação. Essa direcção implica tomar um rumo no horizonte alargado da possibilidade. Focar X implica desvinculação daquilo que não corresponde a esse X. Quando a consciência realiza a acção existe um modo de determinação peculiar (uma restrição representacional). Não consigo *"sentir tudo de todas as maneiras,/Viver tudo de todos os lados,/Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo..."*. Toda a acção é uma contração representacional. Todo o representar é imediatamente a tomada de um rumo representacional, uma direcção na actividade do Eu.

O ponto de vista da filosofia - proposto pela *Wissenschaftlehre nova methodo* - consiste em observar a acção do próprio Eu. Implica focar aquilo que, no modo da representação objectual fica na sombra, no silêncio dessa restrição. É interessante como Fichte assume que a acção do Eu se dilui no exercício de focagem de um objecto da mundaneidade. O Eu perde-se no horizonte da objectividade. Esquece-se de *Si* e do curso da sua própria actividade. A focagem de um objecto é uma tomada de rumo na direcção do olhar que paga o preço de perder o paradeiro daquele que está a ver. A acção do sujeito que representa fica em regime de opacidade perante aquilo que se destaca: este ou aquele objecto. Quando observo a parede ou o fogão perco-me nessa objectividade representada. O mecanismo específico da subjectividade implicada na representação permanece silenciosamente na penumbra.¹⁴

principle, from which, however, the Principle of Consciousness can be strictly derived, a priori and independently of all experience." EPW, p.64;

¹³ *"The Wissenschaftslehre proceeds in this manner as well, and it employs the term "Act" to designate its postulate."* WLm, p.110;

¹⁴ O esquecimento de Si no acto da representação objectiva apresenta importância vital no percurso de dedução sistemática da WLm. Encontramos apenas esta referência ao longo da obra mas é a justamente a focagem sobre o fenómeno do esquecimento que está implicada no repto lançado pelo postulado. Só consciente de que a actividade interna do Eu se perde na objectivação de conteúdos pode Fichte pedir para que pensem no conceito de Eu e na forma como esse Eu se determina a si próprio. O postulado é o mecanismo artificial para que cada um se possa *ver a si próprio* no curso da sua acção. *"Think of any*

O desvelamento daquilo que fica ocluído na representação de texturas exteriores é o objectivo fundamental do postulado da *WLnm*. *Pensa no conceito de Eu e pensa em ti próprio quando levas a cabo essa tarefa* é o repto lançado por Fichte que permitirá olhar para a acção particular da subjectividade. Partindo do princípio que o Eu se perde na representação de objectos exteriores, o postulado permite uma actividade específica de carácter auto-referencial: Possibilita que o Eu olhe para si quando pensa o seu próprio conceito.

A tomada de direcção do olhar - *olhar para lá* - é o que está fundamentalmente em causa no conceito de intuição para Fichte. O prefixo *An-* (*Anschauen*) expressa a direcção de uma actividade de determinação.¹⁵ Intuição é já o foco da actividade detalhada do Eu dirigida em certo sentido, com um horizonte específico de determinação. A intuição consiste na tomada de direcção do olhar e o conceito é o produto dessa direcção.

Assistimos, com Fichte, a uma mudança semântica crucial no conceito de intuição relativamente à tradição. Intuição não é a posse da presença inerte de um conteúdo, mas significa o próprio agir do Eu. Intuição é a direcção do olhar. Aquilo a que chamamos quotidianamente intuição é, na verdade, já um conceito (posse inerte de um conteúdo), a fixação de uma actividade de intuição.

A actividade do Eu é, assim, e mais detalhadamente esse *olhar para lá*. O Eu toma rumo na sua direcção. No caso da resposta ao apelo do postulado, o Eu, enquanto tal, tem identidade absoluta na condução desse olhar porque o rumo dirige-se para si próprio. O sujeito toma-se como objecto desse olhar. O que aparece à intuição é o conceito do Eu. A direcção da actividade no postulado é, portanto, auto-referencial.¹⁶

object at all - the wall, for example, or the stove. The thinking subject is a rational being; but, in thinking of this object, this freely thinking subject forgets about itself and pays no attention to its own free activity. But this is just what one has to do if one wishes to lift oneself to the view point of philosophy. In thinking about an object, one disappears into the object; one thinks about the object, but one does not think about oneself as the subject who is doing this thinking." *WLnm*, p.111;

¹⁵ Na tradução de Breazeale da *Wissenschaftslehre nova methodo* aquilo que parece definir o conceito de actividade é a sua presença na intuição. "*This activity is in an act of intuiting.*" (*WLnm*, p.111). Como se a actividade - que é sempre uma tomada de direcção no horizonte da possibilidade - fosse diferente da intuição *Anschauen*, a actividade como plano incluso à intuição. Aquilo que aqui se está a sugerir é que, dado o significado do prefixo *An-*, a actividade de tomada de direcção seja a intuição enquanto tal. Intuição é a actividade do Eu no fluxo da determinação.

¹⁶ "*Observing the I's activity is therefore observing the I's own coming about. Speculation consists in the philosopher's observation of the I constructing itself. In tracking the self-construction of the observed I*

Sujeito e objecto coincidem porque ocorre uma dobragem do Eu sobre si próprio para que se possa ver. É o eu inclinado sobre si que, no espectro da sua própria acção, se tenta perceber a si próprio. A estrutura que, por este processo se fica a conhecer, é a mesma que está ser lançada no próprio acto de conhecer. Se o Eu, por um lado, se perde na focagem de um objecto, o que agora tenta é que o objecto seja esse mesmo Eu que, apesar de se diluir na fixação do mundo, coincide, todavia, com o sujeito da acção. A auto-referencialidade da acção que está em causa no postulado é essa dobragem: o Eu que, na sua acção, tenta olhar sobre si mesmo.¹⁷

A actividade auto-referencial conduz à representação do processo de representar. O sujeito da investigação filosófica transcendental eleva-se a uma segunda ordem de inquirição. Se na representação de um objecto sou apenas consciente do mundo físico, na representação do processo de representar torno-me consciente do mecanismo específico do Eu, da própria actividade de representação.¹⁸

Fichte parece estar a sugerir que da intuição para o conceito existam duas possibilidades com consequências diferentes do ponto de vista da cognoscibilidade, dois fenómenos de direcção do olhar. Direcção no aparecimento (componente teórica), de objectividade. E uma direcção real (componente prática da actividade do Eu). O aparecimento nunca é sem acção e a acção nunca é sem aparecimento. Entenda-se a expressão *da intuição para o conceito* à luz daquilo que ficou definido a partir da mudança semântica assinalada: intuição é o curso da actividade e o conceito é o produto ou fixação dessa mesma actividade, a determinação. Perante a actividade em curso são sugeridas duas possibilidades: ou a formulação de um conceito da objectividade, do mundo (mesa,

under artificial conditions, the philosopher achieves a reconstruction of the I." Figuring the Self: subject, absolute, and others in classical German, p. 79;

¹⁷ "I am also thinking about something when I think about the I; but in this case the thinking subject and the object of thought cannot be distinguished from each other in the way they could be while I was still thinking about the wall. The thinking subject and the object one is thinking of, the thinker and the thought, are here one and the same. When I think about the wall my activity is directed at something outside of myself, but when I think about the I my activity is self-reverting; i.e., it is directed back upon the I." WLn, p.111;

¹⁸ Ainda que os termos da actividade auto-referencial propostos pelo postulado - *Pensa no conceito de Eu e pensa em ti nesse processo* - não estivessem ainda formalmente estabelecidos, é interessante considerar como já em *Concerning the Difference between the Spirit and the Letter within Philosophy*, um texto de 1794, Fichte sublinhava a necessidade de focar o acto de representar na investigação filosófica. "The only way that I can become conscious of the action of our mind is if this action of which we wish to become conscious is acted on in turn, that is, becomes the object of an action called "reflection". (...). The only way that I can become conscious of my own activity qua representing is by entertaining a representation of my activity of representing the physical world." EPW, p.201;

cadeira, livro...), ou a construção do conceito de Eu quando a actividade é auto-referencial.

No primeiro caso a representação é, portanto, objectiva. O conceito gerado dependeu de uma intuição em sentido gnoseológico em que, da actividade, se fixou a exterioridade. *Vorstellung* é conceito de representação para o *pôr representativo* dos objectos que salpicam a trama do aparecimento. É importante sublinhar que é neste modo de intuição que o Eu se esquece de si e não vê o seu próprio acontecer.

No segundo caso, aquele que é veiculado pela actividade auto-referencial, a intuição tem carácter intelectual e a representação é subjectiva - *Darstellung*. O que aparece como objecto é o sujeito da representação. Do postulado pode o Eu focar o acontecimento da sua própria posição. Agir é um *pôr-se* diacronico do *Si* no fluxo do acontecimento. A actividade auto-referencial é, portanto, a intuição da posição do Eu, a consciência imediata de Si.¹⁹

Curiosamente estes dois eixos mantêm-se separados até ao final da apresentação da tarefa do postulado causando no leitor a estranha sensação de que há um problema: se existem dois modos de intuição diferentes, num dos quais a actividade auto-referencial é a intuição da posição do Eu, como é que - se os eixos estiverem separados - da acção do Eu se poderá deduzir o aparecimento do mundo ao modo sistemático como requer a nova exposição da *Doutrina da Ciência*? Sem transição entre as duas polaridades da intuição o idealismo fichteano corre o risco de ter de recorrer à *coisa-em-si* para conseguir fixar a objectividade.

Fichte resolve imediatamente o problema assegurando que toda a representação é um acto de auto-posição.²⁰ É neste preciso momento que os dois pólos dos sentidos de intuição se unem e permitem vislumbrar o desenvolvimento subsequente da *Wissenschaftslehre nova methodo*. Não é só a actividade auto-referencial que envolve a posição do Eu. Toda a acção em geral envolve a auto-posição do sujeito. O curso da

¹⁹ "Thus, in this very act of consciousness, I posited myself as an actively thinking subject and the object of consciousness, and we thereby discovered the immediate consciousness we have been seeking. I simply posit myself. Such consciousness is called "intuition"; and intuition is an act of positing oneself as positing, not a mere act of positing." WLn, p.114;

²⁰ "Every act of representing is an act of self-positing. Everything begins with the I. The I is not a component part of the representation; instead, all representation proceeds from the I. All possible consciousness presupposes immediate consciousness and cannot be comprehended in any other way." WLn, p.114;

direcção do olhar implica que o Eu se ponha lá nesse rumo. O que acontece no caso particular da objectividade é que o Eu se esquece desse fenómeno posicional porque está fixado no *não-Eu*, na "perantidade" (mesa, cadeira, livro...). Mas esse esquecimento é apenas isso: esquecimento. O Eu está lá, mas não vê o que lhe está a acontecer, não tem um sentido preciso da carga tensional que ele próprio está a implicar na fixação da exterioridade.

O postulado é, na verdade, um mecanismo de petição artificial que permite ver que os dois eixos confluem num só: para a objectivação de X é necessária a reveberação permanente da componente auto-referencial da actividade, ainda que seja completamente opaca. O *Si* tem de olhar para a sua própria actividade para que possa compreender ou objectivar algo como não-Eu (mesa, fogão, parede). É a latência do Eu - permitida pelo eixo de auto-referência - que possibilita a objectivação.

A consciência de *Si* é, nesta perspectiva, a condição de possibilidade fundamental para a eclosão da consciência objectiva num modo de particular importância e especificidade: mais que um mediador do aparecimento, a autoconsciência – por um processo de exteriorização da interioridade - constitui o próprio mundo da realidade independente.²¹

A actividade interna do Eu é o acontecimento primordial para a cristalização da objectividade. É a partir da acção, que implica a autoposição do Eu, que qualquer representação pode iluminar o horizonte.

A representação de um objecto exterior implica, por isso, a intuição da acção que está a ser levada a cabo pelo Eu. Ou melhor, existe coincidência absoluta entre o objecto representado e o sujeito representacional.²² O objecto exterior não é mais que o reflexo de uma cópia da acção posicional do Eu. Veremos muito mais cuidada e detidamente -

²¹ "No significa sólo que conciencia de mí mesmo sea la condición de posibilidad o el medio a través del cual accedo a una conciencia del mundo (como si esta última fuera algo más que la autoconciencia, la desbordara, y llevara más allá de ella); significa más bien que es la autoconciencia misma, en cuanto tal, la que constituye en sí mismo la conciencia del mundo." Mallas que la autoconciencia teje: desde el actuar hasta el espacio y la materia (recapitulación y §§9-10.a), p.174;

²² "The identity of the posited object and the positing subject is absolute {and is what makes all representing possible in the first place}. It is not learned; it is not derived from experience. Instead, it is what makes all learning and all experience possible in the first place. The I is by no means a subject; instead, it is a subject-object. If it were a mere subject, then consciousness would be incomprehensible. If it were a mere object, then one would be driven to seek a subject outside of it-which one will never find." WLnM, p.114;

ao longo desta dissertação - como é que da intuição de um sentido interno se fixa o mundo.

O fenómeno de posição (*Setzen*) é, nas palavras de Günter Zöllner o termo genérico para designar a estrutura dinâmica, não-empírica e original do Eu. Tal significa que o Eu fichteano primordial não possui localização geográfica ou fixação temporal. É simplesmente acção. Todas as determinações de espaço ou tempo implicam uma substancialização do sujeito que é posterior à actividade. O Eu palpável e geoespacialmente definido precisa de um referente que se delimita a partir da acção. O corpo desenha-se através da actividade de posição do Eu.²³

Vale a pena retomar uma objecção - levantada pelo próprio Fichte - que nos permitirá uma incursão mais profunda ao núcleo da *Wissenschaftslehre nova methodo* e do problema que se está a desenhar. Pode defender-se – ainda assim e contra aquilo que acabámos de escrever - que tenha de existir um Eu substancial prévio à acção que a permita desencadear. O eu substancializado seria o fundamento da actividade porque parece haver necessidade de que seja anterior à própria acção. A mesma objecção, adianta Fichte, pode ser defendida relativamente à realidade objectiva: para que possa agir sobre um objecto tem de haver um objecto que possa ser alvo dessa acção. Encontramos, assim, duas direcções das objecções de carácter substancial: uma delas relativamente à anterioridade da substância subjectiva (Eu) e outra que diz respeito à anterioridade da substância objectiva (Objecto).

Fichte responde apenas à objecção da substância subjectiva sendo possível pressupor que a mesma defesa seria avançada relativamente ao problema da anterioridade do objecto. Fichte assegura que é a representação da acção que tem a cláusula da precedência. Que é o *Si* no curso da sua acção que se determina como substancialmente necessário. É dentro da acção que o Eu se requer como substância desencadeante da acção. É já no decorrer da acção que a cláusula de anterioridade está a ser posta. A estrutura da acção põe o pressuposto do eu como substância e isso no decorrer explícito

²³ “The generic term he employs to designate the nonempirical dynamical structure underlying all empirical representing is that of “positing” (*setzen*)”. Figuring the Self: subject, absolute, and others in classical German, p. 77;

da própria acção.²⁴ É na acção que se põem as cláusulas. Os momentos de pressuposição são indisponíveis à acção (no seu acontecimento).²⁵

A acção é o acontecimento primordial da consciência e é o derradeiro argumento para o problema da regressão *ad infinitum*. É na acção enquanto tal que se situa a coincidência entre sujeito e objecto. O Eu põe-se simplesmente e é no acontecimento da sua posição que se dá a irrupção da consciência através de um mecanismo de focagem dessa posição. O *Si* põe-se a pôr. A consciência imediata é a matriz da coincidência entre a acção e a consciência dessa mesma acção. Através da consciência imediata o *Si* percebe-se como sujeito e objecto da consciência. Intuição corresponde, portanto, ao acto de o *Si* pôr o seu acto de posição.

Este tipo de intuição peculiar que permite *olhar para o acto de ver* é a intuição intelectual. Relembremos os dois pólos que focámos anteriormente e relacionemo-los com o ponto em que agora nos encontramos. Foi dito que o fenómeno da intuição podia ter dois sentidos diferentes: um sentido objectivo - caracterizado pela intuição da perantidade, do mundo, intuição exterior; e um sentido subjectivo - intuição da subjectividade, da acção do Eu, intuição auto-referencial. O que agora nos é dado a perceber é que os dois eixos caminham necessária e paralelamente. A intuição exterior requer a contínua intuição do actividade do Eu que, como vimos, é sempre um acto de

²⁴ A tese da acção como cláusula necessária e anterior para a constituição da objectividade é sublinhada também por Frederick Neuhauser. Não existe substância objectiva prévia ao contacto com o Eu, disponível e possibilitadora da representação. É antes a actividade que permite a representação e o aparecimento de entidades coisais. Os objectos são, assim, expressão da actividade interna do eu: “*Not only does the subject not exist prior to actual consciousness, it in no case comes to share one of the features characteristic of things (not just things in themselves, but empirical objects as well) – namely, that they go on existing independently of any consciousness of them. This point can be seen as a denial of the claim that subjectivity can be understood in terms of the concept of ‘substance’. That is, the subject is not to be conceived of as a kind of enduring, underlying substrate that “has” its representations in the way that a substance has properties. On the view Fichte espouses, the only way in which the subject can “have” representations is by being aware of them as its own, by referring them to itself through in act of intuiting, without which there would be no subject to apprehend.*” Fichte’s Theory of Subjectivity, p.110

²⁵ A precedência da acção permite o encadeamento da progressão sistemática sem depender de um factor externo à consciência. A actividade do Eu é o elemento desencadeante dessa progressão permitindo rejeitar liminarmente qualquer influência da coisa-em-si. A atribuição de estatuto independente que caracteriza a experiência é devedora da acção, é-lhe posterior. A fundamentação da consciência a partir da exclusiva acção do sujeito permite o distanciamento radical do dogmatismo. “*Fichte’s choice of the pronoun for the first person singular, “I”, to designate the idealist ground of experience is best understood in this context of a radical rejection of dogmatic, thing-oriented philosophy. Fichte’s account of the intelligence as the ground of representations systematically avoids the language of “things”. Even the Cartesian notion of a “thinking thing” (res cogitans) cannot do justice to the pure actuality of the intelligence. Yet the I considered as the nonempirical ground of experience is also entirely removed from the spatiotemporally located person or individual customarily designated by the pronominal “I”.*” Figuring the Self: subject, absolute, and others in classical German, p. 77;

posição. A intuição intelectual - *olhar para o acto de ver* - é condição indisponível da irrupção da exterioridade. Não há projecção do exterior sem a intuição do acontecimento da interioridade proporcionada pela intuição intelectual.²⁶

A actividade do Eu é o acontecimento da interioridade que permite a eclosão da consciência mas que precisa da interposição de um plano adicional que torne essa actividade passível de conceptualização (relembremos que à luz da transformação semântica de Fichte não intuimos objectos. Tais objectos são já conceptualizações. A única intuição que possuímos é da actividade de posição do Eu, que para a construção do mundo carece de exteriorização). A representação objectiva é uma fixação da actividade interna do Eu. Sem essa fixação não haveria consciência.

Actividade e repouso são, por isso, conceitos que só se compreendem reciprocamente. Não há actividade sem repouso, sem fixação; nem repouso sem actividade. Actividade corresponde à execução de um movimento que só é captável a partir da negação da fixação. Do mesmo modo, todo o repouso é fixação de uma actividade porque só está fixado aquilo que outrora esteve em movimento. A forma geral da acção corresponde à execução ou tomada de rumo que só é compreendida na latência permanente da noção de repouso. Tomar um rumo é deslocar-me de um ponto para outro. Esses pontos de repouso são condições de possibilidade da acção: sem *terminus a quo* e *terminus ad quem* não é possível o encaminhamento. Agir é seguir um curso de acção desde o ponto de partida e que está orientado, ao mesmo tempo, pelo ponto de chegada. O *Si* desloca-se daqui para lá. *Daqui e para lá* representam entidades fixadas que estão nos limites da própria acção e sem as quais não é sequer possível pensar o fenómeno da actividade.

Daqui deduzimos dois momentos internos da estrutura da actividade que são desdobramentos da componente da fixação e sem os quais não é possível pensar a consciência. O bloqueio de uma acção corresponde a um bloqueio proporcionado pelo

²⁶ "The I simply posits itself, {that is to say, without any mediation at all. It is at once subject and object}. In other words, that the I posits itself within immediate consciousness as a subject-object is itself something that occurs immediately, and no reasoning can go beyond this. Reasons can be provided for all the other specific determinations that occur within consciousness, but no reason can be given for immediate consciousness. Immediate consciousness is itself the ultimate reason or foundation upon which everything else is based and to which everything else has to be traced back, if our knowledge is to have any foundation. We must possess some knowledge of this ultimate ground, for we are able to talk about it. We obtain this knowledge through immediate intuition, and, in turn, we immediately intuit our immediate intuition itself. I.e., we have an immediate intuition of intuition. Pure intuition of the I as a subject-object is therefore possible. Since pure intuition of this sort contains no sensible content, the proper name for it is "intellectual intuition." WLn, p.114-115;

exterior mas que, no sentido estreito da actividade de autopoisição é algo que tem de ser encontrado dentro de si. O bloqueio é exterior mas descoberto na interioridade.

Assim, aquilo que surge como repouso da actividade aparece ao eu, por um lado, como *estando-lá-na-posição-de-si-mesmo*, algo que está presente ao fenómeno de posição do Eu com carácter de objectividade e que o bloqueia, e por outro lado, como algo que é encontrado dentro do acontecimento de posição. *Vorhandenheit* e *finden* identificam, respectivamente, estas duas condições de possibilidade fundamentais da actividade: algo cuja presença obstaculiza a actividade e que carece, ao mesmo tempo, de fixação a partir da subjectividade e que, por esse motivo, é encontrado na focagem do movimento de autopoisição de si. Encontrado no curso da intuição intelectual.²⁷

A pura presença de si de uma entidade exterior é correlativa da sua descoberta no espectro da egoidade. As duas componentes da acção permitem explicar o motivo pelo qual Fichte, no final do §1, se refere à intuição como expressão que, dentro da *WLnm*, deva sempre possuir dois sentidos diferentes, mas correlativos: a intuição é subjetiva (que o sujeito tem) e, ao mesmo tempo, objectiva (em que o Eu é tomado como objecto).²⁸ *Vorhandenheit* e *finden* são componentes indispensáveis da acção que, a partir da articulação sistemática da *nova methodo* têm de estar presentes também na consciência (que não é mais que a expressão da actividade da posição do Eu).

Existe uma terceira condição necessária na irrupção de uma actividade que tem de ser identificada e que se mostrará particularmente importante para compreender o fenómeno fichteano da sensibilidade, as suas consequências e diferenças relativamente à tradição. Agir é tomar um rumo, efectuar uma escolha no campo aberto da possibilidade. Podemos assumir que determinar uma direcção implica excluir todas as outras. Se imaginarmos a acção como um cursor que aponta apenas numa determinada

²⁷ "But they are different in that, in the first case, the I's activity is directed within itself and has as its object that self whose act is this very activity; whereas, in the second case, the activity of the thinking subject must have as its object something in a state of repose, something that does not posit itself (at least not in the same sense in which the I posits itself). (...) This object is something that is present for the self-positing (Vorhanden) I we are currently considering. The self-positing I simply encounters (finden) it. It does not find it to be a product of its own activity. Instead, the I finds this object to be a product of necessity, though the necessity in question is itself conditional, since it arises only because the I has first posited itself." *WLnm*, p.124;

²⁸ "(The word "intuition" is here employed in both the subjective and the objective sense. For intuition can mean two different things: (a) it can refer to the intuition that the I has, in which case the I is the subject, the intuiting subject; or (b) it can refer to the intuition that is directed at the I, in which case the intuition is objective, and the I is the intuited object. Here the word is employed in both senses at once.)" *WLnm*, p.119;

direcção de todas as possíveis chegamos facilmente à conclusão a escolha exclui alternativas. A direcção é uma escolha no mar de alternativas, é um segmento no vasto campo dos possíveis.

Imaginemos um eixo de 360° que corresponda ao campo de possibilidade de acção. Quando o ponteiro que guia a acção opta por escolher a rota orientada pelo 20° grau estamos perante uma determinação montada sobre uma esfera de determinabilidade. O determinável é o que é dado como campo de possibilidade, o determinado é o que se estabelece quando a acção está já orientada por um rumo.

O fenómeno da determinação de uma actividade tem de nos levar a pensar sobre o que significa propriamente essa orientação. Que significa, portanto, 20°? A conclusão a que chegamos é que toda a orientação pressupõe a reveberação permanente de todos os possíveis. Determinar é uma restrição da esfera do determinável, uma contração do horizonte daquilo que é possível. Escolher A significa de facto escolher A, mas muito mais que isso: escolher A e não-B, não-C, não-D... não-tudo mais que possa ser possível.

Qualquer actividade só consegue ser claramente identificada por contraposição já que é uma tomada de direcção específica a partir da esfera dada da possibilidade. Enquanto restrição de um prisma alargado a caracterização de uma acção implica a latência daquilo que não é. Escolher Norte é optar por não-*todos-os-outros-pontos-cardeais*.²⁹

A presente parágrafo tentou explorar o conceito de actividade e as suas implicações dentro da exposição da *nova methodo*. Efectuou-se um mapeamento das suas condições de possibilidade: Actividade não é compreendida sem repouso (bloqueio pela presença de um conteúdo - *Vorhandenheit* - que é correlato de um encontrar dentro de si - *finden* -) e sem o fenómeno de contraposição. Voltamos a sublinhar a importância vital das condições de possibilidade da actividade já que, pelo sistema de encadeamento sistemático, são também as da consciência. Veremos como todos os planos se cruzam.

²⁹ "But the determinate activity may not be posited unless the opposed activity, from which the determinate activity is extracted, is also posited along with it. An act of self-positing can [not] be understood unless an act of non-self-positing is posited along with it. This follows from what was said above; but it is also a consequence of the nature of intuition itself. One does not and cannot think clearly of anything at all without also thinking at the same time of its opposite, {i.e., without negating its opposite by thinking "it cannot and should not be this." WLn, p.123;

SECÇÃO II

§3 - ACTIVIDADE. AGILIDADE, MOVIMENTAÇÃO E AUTOPOSIÇÃO. PRINCÍPIO DE TUDO.

A secção anterior tentou uma aproximação a pontos fundamentais da filosofia fichteana naquilo que de original possui relativamente à tradição. Vale a pena sublinhar alguns detalhes: posicionámos Fichte em triangulação com Kant - Reinhold e Schulze (alegado autor de *Aenesidemus*). A Reinhold é-lhe devida a ideia da necessidade de fixação da filosofia a um primeiro princípio para a possibilidade da sua apresentação num modelo dedutivo com inteligibilidade sistemática. Reinhold assume a charneira dessa tarefa e desenvolve, como vimos, o princípio da consciência. A originalidade de Fichte parte justamente dos desenvolvimentos de Reinhold argumentando, por seu lado, que o princípio de Reinhold não é primordial mas determinado por algo anterior.³⁰ A cisão com o princípio da consciência é motivada pela leitura de *Aenesidemus* e o afastamento para o qual chamamos a atenção é patente na recensão que Fichte escreve da mesma obra logo em 1794.³¹

Se pudessemos esboçar as coordenadas geográficas de Fichte relativamente à tradição filosófica diríamos que: de Kant recebe o apelo da filosofia crítica e a consequente oposição ao dogmatismo, de Reinhold a necessidade de sistematização e dedução - a partir de um princípio fundacional - das investigações de Kant; e de *Aenesidemus* o mote para a investigação de um princípio alternativo ao que é sugerido por Reinhold.

³⁰ A oposição ao princípio da consciência por Fichte não anula a gratidão que sente relativamente a Reinhold. Fichte reconhece-se devedor das suas investigações e isso é bem visível na sua correspondência. Serve a título de exemplo: "*The review of Aenesidemus in the Allgemeine Literatur-Zeitung (a review of which I am the author) will have indicated to things which I wish to be equally obvious to you: first, how highly I value your inquiries and how much I owe to you; and second, where along that path which you have so laudably pursued I believe I have to go further.*" To Reinhold, March 1794; EPW, p.375;

³¹ "*Philosophy must therefore begin, not with a principle of mere consciousness, but with self-consciousness; not with any fact, but with an Act. Here, in the self-positing activity of the I, we encounter that which Kant's results seemed everywhere to presuppose but nowhere to acknowledge explicitly and unambiguously: the point of unity between thought and being. Once this has been clearly grasped and adopted as the starting-point of philosophy, then skeptical objections like those of Schulze/Aenesidemus—objections that ultimately rest upon the charge that the Critical philosophy depends upon an illicit move from subjective to objective necessity, from thought to being—can be laid to rest once and for all. Understood as an Act of self-positing, the I is no mere thought nor idea; it is an idea that is at the same time its own realization.*" Thinking through the Wissenschaftslehre: Themes for Fichte's Early Philosophy, p.38;

O presente parágrafo tentará delimitar mais precisamente o trabalho de Fichte na construção de um princípio para a sua *Wissenschaftslehre* que correspondesse adequada e satisfatoriamente à posição que ocupava entre os autores mencionados.

A tarefa proposta pelo postulado da *nova methodo* permite perceber que o *Si* é, originariamente, acção. *Pensar sobre o conceito de Eu e pensar-mo-nos enquanto pensamos isso* representa a abertura à possibilidade de o *Si* se compreender como acto. Mas não como acto em regime de sujeição exterior. Pelo contrário, sublinhar que o *Si* se percebe originariamente como acção significa dizer que essa acção radica exclusivamente nele. O Eu é o propulsor de si próprio. O espectro da acção acontece na interioridade do sujeito. A acção do Eu corresponde ao desencadear de uma iniciativa que radica apenas no sujeito. O postulado permite observar a faculdade que o *Si* tem para a iniciativa prática.

O *Si* é, por isso, portador de uma capacidade para a assumir rumos. O postulado é uma pressuposição requerida do ponto de vista especulativo para que haja esta clarividência, retirando do anonimato o primado da acção que caracteriza a subjectividade.

A acção interna do Eu é aquilo que permite a irrupção da consciência imediata. O Eu tomado como sujeito-objecto exprime a intrincada relação que o *Si* tem consigo. Como vimos na secção anterior e analisaremos mais detalhadamente no capítulo a respeito da intuição, é crucial que o Eu enquanto *Tathandlung* seja testemunho de si. A consciência precisa dessa dobragem do Eu sobre si próprio para que se tome como objecto para a intuição. Mas o que existe de fundamental nesta perspectiva e que requer toda a nossa atenção é que essa dobragem testemunhal do Eu (*tomar-se-como-objecto-na-intuição*) acontece na expressão da actividade desse mesmo Eu. O *Si* foca-se no curso da acção. Tal significa que o acontecimento primordial e originário é a actividade.³² Só no curso da acção pode o *Si* requerer a observação e tomar-se como objecto para o olhar. Sem acção não existe nada que observar. A acção enquanto tomada de rumo permite a

³² "(...)Nor does the *Wissenschaftslehre* accept the sharp, Kantian dichotomy between intuiting and thinking. Instead, Fichte purports to be able to explain objective experience (awareness of a manifold of "representations accompanied by a feeling of necessity") entirely in terms of the activity of the I." Thinking through the *Wissenschaftslehre*: Themes for Fichte's Early Philosophy, p.59;

movimentação e é na movimentação - ou melhor, no olhar sobre si que acontece na movimentação - que o *Si* representa a alteridade.³³

A acção é, mais especificamente, agilidade: um movimento de passagem que permite a representação de estados. Aquilo que Fichte identifica como consciência corresponde a momentos de determinação ou de estados da subjectividade que, como verificamos, só são concebíveis no encaminhamento perpétuo do Eu. É no encaminhamento ou, se preferirmos, no curso da acção, que é possível determinar o que quer que seja que pertença ao que identificamos como mundo. A exterioridade é moldada em regime de dependência da esfera do sujeito. Só o *Si* tomado como objecto pode descobrir os momentos de determinação (*estados-de-si*) que constituem a experiência, mas a montante está a acção indispensável da interioridade.

Se pensármos na consciência objectiva como foz de um rio, percebemos, por um lado, que os objectos são o resultado final de um processo de ocorrências sistematicamente encadeado e, por outro lado, que a acção corresponde à nascente desse rio. É tanto da acção que brota a consciência como da nascente se gera o rio. Sem nascente não há curso de água da mesma forma que sem actividade não existe consciência.³⁴

O idealismo defendido por Fichte sustenta a actividade do Eu como alicerce estruturante da consciência. A actividade originária do *Si* é o princípio de tudo, o propulsor de qualquer representação.³⁵ Mais que propulsor ou catalizador a acção simboliza a própria condição de possibilidade do horizonte representacional. A actividade do Eu é o meio pelo qual a representação acontece.³⁶

³³ "Acting is, so to speak, "agility," a movement of inner or spiritual passage. Within consciousness, this agility is opposed to a passive state of stability or rest. On the other hand, I can be conscious of this state of repose only to the extent that I am conscious of activity. One must, therefore, observe acting and repose simultaneously in order to be able to observe either of them individually. Indeed, it is only through opposition that it is possible to obtain a specific and clear consciousness of anything whatsoever." WLn, p.116;

³⁴ "All consciousness is mediated by the self-positing of the I, and everything that occurs [therein] is a product of the I's activity." WLn, p.122;

³⁵ "Idealism presupposes the previously mentioned free activity as its first principle, on the basis of which it must then explain everything else; but this principle itself cannot be explained any further." WLn, p.95;

³⁶ "The human mind or spirit is activity and nothing but activity. To become acquainted with it means to become acquainted with its acts, for it contains nothing else with which one could become acquainted. (...). We want to know how the spirit acts. We can learn no more about the spirit than this, and there is nothing more there which could be learned." EPW, p. 200-201;

Esta linha de argumentação não é isenta de consequências para o exercício especulativo. O ponto de vista habitual, ainda que tente pensar a objectividade montada sobre a moldura representacional, não deixa de presumir que existem representações de que não depende a intervenção do sujeito. Algumas delas são mesmo acompanhadas por uma sensação de necessidade. Que qualquer triângulo seja representado com três lados ou que tenha de acontecer que a soma dos seus três ângulos seja 180° parece ser absolutamente necessário para que possa representar qualquer triângulo. Essa necessidade apresenta-se ao ponto de vista quotidiano com detalhes de independência relativamente ao sujeito representacional. Ou seja: é tão certo e necessário que um triângulo tenha de ser assim representado que tais condições tenham de pertencer ao carácter da *triangulidade* enquanto tal, do ser triângulo em geral, e não de mim enquanto fonte da representação.

Acontece que Fichte inverte completamente o modo do olhar habitual sobre o fenómeno da representação incluindo, obviamente, as representações que possuem carácter de necessidade. E isso só é possível a partir da derivação do acontecimento da representação sobre o pressuposto da actividade. Se a génese do acontecimento da consciência é a acção do *Si*, a acção livre da esfera da interioridade, então toda a representação é elaborada no curso dessa mesma actividade. O fundamento das representações com carácter de necessidade não é o exterior ou a *coisa-em-si*, mas antes o acção originária do Eu. Toda a representação é um produto da actividade, é o resultado de uma pilotagem, de um rumo, é um feito que foi feito no espectro de um fazer.³⁷

O mundo é acontecimento de expressão da actividade do Eu. A consciência fichteana não requer a exterioridade para fundamentar a consciência objectiva. A linha de argumentação é exactamente inversa: é da actividade que se explica a consciência e a alegação de que há mundo para além do Eu.³⁸

³⁷ "To be sure, consciousness includes representations accompanied by a feeling of necessity; or rather, the representing subject is conscious of what is present accompanied by a feeling of necessity. But whatever the representing subject might be, it is such only by means of its spontaneous self-activity, and thus, even those representations that are accompanied by a feeling of necessity are products of self-activity." WLn, p.97;

³⁸ "It is not correct to think that the I becomes conscious by means of something else. The I is nothing but its own activity. The representing subject is identical with its own self-activity, which constitutes its very

A nossa investigação conduziu-nos à consideração de que o Eu é, originariamente, actividade. É importante movermos agora a nossa atenção tentando averiguar o modo específico dessa acção. A pergunta pela acção tem de dar lugar à inquirição sobre o modo dessa mesma acção. Qual é o movimento específico do Eu na esfera da acção originária?

O plano da existência de representações com carácter de necessidade quando cruzadas com o plano do alargamento colossal e transversal da esfera da acção interna do sujeito conduz a um resultado crucial: a actividade do Eu é, mais especificamente, uma actividade de autoposição.

Na secção I tinha já sido esboçada a noção de posição mas torna-se agora mais claro aquilo que aí estava em causa. Dizer que a actividade do Eu é um acto de posição significa afirmar a existência de uma forma particular da ocorrência originária do sujeito. Na actividade o *Si* age segundo determinadas leis, mais propriamente as suas leis. A acção do Eu não é uma forma genérica e alargada de desformalização; pelo contrário, o seu acontecimento admite um determinado horizonte de especificidade que está delimitado pelo próprio *Si*. Essa delimitação acontece, em larga medida, pelo facto do movimento originário ser sempre um acto de posição. O *Si* está aí, com toda a sua carga factorial, no seu próprio movimento. A acção é interior à esfera de acontecimento do Eu e isso reveste o seu desenrolar com carácter necessário e não aleatório.³⁹ Se recuperármos a metáfora do rio percebemos que a sua corrente depende da água que o caracteriza. É o curso da água que propulsiona o seu encaminhamento. Ainda que o caminho que percorra seja influenciado pela topografia geográfica que lhe seja adjacente, a água parece fluir como causa de si. Da nascente brota a força geradora do movimento que se propaga pela totalidade do seu curso. Tal força é determinada originária e primariamente pelas suas características internas que podem assumir outras formas quando conjugadas com estruturas adjacentes ao curso de água. Mas a expressão fundamental tanto do *Si* como do rio só podem ser concebidas a partir de uma acção que consiste na posição de cada um no agir enquanto tal. O *Si* está imediatamente na acção. O *Si* é a acção. A acção é apresentação do *Si*.

essence; and thus, in every specific situation, its essence consists in a certain, specific self-activity." WLn, p.97

³⁹ *"The first act of thinking of the I was an instance of free acting, but a necessary mode of acting follows from this."* WLn, p.126;

Torna-se mais explícita a argumentação de Fichte ao defender que as representações com carácter de necessidade encontram a sua raiz na esfera da subjectividade. Precisamos apenas, como vimos, de pensar a actividade como acontecimento de autoposição. Ora se a actividade é o denominador comum e indisponível da consciência e, por maioria de razão, de qualquer representação, e se essa mesma actividade é sempre um acontecimento de posição do *Si*, então as representações com carácter de necessidade derivam daquilo que está envolvido nesse agir posicional. E aquilo que está presente na posição da subjectividade é a carga de determinações que caracterizam o sujeito. O *Si* representa o mundo dentro dos limites que o definem.

Os juízos sintéticos *a priori* - recuperando a terminologia kantiana - são a evidência daquilo que se está a defender. *Que uma recta seja a distância mais curta entre dois pontos* é consequência da forma de representação peculiar do Eu. É o acto de posição do *Si* que determina uma forma específica de apresentação da espacialidade permitindo derivar o juízo sintético *a priori*. Não existe outra forma de representar uma recta porque a representação que possuímos do espaço é antropologicamente euclidiana. Tal não significa que não existam outras possibilidades para a conceptualização do espaço - multidimensionalidade, por exemplo - apenas que *o olho humano* não o consegue representar. A impossibilidade de representação de um espaço com mais de 3 dimensões aponta para a derivação das características do espaço a partir da actividade enquanto acontecimento de autoposição do Eu. É a limitação originária do Eu que está presente na posição do sujeito que conduz a modos peculiares de representação.⁴⁰

Aquilo que está subjacente à actividade do Eu como acto de posição originária de si é a apresentação permanente da finitude. O Eu que age por autoposição está delimitado pelas suas indiossincrasias. Existe uma disposição fundamental para acção porque é o

⁴⁰ A dedução do espaço na WLnm é pensada, como não poderia deixar de ser, a partir da actividade original do Eu. É imediatamente clara a diferença com Kant que considerava a existência de formas puras da intuição, nomeadamente o espaço e tempo. A exposição metafísica dos conceitos de espaço e tempo na Crítica da Razão Pura faz pensar as formas da intuição como estruturas fundamentais da consciência com características vinculadas ao acto de representar. A versão de Fichte está nos antípodas desta tese: espaço e tempo são derivados da acção do Eu: "*Kant does not say that space is given; he says that something lies at the basis of our sensible representations, that there are noumena. He has not clearly explained himself on this point. He calls this [that is, what lies at the basis of sensible representations] 'something.' But [in fact] this is not something that possesses being; but rather [it is] acting.*" WLnm, p.243. A actividade e agilidade são intuitas, originariamente, como linhas em tantas direcções possíveis como as que constituem o espaço vazio. O espaço é traçado como uma linha em múltiplas direcções possíveis: "*But the [purely determinable] power [we are now discussing] must contain within itself every possible line; therefore, the schema of acting {in general, as a mere power,} must be an act of drawing lines in every possible direction. This is space, and indeed, empty space, though it is never present as such; something is always placed therein.*" WLnm, p.239;

Eu que está em curso na travessia de qualquer actividade. Mas essa acção tem um detalhe específico de ocorrência que encontra a sua fixação no Eu. A actividade é, por isso, a expressão da finitude do sujeito. A consciência, o horizonte que se abre à representação, tem as suas raízes numa actividade livre, por poder ser desencadeada internamente, mas ao mesmo tempo limitada pela especificidade que caracteriza o *Si* a que chamámos finitude. Se a acção não fosse um acto posicional consubstanciado pela apresentação do Eu nessa travessia, então o horizonte da representação estaria aberto a qualquer possibilidade. A ausência de restrição caracterizaria o acontecimento humano.

A experiência a que temos acesso revela que existem critérios ou regras no apresentado. Há uma determinada permanência, um certo modo de ser do que temos perante e isso justifica a derivação especulativa da consciência através da actividade, de um modo particular de actividade como posição de *Si* que carrega consigo a finitude, a restrição no aparecimento.⁴¹

Deste parágrafo desenhamos a conclusão crucial de que a actividade originária é um acontecimento de autoposição de si. Acontecimento que é, por esse motivo, expressão da finitude do Eu porque se encontra circunscrito aos limites da subjectividade. Liberdade e necessidade encontram-se no fenómeno de posição do Eu porque se, por um lado, o *Si* tem a capacidade de assumir direcções no curso da sua acção, tais rumos são, por outro lado, implicados por um determinado modo de ser.⁴² A liberdade e necessidade que caracterizam o Eu não são paradoxais, antes se encontram no acontecimento primordial da subjectividade implicando-se mutuamente.⁴³

⁴¹ *"The necessary finitude of the I. A "beginning" is only just that; and reflection reveals that the original fact/act of consciousness postulated by the Jena Wissenschaftslehre cannot constitute itself as such unless something is given to as well as simply posited by the self-positing I. What is given to the I, according to Fichte, is nothing other than its own original boundaries or limitations as a finite I."* Thinking through the Wissenschaftslehre: Themes for Fichte's Early Philosophy, p.115;

⁴² *"Freedom and necessity are already present in the first type of acting, that is, in the act of self-positing."* WLnM, p.99;

⁴³ *"The first, absolutely free and unconditioned instance of acting {considered within idealism} is the self-positing of the I. Another type of acting might then follow as a necessary consequence of this first acting; and if so, one could then say that this second type of acting is "necessary"- not absolutely necessary, to be sure, for its necessity would be conditioned. Freedom and necessity are already present in the first type of acting, that is, in the act of self-positing. It is possible for one to reflect upon objects rather than upon oneself. I am free to do either, but when I do reflect upon myself, I can do so only by means of a self-reverting activity."* WLnM, p.98-99;

§4 - ACÇÃO E RESISTÊNCIA. SENSIBILIDADE: TODO O SENTIR COMO UM SENTIR-SE. O FENÓMENO DO DECALQUE.

Os parágrafos anteriores tentaram clarificar o significado fichteano de actividade na *WLnm* socorrendo-nos, ao mesmo tempo, de outros textos que permitiram uma abordagem mais precisa. Compreendeu-se tal fenómeno como um fluxo de autoposição da subjectividade, como movimento de contínua posição do *Si* perante si carregando e exprimindo as suas determinações.

O aparecimento daquilo a que chamamos mundo, a consciência da existência independente, surge do encadeamento sintético de momentos fundamentais a partir fenómeno da actividade do Eu. Sensação, intuição e conceptualização são esses momentos para os quais chamamos a atenção e chega agora o momento de focagem do primeiro.

A sensação é adjectivada por Fichte, já em 1794, como a matéria de toda a representação.⁴⁴ A imaginação produtiva, laborando sobre o dado veiculado pela sensibilidade, permite o seu aparecimento à consciência. O modo operativo da imaginação não é, neste ponto, o objectivo da nossa investigação, mas conseguimos, por esta via, salientar a ideia daquilo que de fundamental possui a sensação enquanto matéria-prima da representação. A doação sensível é o dado em bruto que será posteriormente moldado pela imaginação. A sensação é o primeiro momento da cadeia sintética a que os elementos posteriores, por se encontrarem em regime de necessária reciprocidade, se reportam. Sem sensação não existe possibilidade de articulação dos demais. Sem sensação não há, portanto, mundo ou irrupção da consciência.⁴⁵

Que a doação sensível seja o *quantum* mínimo da representação não parece ser novidade na tradição filosófica - basta olharmos para a estética transcendental da primeira Crítica de Kant ou, eliminando o espectro representacional, para os textos de Locke, - o que é absolutamente surpreendente em Fichte é a forma como a sensação é pensada a partir do

⁴⁴ "This is in fact the case. That which the imagination shapes and presents to consciousness is found in feeling. Feeling, which I neither can nor should explain at this point, is the material of everything which is represented. Thus spirit as such, or productive imagination, may be described as a capacity for raising feelings to consciousness." EPW, p.194;

⁴⁵ "No intuition would be present without feeling, and intuition would necessary follow from feeling." WLnm, p.191

fenómeno da actividade do Eu e não em regime de dependência de identidades exteriores. Locke e Kant distanciam-se de Fichte neste detalhe crucial: o último anula a dependência da exterioridade que está directamente exposta no empirismo do Locke e tacitamente implicada em Kant. A par da actividade representacional e, se quisermos, construtora do sujeito, o *quantum* mínimo é uma propriedade do objecto que afecta.⁴⁶ Sentir vermelho é, para Kant, ser afectado pela qualidade de vermelho. O mesmo não se passa em Fichte. Veremos como e porquê.

É no §6 da *WLn* que a sensação surge postulada a par da actividade. O Eu, compreendido na sua componente eminentemente prática, é um contínuo movimento de propagação de si. Mas essa propagação segue uma coordenada particular. A subjectividade como *Tathandlung* é um fluxo determinado porque segue uma direcção específica. A acção do *Si* é vectorial, o seu encaminhamento segue uma rota entre várias possíveis. O *Si* não é um acontecimento de dispersão, mas um feixe que se propaga num sentido. O sentido tomado pelo sujeito no curso da sua actividade prática é um acto de liberdade. O *Si* escolhe o rumo que quer tomar, escolhe o curso da sua direcção. Liberdade significa, portanto, escolha de um rumo na pilotagem prática.⁴⁷

O rumo da pilotagem prática - devedora da compreensão do *Si* como actividade de autoposição - é orientada por um conceito de finalidade para acção. Aquilo que orienta a direcção do *Si* é o fim para o qual se move. Tal fim surge em forma de conceito. Escolher um rumo compreende uma orientação motivada pela exigência de uma finalidade: *de um querer ir por ali*. A ideia defendida por Fichte é a de que a actividade do Eu não é aleatória ou indeterminada. A actividade possui especificação porque é *nortead*. A direcção tomada pelo *Si* está magnetizada pelo conceito de finalidade.

⁴⁶ “Kant starts by presupposing the existence of a manifold which may be absorbed into the unity of consciousness. Given the standpoint he adopted, this is the only assumption with which he could have begun. Kant thereby established the specific character of the theoretical part of the *Wissenschaftslehre*. This is all that he wished to establish, and thus he was justified in proceeding from the particular to the general. It is indeed possible to explain in this manner a collective universal, a whole constituted from previous experience and unified by the application of one set of laws. But an infinite universal, an experience which continues into infinity, cannot be explained in this way. No path leads from the finite to the infinite.” EPW, p.245;

⁴⁷ “We have seen that we are in a position to intuit our practical power only as acting, and moreover, only as conditioned by a previously constructed concept or goal.” *WLn*, p.167;

Movo-me em função deste fim particular. Ter um querer significa poder formular um conceito para a acção, construir uma finalidade, nortear um rumo prático.⁴⁸

O conceito de fim, podemos dizer, é aquilo que permite o irromper da movimentação, é o catalizador da travessia que caracterizámos como acção. Se assim for e tendo em conta que a autoconsciência é um processo que envolve actividade do Eu, o conceito de fim representa também a possibilidade da consciência do mundo. A importância da finalidade prende-se essencialmente ao facto de constituir o nexo de causalidade entre a consciência da minha acção e a representação objectiva.⁴⁹

Precisamos de fazer incidir a nossa atenção neste ponto para que se consiga perceber o mecanismo da dedução operado por Fichte. No §5 da *nova methodo* tinha sido desenvolvida a ideia de que a actividade ideal é uma deslocação contínua em determinado sentido. A escolha direccionada, a partir de um conceito de fim, pressupõe a doacção de uma esfera da determinabilidade constituída – quantitativamente - por todas as direcções possíveis a partir da qual se escolhe o rumo. Essa esfera, tendo em conta o fluxo ininterrupto da acção da subjectividade é uma multiplicidade infinitamente indivisível, um todo analítico formal passível de determinação. O problema está que este plano de formalidade precisa de ser cruzado com algo que introduza diferenças de conteúdo. Se a divisibilidade infinita da esfera de determinabilidade não possuir factores de distinção, então quaisquer actividades conduzidas pelo Eu serão iguais e não haverá - pelos motivos assinalados - distinção possível entre os diferentes fins que podem orientar a acção.⁵⁰ Aquilo que introduz diferença é a especificidade, a determinação qualitativa da multiplicidade.

Uma vez que a divisibilidade formal não se sustenta por si só, é absolutamente necessária a existência de qualidades que actuem no preenchimento do rumo da

⁴⁸ "The action of a practical power cannot itself be intuited, however, but is, as such, conditioned by a previously constructed concept of a goal, for only thereby is it a free action. Thus the question arises, How is it possible to construct such a concept?" WLnm, p.168;

⁴⁹ "De suerte que, de hecho, es esta conciencia del concepto de fin (que constituye una condición de posibilidad de la conciencia de mi acción y por lo tanto de mi autonciencia en cuanto tal) que encierra en sí el nexo com conciencia de las cosas o del mundo." Mallas que la autoconciencia teje: desde el actuar hasta el espacio y la materia (recapitulación y §§9-10.a), p.175;

⁵⁰ "All we have learned so far about the sphere of what is determinable is that it must be an infinitely divisible manifold. But if this is the only way in which this sphere can be characterized, then it is nothing at all. Something whose sole distinguishing feature is infinite divisibility furnishes us with no stopping place and with nothing that could constrain the activity of the I." WLnm, p.169;

actividade ideal.⁵¹ Esta é a novidade introduzida pelo §6 da *WLnm* e que acompanhará a investigação de Fichte até ao §9. O horizonte de possibilidade infinita da tomada de rumo tem de ser complementado por algo que não seja divisível, por algo real, algo positivo. São essas qualidades que produzem a fixação da actividade ideal e preenchem a infinita divisibilidade do todo analítico formal. Ver-se-à que tais qualidades são *estados-de-si*, repetíveis mas singulares e que representam o *quantum* mínimo tanto para a objectivação da consciência como para constituição do conceito para a acção. A acção possui uma duplicidade intrínseca que relaciona os dois todos analíticos que agora focamos: um curso propagação formal infinitamente divisível e um complexo de preenchimento material que implica bloqueio a essa acção. O resultado é uma actividade sustada identificada como *Trieb*. Uma contínua projecção obstaculizada que permite o curso da intuição.⁵²

Por outras palavras: o encaminhamento do Eu guiado por um conceito de fim corresponde a uma capacidade de propagação. Cada acção é uma especificação das direcções possíveis, uma determinação de rumo que envolve a infinita divisibilidade do espaço. Seguir uma direcção implica, por um lado, escolher um entre todos os vectores possíveis de rota e, por outro lado, segmentar uma porção do espaço tendo em conta o local para onde o *Si* se quer mover. Chamámos multiplicidade quantitativa a este plano de pluralidade das linhas de acção a que é imprescindível cruzar um plano que introduza maior determinação. A acção requer preenchimento por algo que introduza diferenças de conteúdo, por entidades estáveis e indivisíveis que possam representar um teor qualitativo. O conceito de fim depende do cruzamento destes dois eixos que determinam o sentido *quantitativo* e o conteúdo *qualitativo* da projecção da subjectividade.⁵³

⁵¹ "All we have learned so far about the sphere of what is determinable is that it must be an infinitely divisible manifold. But if this is the only way in which this sphere can be characterized, then it is nothing at all. Something whose sole distinguishing feature is infinite divisibility furnishes us with no stopping place and with nothing that could constrain the activity of the I." *WLnm*, p.169 Esta passagem deve ser analisada em correlação com - "Therefore, in order to account for the ideal activity of the practical power, we have to assume the presence of something positive, of something that is not further divisible - i.e., of something real." *WLnm*, p.170 - que, como vemos, sublinha a necessidade de interposição do plano qualitativo para que seja possibilitada determinação e especificidade o conceito de finalidade para a acção.

⁵² "But acting is absolutely not anything simple; instead, it is twofold: It includes, so to speak, an expansion of {absolute} self-affection, and it also includes some resistance to the same, which is what brings this process of expansion to a halt and makes it into something intuitable." *WLnm*, p.171;

⁵³ "Así pues, en el punto de partida del §6, se pone de manifiesto que la multiplicidad infinitamente indivisible considerada en el §5 no es posible sin algo positivo, real e indivisible (es decir: sólo es

A construção de um conceito de finalidade - enquanto acto livre - requer, por isso, um mínimo de doação à subjectividade. A possibilidade de escolha exige algo sobre o qual escolher. Liberdade e necessidade percebem-se apenas na complementaridade da sua conjugação: escolher livremente significa tomar uma opção na esfera de qualquer coisa que é dada. *Escolher entre isto e aquilo* exprime a duplicidade que está envolvida no exercício da liberdade: posso decidir entre opções mas essas opções sobre as quais recai a decisão são apresentadas ao sujeito sob o espectro da necessidade. Só me é permitido decidir entre opções que me são dadas. Escolher significa tomar uma opção sobre algo que aparece ao sujeito com carácter de necessidade. O desenho de um conceito para a acção é efectuado, portanto, a partir de um conjunto de opções que não determino. A determinação mínima é condição de possibilidade para o exercício da liberdade. A multiplicidade é o alvo do exercício da liberdade, mas essa multiplicidade surge à interioridade como algo que não é passível de escolha, é dado antecipadamente à subjectividade.⁵⁴

É certo evidenciar que o *Si* escolhe o desenvolvimento da acção a partir do dado e que existe, por isso, um *quantum* mínimo de doação para que possa determinar o seu movimento. Há restrição no exercício da liberdade mas isso não é paradoxal. Pelo contrário, liberdade é a tomada de opção numa esfera de determinação. A liberdade joga-se no horizonte da restrição. Escolhe-se sobre algo mas não se determina esse algo sobre o qual se escolhe. A construção de um conceito de finalidade para a acção corresponde ao âmbito da escolha livre e a esfera da multiplicidade é o *quantum* mínimo que restringe e possibilita o acontecimento da liberdade.⁵⁵

posible en el marco de una síntesis con algo positivo, real e indivisible). O sea, dicha multiplicidad no es posible como multiplicidad (y, en particular como multiplicidad para el actuar o para la elección) sino mediante el contraste entre determinaciones fundamentales simples, estados indivisibles del mismo Yo que actúa, diferentes unos de otros precisamente por la circunstancia de corresponder a cada uno algo propio (una determinación o cualidad sólo cuantificable por medio de las variaciones de intensidad que su propio modo-de-ser permite). Dicho de otro modo, la multiplicidad considerada en el §5 (la multiplicidad de la elección o la multiplicidad de las líneas de acción que es indispensable para que el actuar se autodetermine respecto de un fin) sólo se puede constituir en cuanto tal en la forma de una multiplicidad por así decir cualitativa.” Mallas que la autoconciencia teje: desde el actuar hasta el espacio y la materia (recapitulación y §§9-10.a), p.175;

⁵⁴ "Its freedom consists in doing just this; but [in order to do this] it has to intuit what is given, and therein lies its constraint." WLnm, p.169; "Freedom is what is conditioned; constraint is what provides the conditions, {because} if nothing is given, then nothing can be chosen." WLnm, p.169;

⁵⁵ "Constraint is synonymous with determinacy, for it consists in the necessity of having to view precisely this [manifold] as the given sphere of a possible action-i.e., it consists in determinacy. In other words,

Em breve chegaremos à conclusão de que é a através da doação sensível que a multiplicidade exigida para a possibilidade de escolha é disponibilizada. Mas, para efeitos de transparência na exposição, devemos tentar cruzar os planos da nossa inquirição prevendo e solucionando eventuais problemas.

Dissemos, entre §1-§3, que o Eu é um acontecimento de autoposição. O *Si* fichteano corresponde a um fluxo de acção prático portador de um sentido. No presente § ficou delineada a necessidade de, por um lado, o trajecto da acção do sujeito requerer um conceito de finalidade para acção (fruto do exercício da liberdade) e, por outro lado, que qualquer escolha tem como condição de possibilidade a existência de uma esfera mínima de multiplicidade, de determinação. O problema que imediatamente se levanta é: como é que esse mínimo de determinação se conjuga com um Eu que é apenas actividade? Como é que a multiplicidade surge dentro do acontecimento de autoposição?⁵⁶

A solução da questão que temos entre mãos requer uma re-elaboração mais pormenorizada do conceito de actividade que até aqui foi desenvolvido. Para que o acontecimento da consciência não recorra à existência independente destruindo as aspirações do idealismo, é absolutamente crucial que o *quantum* mínimo de determinação aconteça dentro do fluxo de acção autoposicional. A doação tem de ser percebida em regime de paridade com a actividade do sujeito. É requerido que seja no curso da actividade que o *Si* escolha e que seja também - no curso da actividade - apresentada a esfera de determinação que possibilite essa escolha. Liberdade e restrição têm de acontecer dentro da compreensão do *Si* como acção, como *Tathandlung*. Isso significa que a acção que caracteriza a subjectividade não é um mero encaminhamento contínuo e sem resistência. Pelo contrário, a actividade que caracteriza o *Si* tem de

what occurs here is a movement of transition from what provides the conditions to what is conditioned thereby.} The ideal activity is partially constrained (determined) and partially free." WLn, p.162;

⁵⁶ Relembramos que a necessidade de pensar a determinação dentro do espectro de actividade do Eu é consequência do apelo do idealismo de Fichte. A tentativa de derivação da consciência a partir do acontecimento da interioridade obriga a que também o *quantum* mínimo de doação derive da actividade do Eu.

contemplar fenómenos de obstaculização. E é desses momentos de resistência que se torna derivável a esfera da determinação que depois é alvo de uma escolha livre.⁵⁷

A introdução da variável da obstaculização à actividade é condição necessária para que se mantenha de pé o projecto da filosofia de Fichte. À noção primária de actividade, bruta se quisermos, é introduzida a noção de resistência. Da integração das duas funções resulta a compreensão da actividade do Eu como pulsão (*Trieb*).⁵⁸

Pulsão significa uma forma peculiar de actividade que Fichte metaforiza com uma mola comprimida. Existe uma disposição interna para o encaminhamento do Eu, uma carga tensional que não deixa de estar presente apesar da obstaculização, do mesmo modo que a mola mantém a sua disposição para o movimento de retorno devolvendo a força que lhe foi imputada pela compressão. O regresso à posição originária da mola é uma disposição permanente sempre que é comprimida. A mola tende, pela sua natureza específica, a opôr-se à compressão externa. Similarmente, a actividade do Eu percebida como pulsão, ou tensão, implica a consciência desta disposição original para a expansão de si face ao acontecimento da resistência. A actividade do Eu é percebida como esforço que, dada a sua tensão original, tenta vencer momentos de bloqueio. A disposição original do *Si* é para o alargamento, movimento, propagação na diacroneidade, e tal disposição manifesta-se sob a forma de tensão. Tensão porque existe atrito entre a propulsão para o encaminhamento e os fenómenos de resistência que se lhe opõem.

É da percepção da actividade do Eu como esforço que é possível a derivação daquilo que identificámos como mundo. O próprio rumo prático só pode ser definido a partir da actividade do Eu pensada como pulsão e percebe-se porquê: é dos fenómenos de resistência que é dado o mínimo de doação para a constituição de um conceito de finalidade para a acção. Sem resistência não há doação, sem doação não há conceito, sem conceito não há rumo a tomar. Na ausência de rumo não há consciência.⁵⁹

⁵⁷ "The ideal activity must here be constrained in such a way that it will not be constantly carried away by its own capacity for mobility, but will instead be arrested and fixed {-not creative or productive; it is to be directed upon something that is present and stable, upon a "being" of the manifold}." WLnM, p.170;

⁵⁸ "Activity of this sort is a suppresses activity, and from this it obtains the character of being. Such a "something", however, is a "drive", a self-engendering striving, which has its foundation within that to which it belongs. A drive is an activity that it is not any type of acting; it is something that arrests, something that determines the ideal activity, a constant inner disposition to overcome what resists it." WLnM, p.173;

⁵⁹ "Thus the I is capable of an action only to the extent that it is capable of possessing a drive." WLnM, p.175;

Repáre-se que a carga tensional que está implicada nos momentos de obstaculização pode permitir a pressuposição de algo exterior à subjectividade. Se, por um lado, o *Si* se vê apenas a si no curso da sua actividade, aquilo que vê é uma pulsão que está a ser bloqueada, presumidamente por algo que lhe é exterior. Esse bloqueio deve ser, por isso, estrutural para a constituição da objectividade.⁶⁰

A importância da concepção da actividade do Eu como esforço, como tensão obstaculizada (*Drive/Trieb*) está muito bem salientada mesmo em textos anteriores à *WLn*. *Anstoss* é o termo que exprime, até 1796, a forma peculiar como Fichte concebe a acção do *Si*. Apesar de este conceito desaparecer a partir desta data é importante considerar que a ideia que aí está em causa se mantém patente.⁶¹ Breazeale traduz *Anstoss* por *Check*. Ainda que sejamos assaltados pela dificuldade de tradução do termo podemos apontar para uma noção fundamental que se deixa perceber: *marca*. *Check* simboliza um acontecimento de *verificação* na subjectividade. É constituída uma *marca* no confronto entre a actividade originária e os momentos de resistência.

Anstoss corresponde a uma limitação originária da subjectividade que é identificada como acontecimento necessário na constituição da objectividade. Logo em 1794 *Anstoss* é o fundamento real para a constituição do *não-Eu*, o propulsor crucial para a elaboração da experiência independente. É da *marca* (*Check*) deixada no *Si* que se começa a vislumbrar o mundo.⁶² Salientamos também o sentido bivalente de *Anstoss* que está tão vincado em *Trieb*: É uma determinação prática do curso da acção do Eu e,

⁶⁰ "To the extent that the foundation of an activity lies within the subject, one can say that the foundation of a drive also lies within the subject. Insofar as a drive is a drive and not an activity, however, its foundation does not lie within the subject; and since something is present that hinders the activity, the activity is indeed canceled. Consequently, we are unable to escape from this reciprocal relationship." *WLn*, p.173;

⁶¹ "It is also important to recognize that even though the term itself generally disappeared from Fichte's writings after 1796, the idea behind it did not. The doctrine itself, if not the term *Anstoß*, remained a central feature of the Jena *Wissenschaftslehre*." Thinking through the *Wissenschaftslehre*: Themes for Fichte's Early Philosophy, p.161;

⁶² "Though the *Anstoß* is admittedly a check upon the I, it does not follow from this that it is simply an obstacle to the activity of the I and nothing more; for this abstract remnant of objectivity also functions as the ultimate real ground upon which is based all of the I's subsequent positing of the Not-I (and indeed, all subsequent positing of the I itself)." Thinking through the *Wissenschaftslehre*: Themes for Fichte's Early Philosophy, p.163;

ao mesmo tempo, um estímulo para o movimento, o encontro entre tensão e resistência.⁶³

Não é claro o motivo pelo qual Fichte não volta a usar o termo *Anstoss* em textos posteriores a 1796 (inclusivamente na *WLnm*) mas talvez nos seja permitido, dado o curso da investigação, ousar uma proposta: O percurso para a dedução da objectividade na *nova methodo* é inverso ao que é trilhado na *Grundlage*. O primado prático da acção do Eu não é a premissa fundamental na exposição de 1794. Contrariamente, aquilo que encontramos na *WLnm* é a dedução da totalidade da consciência a partir da noção do Eu como *Tathandlung*. Se na *Grundlage* a faculdade teorética é exposta primeiro que a faculdade prática, já na *WLnm* a faculdade prática é o acontecimento originário do Eu, é da acção que se obtêm considerações do foro teórico.

Aquilo que é inovador na nova exposição da *Doutrina da Ciência* é perspectiva prática do Eu, a noção da subjectividade direccionada por um rumo. O termo *Anstoss* não deixa perceber o primado prático, antes acentua o impacto que a obstaculização tem no *Si*. Pulsão, por seu lado, consegue aproximar-se mais exactamente do Eu pensado originariamente com acção. O Eu em tensão está em projecção permanente apesar da resistência. Apesar das diferenças entre os dois conceitos é de maior importância sublinhar a ideia de que é da resistência à acção do Eu que se pode constituir mundo e tal formulação ressoa noutros textos - com um conceito diferente, é certo - mas que se aproxima, no essencial, daquilo que está em causa na *Trieb*.

Na secção I, §1 foi esboçada a necessidade do bloqueio da actividade posicional do *Si* para que possa haver intuição e consequentemente consciência. Voltaremos a este tema no capítulo específico da intuição mas, por ora, vale a pena recuperar a linha de argumentação do §1: sensação, intuição e conceito são três momentos fundamentais da cadeia constitutiva da experiência empírica, do mundo como realidade independente. Enquanto projecto que prefigura maior compreensão e inteligibilidade, o idealismo pretende derivar constitutivamente o mundo através da subjectividade. A subjectividade

⁶³ "The *Anstoß* is an "original determination" or limit not of the I qua intellect, but rather of the I as a whole—and, more specially (in the context of the tripartite organization of the *Foundations*), a determination of the practical activity of the I. For the intellect, the *Anstoß* is not so much a limit or check as it is an impulse or stimulus, an occasion for further positing. Thus, even here in its initial occurrence, the term does not simply designate an obstacle to or check upon the activity of the I, but also something that impels or provokes further activity on the part of this same I—activities of self determination (and hence of "self-limitation," inasmuch as all determination involves limitation)." Thinking through the *Wissenschaftslehre*: Themes for Fichte's Early Philosophy, p.163;

é expressão do acontecimento do Eu como actividade posicional. A pressuposição de algo independente relativamente ao sujeito acontece, em primeira mão, através da intuição. A intuição corresponde a um *vislumbre* sobre a actividade de autoposição. Mas esse vislumbre só é possibilitado por segmentação: o movimento, para que possa ser intuído, não pode ser um *continuum ad infinitum*, precisa de bloqueio, restrição. A actividade intuitiva precisa de focar a acção do Eu e essa focagem só acontece se a acção tiver momentos de paragem. Ora essa restrição é justamente aquilo que segmenta e bloqueia a actividade proporcionando a intuição de um estado da subjectividade.⁶⁴ Mas esse estado da subjectividade é, inicialmente, um fenómeno de resistência à actividade do eu. A intuição, como movimento de segunda ordem à obstaculização primária é já um esboço da interpretação desse bloqueio, o que nos leva a considerar que sem a ocorrência do bloqueio não seria possível o curso da intuição.⁶⁵ A sensação, que é aquilo que neste momento focamos, é o movimento de primeira ordem, o que resulta do bloqueio originário, pré-intuitivo e, por maioria de razão, pré-consciente.

Podemos afirmar que a sensação deriva dos fenómenos de bloqueio à actividade posicional do Eu. Da obstaculização é gerado um estado da subjectividade, um *estado-de-si*, um momento em que a actividade expansiva do sujeito se encontra segmentada por uma força em sentido contrário. Tal força tem um impacto no fluxo de acontecimento do Eu de tal forma que existe moldagem da subjectividade. O *Si* absorve o bloqueio naquilo que é lícito chamar fenómeno de decalque.

A noção de decalque tenta recuperar o modo como o acontecimento da resistência tem impacto na subjectividade. Esse impacto é uma carga de sentido contrário ao fluxo de acção prática e o resultado depende destas duas variáveis. A sensação é o resultado do bloqueio, aquilo que sobra no Eu após o contacto obstaculizante, um molde.

É crucial sublinhar que o fenómeno da colisão entre forças contrárias faz pressupor imediatamente a existência de algo exterior ao sujeito. Mas de forma nenhuma sensação

⁶⁴ "But acting is absolutely not anything simple; instead, it is twofold: It includes, so to speak, an expansion of {absolute} self-affection, and it also includes some resistance to the same, which is what brings this process of expansion to a halt and makes it into something intuitable." WLnM, p.171;

⁶⁵ "{From this drive we derive the following important result: The I can never be conscious unless a drive or limitation is present.} It is the character of the I to posit itself idealiter, i.e., to intuit itself; and only now is such an act of self-intuition possible, for only now is something present which has been brought to a halt. The I must necessarily be conscious of its drive or state of limitation. Consciousness follows from the presence of a drive. If the I were nothing but activity, and if no limitation were present within it, then the I could not be conscious of its own activity." WLnM, p.174;

significa sentir esse objecto. O que está em causa na sensação, que constitui ao mesmo tempo a ruptura com a tradição, é que o decalque é um estado que se dá na interioridade subjectiva. É do *estado-de-si* a que Fichte se reporta quando descreve a sensação. É sobre esse estado que a intuição desempenhará funções.

Precisamos de reparar na inversão que Fichte propõe relativamente ao modo habitual com que pensamos a sensação. É lugar comum afirmármos sentir objectos. A ideia defendida na *nova methodo* é a de que apenas por uso abusivo da linguagem podemos dizer sentir entidades exteriores. Não há sensação de objectos exteriores, apenas intuição deles.⁶⁶ Um objecto, como veremos mais adiante, é o resultado de uma cadeia de acontecimentos no processo da consciência que tem a sua origem na sensação. Mas essa sensação é um estado subjectivo. Um objecto é, por isso, uma exteriorização ou *objectificação* desse *estado-de-si*.⁶⁷

Deixemos, por enquanto, o que diz respeito à constituição de um objecto em regime de independência ontológica e recuperemos o caminho que foi trilhado. A actividade posicional do Eu foi pensada como rumo prático. Agir é um acontecimento vectorial portador de um sentido, de uma direcção. Nortear a acção implica a construção de um conceito de finalidade. O Eu em trânsito é guiado por esse conceito. A escolha de um conceito para acção é, como vimos, um acto de liberdade. Mas aquilo que caracteriza propriamente a liberdade é a possibilidade de escolha. Escolher obriga necessariamente a um conjunto de doação sobre o qual se escolha. Liberdade e restrição, como vimos, só são compreensíveis na presença imediata de ambos: só escolho se algo me for dado a escolher. A pergunta que nos vimos obrigados a levantar - *Como é que da actividade de autopoção se obtém um mínimo de doação para o exercício da liberdade de escolha?*

⁶⁶ "One never 'feels' an object; an object is 'intuited". WLnm, p.176;

⁶⁷ É interessante verificar como a inversão fichtiana do modo natural de pensar se mantém coesa com as aspirações do idealismo. Contrariamente à pressuposição dogmática da existência de coisas para além do sujeito que condicionam a existência de sensações que são o reflexo transparente dessa objectividade, a apresentação da sensação como estados da subjectividade permite a derivação da esfera dos objectos a partir da interioridade. A consciência é um processo que se constitui no desenvolvimento e reflexão sobre tais estados do Eu. "At this point one can already see how everything can be present within the I and can see that one does not need to go beyond the I. All one would need to assume is the existence of a manifold of feelings, and it would not be difficult to show how our representations of the world could be derived from this manifold." WLnm, p.176-177. A crítica de Fichte à presunção dogmática da transparência na captação está bem vinculada desde a *Recensão de Aenesidemus*. Vale a pena recuperar este excerto do texto de 1794: "It is conceivable that all of our knowledge is derived from the effect upon our minds of objects which are in fact present, and furthermore that the necessity we find in some of our knowledge is produced by things affecting us in a particular manner. Thus, for example, during the time while we are having a sensation we have to think that we are having a sensation, and this necessity comes from outside of us, since the impression comes from outside. The most unfortunate example possible!" EPW, p.68-69;

- foi respondida pela re-estruturação do próprio conceito de actividade. Defendemos a ideia de que a actividade tem de ser pensada como esforço que tenta vencer momentos de obstaculização. Os momentos de bloqueio são condição necessária para o encadeamento executivo da consciência de tal forma que actividade não é pura expansão de si. A actividade do Eu é uma pulsão para diante que se confronta, a todo o momento, com forças de sentido contrário. Da oposição de forças resultam estados de bloqueio da subjectividade, *estados-de-si*. Existe um fenómeno de decalque no Eu que possibilita a absorção das forças de sentido contrário. Dessa absorção resultam estados sensoriais ou, se quisermos, sensações. Uma sensação é, no fundo, o momento de síntese entre actividade e bloqueio.⁶⁸ Um determinado estado do Eu⁶⁹.

A doação sensível é o *quantum* mínimo que possibilita o desempenho prático do Eu. É, assim, aquilo que é primordial para o acontecimento da consciência, é a sua condição de possibilidade. É do *estado-de-si* que se deriva a experiência empírica enquanto horizonte de perantidade objectiva.

Em *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre* (1795) encontramos uma formulação que pode clarificar aquilo que Fichte entende por sensação. Sentir é um *encontrar-dentro-de-si*.⁷⁰ Como salienta Breazeale, *Empfindung* tem a sua raiz no termo *finden*, encontrar. Aquilo que é encontrado, ou descoberto, é o resultado da síntese entre a actividade de autoposição e o seu cancelamento. O momento de restrição corresponde, como vimos, ao bloqueio do rumo prático, a uma segmentação da actividade. A sensação é a descoberta - *dentro-de-si* - desse estado da interioridade.

Neste mesmo texto - que pode iluminar a exposição da *WLn* - a sensação é percebida como ponto de confluência entre forças de sentido contrário. A actividade do *Si* é uma directriz *tética* da subjectividade à qual se opõe um conflito motivado por uma força de

⁶⁸ "Thus it is not only in consequence of an act of self-determination that the I and the Not-I appear together; both are also present in feeling. Activity and passivity are united in feeling. *WLn*, p.176;

⁶⁹ "A feeling is nothing more than an act of positing a determinate state of the I." *WLn*, p.176;

⁷⁰ "The relationship which has been derived here is called sensation (in other words, finding-within-oneself). (Only what is foreign is ever found; what was originally posited in the I is always present.) What is sensed [i.e., what is found within oneself] is that activity of the I which has been canceled and destroyed." *EPW*, p.251;

sentido contrário que Fichte adjectiva como *antitética*.⁷¹ A sensação representa a possibilidade *sintética* entre estes dois vectores de expressão inversa. Salientamos a versão tripartida da egoidade que encontra na sensibilidade a resolução da aporia. A sensação é o decalque no Eu que resulta, por uma lado, da expressão da sua actividade de posição e, por outro lado, da resistência que a todo o momento necessariamente se lhe opõe. A sensação é a solução do conflito, a unificação entre opostos, a síntese entre tese e antítese. Na sensação existe um equilíbrio balanceado do atrito, é permitida a expressão conjunta de opostos. Nenhum é sobrevalorizado relativamente ao outro. Na verdade, a mitigação deste conflito acontece pela absorção no sistema da sensibilidade. A absorção, o decalque no Eu, a síntese - para usar a expressão de Fichte - é a sensação.⁷²

Ainda que menos evidente, na exposição da *nova methodo* existe também uma referência ao carácter de descoberta que está envolvido na sensação: a actividade suprimida possibilita o mínimo de determinação por ser aquilo que é encontrado pelo Eu. Mas, precisamos de reforçar que o sujeito - por ser um acontecimento de autoposição - se inclui, obviamente, naquilo que é descoberto. É o Eu que é descoberto na sensação. É no fluxo da actividade de posição do *Si* que o *Si* encontra o seu estado de restrição. Toda a doação sensível é um estado da subjectividade e isso significa que todo o sentir é um sentir da primeira pessoa.⁷³

Depois de a sensação ser pensada na sua relação com o acontecimento posicional do Eu é inevitável que tentemos esclarecer a que corresponde, afinal, o dado sensível. Que significa ter uma sensação? O que é, para a consciência, um *estado-de-si*? Em que é se manifesta *materialmente* a sensibilidade?

⁷¹ "Accordingly, the condition of the I when it is in a state of conflict would be posited as the opposite of its pure condition; it would be posited as a mixed activity, an activity which conflict with and destroys itself. The action of the I which is thus indicated is purely antithetical." EPW, p.248;

⁷² "The action here described is simultaneously thetic, antithetic, and synthetic. It is thetic insofar as it posits an absolutely unperceivable, opposing activity outside of the I. (...). The same action is antithetic insofar as, by positing or not positing a certain condition, it opposes one and the same activity of the I to itself. It is synthetic insofar as, by positing the opposing activity as a contingent condition, it posits this activity as one and the same." EPW, p.249;

⁷³ "I myself, however, am included in what I discover in this manner; hence activity is here present as something discovered. Activity of this sort is a suppressed activity, and from this it obtains the character of being. Such a "something," however, is a "drive," a self-engendering striving, which has its foundation within that to which it belongs." WLn, p.172-173;

Se atendermos ao desenrolar quotidiano da vida lembramo-nos de expressões como *Esta caneta é azul; O tecido é macio; A música é suave*. Recordamos o sabor amargo de uma laranja no frio do inverno. O cheiro de uma casa da infância e o odor de uma travessia que tenhamos gravado de pedra e cal na memória por qualquer razão. Estes exemplos servem para percebermos como a experiência habitual do mundo atribui sensações ao espectro da objectividade. É a laranja que é percebida como amarga, o tecido como macio. O azul que é da caneta. É a travessia que é detentora do odor que recordamos. A atribuição implica um estatuto de objectividade. Os objectos, dizemos, possuem tais e tais características que estimulam o nosso aparato sensorial de modos muito específicos. Prova disso é a incredulidade que espontaneamente manifestamos quando o outro não sente o mesmo que nós se for exposto ao mesmo objecto: *como é que não gostas disto? Não te agrada esta música?*

É exacto afirmar que a versão habitual do mundo não tem correspondência com a inversão fichteana do olhar. O mundo empírico não reconhece o dado sensorial como *estado-de-si*. Possuir uma sensação é, habitualmente, sentir uma qualidade que pertence ao objecto em causa. Mas isso não significa que o ponto de vista habitual não possa estar sujeito a escrutínio. A pergunta que move Fichte é pela origem das representações de carácter independente, pelo modo como se pode constituir objectividade portadora de características próprias.

O filósofo - descrito na segunda introdução da *WLn* - é aquele que aponta o olhar crítico para o modo como se constitui a experiência empírica e as suas determinações. Isso não significa que fique preso exclusivamente ao tecido especulativo e que tenha uma relação autista com o mundo. Pelo contrário, os momentos de incursão filosófica são episódicos e manifestam-se apenas quando o olhar se coloca voluntariamente assim. Em todas as outras situações, na vida de todos os dias, o filósofo idealista é tão dogmático como o mais dogmático dos homens e também para ele a sensação é constituída em regime de exposição a propriedades objectivas das coisas.

A distensão temporal em que permanecemos sintonizados no ponto de vista habitual induz pressuposições que inibem a actividade especulativa. Normalmente não perguntamos pela origem das nossas representações ou pelo modo como a noção de realidade independente é constituída.

A inversão operada por Fichte significa a ruptura com as teses mais básicas que a todo o momento estão pressupostas. Uma dessas teses, como vimos, é a de que as nossas sensações derivam de uma estimulação específica proporcionada por determinadas características dos objectos. A argumentação deste pressuposto envolve expressões habituais que identificam a sensação como propriedade do objecto (o amargo que é da laranja, o frio que é do inverno). O horizonte da consciência abre-se logo nesta convicção. O mundo é visto assim.

Mas isso não significa que Fichte se tenha deposto perante convicção avassaladora que a quotidianidade impõe. A procura pelo sentido daquilo a que chamamos mundo continuou, invertendo o significado do ponto de vista habitual. Esta inversão tenta agarrar o modo peculiar como o sujeito constrói a objectividade do mundo. No ponto da investigação em que nos encontramos podemos dizer que a inversão fichteana permite compreender o salto que é dado da sensação como *estado-de-si* para a sensação como propriedade das coisas da versão do olhar habitual.

Esta breve reflexão tentou focar uma característica fundamental da experiência empírica: a componente genitiva da sensação. Para a consciência habitual, relembramos, a sensação não é vista como um estado da subjectividade - o azul é da caneta e não do ego - e isso dificulta a resposta às perguntas que levantámos anteriormente (Que significa ter uma sensação? O que é, para a consciência, um *estado-de-si*? Em que é se manifesta *materialmente* a sensibilidade?).

Apenas por dedução conseguimos delinear as características da sensação e percebe-se porquê: se à consciência a sensação surge logo no seu âmbito genitivo (como conteúdo que pertence a um objecto), isso significa que na própria consciência estão já cruzados outros planos que permitem a constituição da objectividade. No estado da consciência empírica existe logo uma sobreponderação à sensação como estado da interioridade.⁷⁴

No curso da quotidianidade a sensação joga-se no âmbito de pertença a uma representação com carácter independente. Mas essa propriedade colide com a noção originária de sensação como estado da subjectividade. Daqui se depreende que a sensação - apenas a sensação - como *estado-de-si* tem de ser um estado pré-reflexivo,

⁷⁴ "Nevertheless, a feeling appears to be inseparably connected with an object, and it cannot be felt without being related to an object. There must be some reason why this is so, and it is just this connection between feelings and objects which we are going to investigate." WLn, p.190;

pré-consciente em que não há um mínimo de cruzamento com os outros planos de constituição da objectividade (nomeadamente intuição e conceito). Sensação é um dado em bruto pré-reflexivo em que não há desarticulação entre o Eu e o *não-Eu*.⁷⁵ Aquilo que caracteriza a sensação é a imediatividade: o estado em que o Eu se encontra no momento da síntese entre actividade e resistência.⁷⁶

Nas citações escolhidas Fichte identifica sensação como *consciência imediata*. É importante realçar que isso não entra em contradição quando definimos a sensação como estado pré-reflexivo ou pré-consciente. No fundo estamos a focar exactamente a mesma coisa utilizando termos diferentes. A nossa escolha pela expressão *pré-consciente* utiliza a noção de consciência como consciência empírica ou, se quisermos, como ponto de vista habitual, prático ou não especulativo. A sensação como determinação pré-consciente implica a sua compreensão como algo que não é o ponto de vista habitual do mundo porque ainda não é mundo. Fichte utiliza o termo *consciência imediata* para exprimir aquilo que aparece imediatamente à consciência e que depois é trabalhado pelas ferramentas da intuição. Importa dizer que o ponto de vista prático identificado por Fichte é sustentado pela mediação (por exemplo da intuição) porque obriga à estruturação do *não-Eu*. Por isso *consciência imediata* não significa representação independente. Aquilo que definimos como estado pré-reflexivo é, assim, o mesmo que a *consciência imediata*: um estado em bruto, não mediado, sem constituição da alteridade porque que ainda não existe objectividade ou dissociação do Eu.

A primeira característica que se deduz da sensação como *estado-de-si* é, como vimos, a imediatividade. Sensação é o resultado imediato do conflito entre actividade e restrição, a forma específica adoptada pelo Eu depois da oposição, o decalque peculiar na subjectividade. A doacção sensível é, por isso, um estado elementar da subjectividade, o encontro em *bruto* do Eu consigo. Nesse encontro do Eu consigo existe expressão

⁷⁵ "[The particular form of consciousness which makes its appearance at this point must necessarily being a feeling. Determinacy is present here, yet it is not an intuition, for the I and the Not-I are not yet present." WLn, p.176;

⁷⁶ "What kind of consciousness is supposed to accompany a drive? In the kind of consciousness with which we have been familiar hitherto, namely, consciousness of intuition, we view real and ideal {activity} as separate. The being of the former is independent of the latter, which merely observes {what is present in the real activity}. But this cannot be the case with the kind of consciousness we are now discussing, for no real being is present in this case. No acting occurs; therefore, ideal and real {activity} must, in this case, coincide: what is ideal {-that is, consciousness-} would here have to be its own object, {and we would thereby obtain} an immediate consciousness, and this is a "feeling."" WLn, p.175-176;

perfeita da identidade do Ego: é o Eu que se dá a conhecer enquanto resultado de uma afecção.⁷⁷

Da identificação da doacção sensível como reflexo da interioridade é importante sublinhar outra característica fundamental: a sensação é um estado indivisível. Não existe possibilidade de decomposição ou desdobramento de um estado de afecção sensível. O modo como o Eu se encontra na sensação, como é moldado após a oposição à actividade de posição, é um estado unitário com o máximo grau de especificidade.

Doce, amargo, azul ou vermelho é aquilo que é dado a partir da sensação imediata. Tais sensações não são qualidades do objecto que temos perante mas apenas modos de afectabilidade do *Si*. Sublinhar a indivisibilidade destes estados conduz-nos a reconhecer que não é possível afirmar claramente quando é que, por exemplo, o doce deixa de o ser: posso pensar numa escala de gradação de estados da interioridade (por exemplo do mais doce para o mais amargo), mas torna-se impossível identificar o momento exacto dessa escala em que o doce se torna amargo.⁷⁸

Conseguimos comparar estados de afecção sensível admitindo diferença de grau: sem grande dificuldade reconhecemos maior teor de doçura num caso relativamente a outro. Mas é impossível perceber o momento exacto em que, nessa escala, o doce passa a ser reconhecido como amargo. Isso acontece porque não existe transitabilidade de estados sensoriais. O estado de identificação unitário característico da sensação não permite que consiga ter duas sensações contrárias ao mesmo tempo. Só por exercício mnésico me é possível comparar estados sensoriais e afirmar o momento exacto em que o doce cessa implicaria ter em plena posse dois estados contraditórios.

O ponto para o qual chamamos atenção surge da identificação da sensação como *estado-de-si*. O que está em causa é que cada estado é um acontecimento específico da egoeidade. Essa especificidade é dada num determinado momento do tempo que se

⁷⁷ "Consequently, there must be some states of mind which are characterized by nothing but unity and identity and which contain within themselves no multiplicity at all {and bear no similarity to any other states, beyond the fact that they are all included within the sphere of what is determinable}. What is determinable must possess certain elementary qualities (which cannot be broken down any further), and it must possess some sort of being as well." WLn_m, p.170;

⁷⁸ "Later on we will see that what we have just described is precisely what is given through immediate feeling, e.g.: red, blue, sweet, sour. The state of mind involved in such feelings is one of unity rather than multiplicity; divisibility is still present, however: namely, in respect to degree. I can have a sensation of what is red to a greater or to a lesser degree, but I cannot say where red ceases to be red." WLn_m, p.171;

perde de vista na mudança para outro estado sensorial.⁷⁹ Mudança de estado significa a perda absoluta do estado anterior. A comparação possível surge da execução mnésica mas a comparação realmente eficaz implicaria ter a plena posse dos conteúdos no mesmo momento do tempo, possibilidade que, como vimos, nos está humanamente vedada.

A sensação é, no fundo, uma qualidade elementar da subjectividade. É o *quantum* básico e original para a construção da experiência empírica, o dado fundamental e a *matéria-prima* para a constituição do horizonte da existência independente. Do dado sensorial surge a possibilidade da representação de entidades exteriores ao sujeito. Veremos, particularmente no parágrafo a respeito da intuição, com é possível a metamorfose interior-exterior. Por enquanto importa, sobretudo, sublinhar que a sensação (doce, amargo, áspero, suave...) é o limite último da consciência e que não é passível de análise ou decomposição por ser um estado indivisível da interioridade: a condição de possibilidade primordial de tudo o mais.⁸⁰

Retomemos a metáfora do molde e do fenómeno de decalque que está envolvido na sensação para avançarmos mais um pouco: observámos que a sensação é o resultado do conflito entre actividade e resistência e que a sensação corresponde ao *estado* do Eu que sobra dessa oposição de forças. O estado a que nos reportamos exprime-se na forma de um decalque. O Eu é moldado em função da oposição dos vectores de sentido contrário (posição e resistência) e tal facto implica considerar a existência de um sistema da sensibilidade que é a condição de possibilidade do acontecimento sensorial. O sistema da sensibilidade é uma característica da subjectividade que está latente no curso posicional do Ego. A resistência é um fenómeno contrário que tem impacto nesse

⁷⁹ Isso explica o motivo pelo qual Fichte assume mesmo que todos os estados sensoriais são opostos entre si. Apesar do grau de semelhança em diferentes estados de doçura que estejam próximos na hipotética escala de *doce-para-amargo*, toda a experimentação que o sujeito faça ao longo da escala implica ruptura completa com o estado anterior. O *estado-de-si* actual perde-se com a aquisição de um novo estado. Não há transição porque não há nada que seja transitável entre estados diferentes, nada é comunicado do estado anterior para o seguinte. O próximo é radicalmente diferente do anterior. É OUTRO *estado-de-si* e por isso oposto ao anterior. A (o)posição não exprime um acontecimento contrário mas mais *outro-estado-que-se-põe-depois-do-actual*. Há outra expressão da unidade e identidade do Eu consigo. "*These manifold feelings are completely opposed to one another and have nothing in common. There is no transition from one feeling to another. Each feeling is a specific, determinate state of the I, which would seem to imply that the I itself is manifold.*" WLn, p.178;

⁸⁰ "*A feeling is just such an elementary quality; it is a determinate, limited state of the entire I, beyond which the I cannot go. Feeling is the ultimate limit [of consciousness] and cannot be further analyzed and assembled.*" WLn, p.177;

sistema e do qual resultam propriamente sensações. Dizer que todo o sentir é um sentir-*se* é o mesmo que afirmar que todo o sentir é ter experiência de uma alteração no sistema da sensibilidade. Só se sente o sistema no espectro da sua alteração.⁸¹

Possuir uma sensação não é experimentar uma qualidade objectiva de um entidade exterior.⁸² É antes a consciência imediata de uma alteração no sistema da sensibilidade que tem de necessariamente antecipar toda a experiência possível. O sistema da sensibilidade é o molde que possibilita o decalque.

O sistema da sensibilidade é aquilo que na experiência é representado como corpo. Ser portador de um corpo significa a possibilidade de interacção com o exterior. Corpo é o *medium* através do qual se obtém sensações e que se molda em função do conflito entre actividade e resistência. Ter uma sensação é possuir consciência imediata dessa alteração. Sentir doce é ter a posse imediata de uma alteração num sistema a que chamamos corpo. Podemos definir o acontecimento fichteano da sensação como um alargamento colossal da noção de somestesia: Toda a sensação é um sentir da alteração do corpo enquanto sistema de antecipação.

Se o sistema da sensibilidade é representado como corpo é fundamental referir que a sensação é, também na experiência empírica, representada como matéria. Matéria é o dado inerte da representação, a condição de possibilidade para a notificação de qualquer objecto. Um objecto é constituído por detalhes elementares, elementos mínimos e irreduzíveis que não são mais analisáveis. Isso é o que compreendemos como matéria.⁸³

Claro que a sensação percebida como matéria corresponde logo ao exercício do curso representacional e que impõe, por isso, o plano da exterioridade. *No mundo* a sensação é

⁸¹ "This account assumes the presence [within us] of a general system of sensibility, which simply has to be there in advance of all experience, but which is not immediately felt as such; instead, it is that by means of which and in relation to which every particular feeling that can be felt is felt. A particular feeling is an alteration in the regular and enduring state of the system of sensibility." WLn, p.179;

⁸² A sintonização quotidiana (versão habitual que temos das coisas) percebe a sensação como determinação exterior. O sistema da sensibilidade é, quanto muito, uma espécie de janela transparente, um meio de captação inerte. Tais pressuposições do *modo habitual de ver as coisas* são explícitas na própria linguagem. Quando nos reportamos, por exemplo, à doação sensível pressupomos silenciosamente a captação de um conteúdo que é dado e veiculado pelo exterior. A filosofia de Fichte corresponde, como vamos concluindo, a uma inversão dessa sintonização rotinada que temos com as coisas, uma nova fundamentação que obriga a uma desconstrução daquilo que habitualmente percebemos como mundo.

⁸³ "Feeling is represented within the sensory world by something that is "feelable" or "tangible," and this is posited as matter. Matter is something that I can neither produce nor annihilate; nor can I do anything to make it affect me differently than the way it does affect me in accordance with its own nature, {because this constitutes the original limit of the I's entire power}." WLn, p.177-178;

representada como matéria, como entidade fundamental, tal como no espectro exclusivo da interioridade é o dado originário.

Representar como matéria significa a extrapolação que a consciência tem necessariamente de operar quando pensa a representação independente. Não obstante, isso só é possível a partir de uma consideração de primeira ordem: da *sensação como estado-de-si*. A matéria é uma consideração de segunda ordem mas que, enquanto entidade representada, não é o dado sensorial originário. Mesmo assim importa sublinhar que a matéria enquanto sensação representada também não é logo o objecto representado e que isso permite compreender a essência daquilo que é uma sensação para Fichte.

Representada no mundo e identificada como matéria, sensação é a condição de possibilidade de qualquer objecto que surge por interposição de planos. Afirmar que o açúcar é doce implica assumir a intrincada relação entre esses planos em que existe a construção de um objecto a partir de elementos fundamentais que definimos como matéria. E isso permite-nos a derradeira resposta ao nosso problema.

Do ponto de vista exclusivo da subjectividade a sensação é um puro *estado-de-si* que, na sintonização quotidiana do mundo, percebemos como elemento constitutivo do objecto que é captado (o branco que é visto como qualidade desta folha de papel). Em função daquilo que dissemos anteriormente a sensação originária é o dado em bruto que ainda não está sintonizado com o aparecimento do mundo e que será alvo de exteriorização. Por enquanto avançamos: Sensação é o doce que ainda não é do açúcar - apenas *estado-de-si*. É o sentir da alteração do sistema da sensibilidade que aparece no mundo como qualidade primária do objecto representado. As qualidades primárias dos objectos são, conseqüentemente, momentos de determinação/restricção do sistema da sensibilidade do Ego.

A sensação é um momento interno da estrutura da actividade posicional do Eu e isso conduz-nos a uma consideração comparativa que é importante ressaltar. Toda a sensação é uma circunscrição específica no sistema da sensibilidade. Só conseguimos sentir aquilo que estiver em horizonte de possibilidade nesse sistema. Enquanto molde, o sistema da sensibilidade é o determinável pronto a ser determinado. Da determinação é gerada uma sensação. Mas, como vemos, essa determinação é uma restrição possível no sistema global da sensação. Dizemos com isto que existe uma antecipação de todas

as sensações possíveis porque cada sensação é uma actualização desse sistema. Como restrição face ao sistema geral só podemos sentir aquilo que for possível sentir. E esse campo de possibilidade é dado antecipadamente: O curso da actividade do Eu implica o acompanhamento pelo sistema da sensibilidade.

Para compreender a dedução do sistema da sensibilidade na *WLn* é importante recuar um pouco. Observámos que a construção de um conceito de finalidade para a acção implicava o cruzamento de dois planos: a multiplicidade quantitativa infinitamente divisível a que corresponde a possibilidade de projecção do *Si* no espaço e um plano qualitativo que introduz diferenciação do teor entre acções possíveis. A construção de um conceito de finalidade para a acção exige, assim, a interposição entre os eixos da multiplicidade quantitativa e da multiplicidade qualitativa. O primeiro deles diz respeito à orientação e propagação espacial da subjectividade e o segundo contextualiza o teor qualitativo dessa movimentação introduzindo diferenciação entre várias possibilidades que é facultada por qualidades percebidas como *estados-de-si*.

Da indispensabilidade da multiplicidade qualitativa e da identificação dessas qualidades como estados de interioridade resultou a apresentação da actividade do Eu como *Trieb*, como acção sustada por fenómenos de resistência que são momentos indivisíveis da subjectividade, ou seja, sensações.

É crucial considerar que a multiplicidade qualitativa que é introduzida para a diferenciação de teor das acções possíveis não é singular, não é um *estado-de-si* isolado. Não existe, podemos assumir, apenas uma sensação que baste para a explicitação dessa diferença. A esfera de uma acção – ainda que em horizonte de possibilidade – exige contextualização num diverso articulado de sensações.

A diversidade de *qualia* que é requerida no plano da multiplicidade qualitativa pressupõe, por sua vez, um complexo que permita a ocorrência desta paleta sensorial e é por esta via que Fichte deduz a existência de um sistema da sensibilidade. Este sistema caracteriza-se por ser uma totalidade *a priori* de todos os *estados-de-si* e de todas as sensações possíveis. Cada sensação é compreendida no eco da totalidade do sistema porque é uma contracção dessa mesma totalidade. É neste sentido que Fichte compreende o sistema da sensibilidade como alterabilidade ou afectabilidade do Eu:

cada estado sensorial é uma alteração determinada do quadro global de possibilidade de afectação.⁸⁴

A sensibilidade tem, para Fichte, o significado de um todo analítico que se reporta ao conteúdo. Não se trata da apresentação espacial pelo acompanhamento antecipado de uma estrutura abrangente a que chamamos espaço porque os objectos não são apenas restrições dessa estrutura formal e quantitativa. Para Fichte, o conteúdo desses mesmos objectos - como derivados de sensações que são *estados-de-si* - são restrições de âmbito qualitativo do sistema da sensibilidade que é pensado como sistema de determinação possível.

A noção fichteana de sensibilidade partilha de relativa e aparente proximidade daquela que está expressa na *Crítica da Razão Pura*⁸⁵. Kant, considerando a sensibilidade como capacidade (de quem a possui) está, ao mesmo tempo, a sustentar que a multiplicidade perceptiva é produzida pelo sujeito portador de tal capacidade. Ora, capacidade pressupõe a componente de antecipação que está tão vincada também nos textos de Fichte.

O que é crucial no modelo da sensibilidade como capacidade antecipatória é o facto de se poderem apenas sentir texturas sensoriais possíveis dentro da tela da faculdade sensível. O modelo kantiano da sensibilidade corrobora o acontecimento do olhar humano: o espectro de luz visível é uma restrição da totalidade do campo electromagnético. Só vemos o que nos é possível ver. O que aparece como cor ao nosso olhar corresponde a uma fixação da estrutura de antecipação a que chamamos sensibilidade. Existe uma tela de cores disponíveis e o quadro é pintado apenas com essas cores.

⁸⁴ "Let us now, albeit in a provisional manner, make this description somewhat more precise. Here, as above [in § 6], we referred to "a general system of sensibility as such." What is this? It is not the same thing as the feelings themselves, for it is precisely from this system that these feelings must be distinguished; and indeed, it is only by being distinguished from and related to this system that feelings first become possible for the I at all. Consequently, the system of sensibility would be [another name for] the "alterability" or "affectability" of the I-and indeed, its alterability or affectability as a system, as something exhaustive and whole, something that constrains the ideal activity {and [thus becomes] a possible object for it}." WLn_m, p.207;

⁸⁵ "The capacity (receptivity) to acquire representations through the way in which we are affected by the objects is called sensibility. Objects are therefore given to us by means of sensibility, and it alone affords us intuitions; but they are thought through the understanding, and from it arise concepts." Critique of Pure Reason, A19/B33, p.172;

A divergência entre Kant e Fichte acontece naquilo que é, para cada um deles, um conteúdo sensível. Para Kant esse conteúdo é a presença imediata de uma qualidade objectiva. O modelo da sensibilidade kantiano pressupõe passividade interna do sujeito. Mas para Fichte a sensação é uma contração de um quadro de possibilidade e não a posse de uma qualidade objectiva.

É operada, por esta via, uma modificação integral do paradigma de reconhecimento daquilo que é uma sensação. Se a tradição reconhecia na sensação a presença imediata de um conteúdo material, já Fichte assume que de cada vez que está posto um *qualia* é contraposto o todo do sistema da sensibilidade.

A projecção da finalidade da acção é a correspondência entre dois todos analíticos – quantitativo e qualitativo – sendo o último deles uma determinação de um determinável. É através desta contração da totalidade qualitativa que se constitui propriamente o sentido e conteúdo da acção.

Relembremos a noção de contraposição como condição necessária da actividade do Eu. Na altura sublinhámos que esta componente estrutural seria crucial para a ruptura com a tradição filosófica e é isso que agora se deixa perceber: azul não é a mera presença de uma qualidade, mas uma restrição do sistema global da sensibilidade. Como restrição, é uma fixação determinada que tem uma relação indisponível com todo esse sistema.

Sentir azul é a contração que possibilita esse específico sentir e, ao mesmo tempo, com a latência da negação dos seus contrários. Azul é azul e não-preto, não-vermelho... Importa salientar que a negação do contrário não acontece apenas relativamente à cor: enquanto sistema global de antecipação de todas as sensações possíveis, aquilo que se opõe a azul é também o doce, o áspero, o alto e o baixo... Uma determinação sensível corresponde à restrição correspondente que a determina e à latência da negação de todo o restante sistema.

Do modelo de apresentação fichteano obtemos uma noção mais fiel do fenómeno da sensibilidade que ficou por explicar nos textos de Kant. Uma das características mais fundamentais da nossa relação sensível é o cruzamento cinestésico: descrevemos sensações sensoriais a partir de outras ordens de grandeza sensível. Reportamo-nos a sons como sendo altos ou baixos, suaves ou ásperos. Sons que podem ser secos. O campo auditivo está infundido com noções visuais ou tácteis. Esse cruzamento cinestésico só é possível se cada sensação for acompanhada pela presença latente de

todo o sistema global da sensibilidade e isso só é possível na versão fichteana da sensação como restrição. A restrição acontece dentro do espectro daquilo que é possível e cada determinação, como acontece dentro do sistema, está imediatamente cruzada com outros planos de possibilidade sensorial.

Existe, portanto, um enriquecimento transcendental face ao que é desenvolvido inicialmente por Kant: A forma dos objectos é uma restrição quantitativa e existe uma componente de antecipação a partir da consideração da sensibilidade como capacidade. Mas a par disso, é absolutamente crucial considerar que o conteúdo do que temos perante é uma restrição qualitativa do sistema global o que conduz a um ganho explicativo substancial para a investigação da consciência.

§5.EXTERIORIZAÇÃO DA SUBJECTIVIDADE E CONSTITUIÇÃO DO *não*-EU. INTUIÇÃO E IMAGEM.

No §2 (I secção) foi desenvolvida a ideia de uma peculiar forma de captação do movimento da subjectividade. Partimos da premissa orientadora fundamental do idealismo de Fichte - a dedução da representação independente a partir, exclusivamente, da interioridade - para estipular necessariamente a intuição intelectual. Intuição intelectual corresponde a um modo de sintonização do Eu consigo que permite *olhar* para si no curso da execução prática. Esta forma de intuição é condição de possibilidade para a irrupção da consciência: se a objectividade é um momento de exteriorização da egeidade, então é necessário que o Eu *olhe* para si na execução e que reconheça, em primeiro lugar, esses estados como seus. É do vislumbre desses estados que se tornam possíveis os momentos de intuição exterior. E uma vez que os objectos não são mais que exteriorizações de estados da interioridade torna-se clara a necessidade da presença de uma forma de captação desses *estados-de-si* através da intuição intelectual: do olhar sobre si mesmo.⁸⁶

⁸⁶ “Fichte’s general claim, then, will be that the intellectual intuition present in every conscious state constitutes one of the necessary conditions for the very possibility of consciousness.” Fichte’s Theory of Subjectivity, p.89;

Nesta fase do nosso trabalho a intuição intelectual não será o alvo específico do nosso cuidado ainda que seja fundamental a sua articulação para uma exposição mais clara. Focaremos o processo de intuição na sua componente objectiva, como ferramenta que possibilita a exteriorização de um momento da subjectividade. A referência à intuição intelectual serve apenas para sublinhar a simbiose entre os dois trilhos da consciência que estão sempre lado-a-lado: a intuição objectiva (exteriorização de *estados-de-si*) pressupõe a contínua articulação com a intuição subjectiva/intelectual (captação do movimento do Eu). Sem a sintonização da interioridade não existem *estados-de-si* e sem *estados-de-si* não se constitui mundo.

A pergunta que levantamos faz mira sobre o problema da constituição da objectividade. Vimos que toda a acção exige a elaboração de um conceito e que para a constituição desse conceito é requerido um *quantum* mínimo de determinação que são as sensações. Da sensação até à construção de um conceito assistimos a um movimento progressivo de exteriorização. Um conceito é a apresentação explícita de um conteúdo exterior que teve na sua génese um estado da interioridade, uma sensação. É esta metamorfose qualitativa que precisamos de focar neste momento: Como é que de um estado da subjectividade se faz derivar algo exterior? Como é que o conteúdo de uma sensação se pode tornar um objecto do mundo?⁸⁷

Aquilo que se está a interrogar é sobre o mecanismo de transição do Eu para o *não*-Eu. Fichte afirma mesmo que aquilo que distingue a *Doutrina da Ciência* de outros sistemas filosóficos se encontra nesta questão. Como é que, sublinhamos, de estados da subjectividade se pode constituir algo com características de objectividade? Como se estabelece a representação independente se aquilo que temos originariamente são momentos do Ego?

No início do §7 da *WLn* Fichte afirma que um conceito é aquilo que é construído para efeito de auto-determinação e que, por isso, é um objecto da actividade intuitiva.⁸⁸ Esta passagem é estrutural para a nossa exposição porque identifica uma noção fundamental: construção. Construir é criar a partir de material dado. Isso significa que um conceito,

⁸⁷ "Feeling and comprehending are opposed to each other. The very things that are united within feeling must lie outside of one another in the concept and in the intuition. Our present task is to explain how the content of feeling can become the object of an act of intuition or comprehension." *WLn*, p.189;

⁸⁸ "What is constructed for the purposes of self-determination, and has to be constructed if self-determination is to be possible, is a concept; and thus it is an object of the ideal or intuiting activity." *WLn*, p.187;

enquanto produto da actividade intuitiva, não é a mera apresentação de um conteúdo em bruto. Pelo contrário, aquilo que Fichte deixa perceber é que a intuição constrói qualquer coisa sobre o material que é disponibilizado através da sensação. Existe uma organização peculiar do conteúdo sensível e não apenas a sua exposição. Da sensação para a formulação de um conceito para a acção existe um complexo mecanismo com uma dupla característica: exteriorização dos estados da subjectividade e organização desses mesmos conteúdos em formato de construção. A intuição é, mais especificamente, este processo bifásico de exteriorização e organização construtiva do *quantum* mínimo da sensação. É para estes dois eixos que precisamos de incidir.

O primeira fase da intuição é a exteriorização da subjectividade. Intuição, podemos avançar, é o mecanismo que possibilita o arrancamento, a saída de si, a ruptura com a delimitação envolvente da sensibilidade. Sensação é pura passividade, um fenómeno de decalque a partir do qual se constituem estados de individualidades e que carecem de exteriorização. O Eu tem de dar lugar ao *não*-Eu para que se possa começar a constituir a representação independente característica da experiência empírica.

É importante recuperar as noções de actividade real e actividade ideal que surgem no §3 da *WLn* e que serão úteis para se compreender o processo de exteriorização que está em causa na primeira fase da intuição. A actividade real é a agilidade do Eu, o movimento típico da execução de si, do encaminhamento, da tomada de rumo. É o percurso trilhado pelo Eu depois da escolha de uma direcção: é o agir enquanto tal. A actividade real é o curso de acção prático, o movimento contínuo da subjectividade. Existir, do ponto de vista do humano, é estar em acção, um *perene* movimentar-se do qual resulta - a partir dos fenómenos de resistência - a consciência objectiva.⁸⁹

Como dissemos anteriormente, a eclosão da consciência requer focagem sobre a actividade real. Da agilidade são gerados momentos de obstaculização, mas esses momentos só aparecem à consciência se forem alvo de focagem resolutiva. O exercício de focagem é o *olhar-para-lá* da intuição. A actividade ideal corresponde, por isso, à intuição intelectual, à captação que o *Si* tem do seu próprio acontecimento. A actividade ideal é o paradeiro geográfico da subjectividade. Sem a focagem intuitiva não haveria consciência de si tão fundamental para a construção da objectividade. O objecto da

⁸⁹ "Real activity is true activity, which is an instance of acting. {Real activity consists in agility, in the transition to acting, and contains within itself the reason why it is determined in a particular way. Thus it is not anything fixed, but it is self-determining.}" *WLn*, p.141;

actividade ideal é a agilidade do Eu, a actividade real. A intuição perde-se no seu objecto de focagem porque é um *olhar-para-lá* em regime de *olhar-sobre-si*.⁹⁰

Importa salientar que na sensação existe coincidência absoluta entre a actividade real e actividade ideal. No curso da acção real, o sistema da sensibilidade é decalcado nos momentos resistência e em cada um desses momentos é gerada uma segmentação do sistema global. Aquilo que é sentido na sensação é o próprio corpo. Um conteúdo sensível - enquanto restrição do sistema global e antecipado da sensibilidade - implica sobreposição de planos, não existindo distinção entre agilidade e intuição. O que se sente é a expressão segmentada dessa agilidade.⁹¹

Contrariamente, para que a actividade ideal possa acontecer tem de haver distinção com o plano da actividade real. A focagem intuitiva requer a presença de algo que possa ser focado. O objecto de focagem da actividade ideal é-lhe exterior e independente. Na intuição existe uma clivagem de planos que não acontece na sensação. Toda a intuição é uma acção de cópia e isso pressupõe uma separação entre essa acção e o objecto que está a ser copiado.

Através da distinção entre actividade real e actividade ideal compreende-se imediatamente a diferença entre sensibilidade e intuição. Na sensação há sobreposição de planos e não é possível distinguir as duas actividades. Um conteúdo sensível é um *estado-decalcado* do eu, uma moldagem do sistema da sensibilidade que acontece no curso da agilidade. Uma sensação é, mais propriamente, uma deformação das determinações que estão envolvidas no curso da actividade real. Na apresentação que temos do mundo verificamos que toda a sensação surge na dependência de um objecto, naquilo que afirmármos anteriormente como a componente genitiva da sensação (*sinto o doce DO açúcar* porque *o açúcar É doce*, *a textura suave DO tecido* porque *o tecido É suave*). O problema com que nos deparamos prende-se exactamente nesta intrincada

⁹⁰ "That the ideal activity itself becomes an object in turn is something postulated along with the I. But it is made into an object by real activity. Thus if there is no real activity, then there can be no self-intuition of the ideal activity. Without the real activity, the ideal activity would have no object, nor would it be anything if the real activity had not placed something before it." WLnm, p.142;

⁹¹ "The distinction between ideal activity and feeling is as follows: Some being has to be given to the ideal activity, a being that is present independently of it and lies outside of it, whereas in the case of feeling, what is real and what is ideal are one and the same. {What is felt is the feeling subject: I feel myself; but the intuiting subject is not what is intuited. The eye, the ideal activity, is nothing at all unless there is something present that it copies.} The ideal activity requires an object outside of itself, an object that fixes this activity." WLnm, p.188;

relação: se a sensação é originariamente um conteúdo interno da subjectividade como é que, no modo habitual com que vemos as coisas, sentir é sempre sentir de um objecto?

A explicação - partindo de pressuposto fichteano de que a fixação da objectividade corresponde a um processo interno da consciência - está na apresentação da actividade ideal como intuição do acontecimento do Eu. A intuição intelectual permite o vislumbre da agilidade e tal implica que exista a separação de planos que apontámos acima. Intuição é um ver que exige obviamente um visto e é no cerne desta clivagem que encontramos a possibilidade mais básica para o surgimento do *não-Eu*. É importante reparar que da separação se estabelecem imediatamente dois eixos distintos dentro da subjectividade: o sujeito intuitivo e o objecto intuído. A intuição intelectual é a componente subjectiva da intuição, o olhar sobre si que exige um objecto para a sua fixação (o conteúdo sensível). Isso significa que o conteúdo sensível enquanto *estado-de-si* aparece à intuição como objecto de contemplação, é um dado para a intuição.⁹²

Existe um detalhe fundamental que precisa de ser realçado e que permite clarificar a relação entre sensibilidade e intuição. Dissemos que na apresentação habitual que temos das coisas todo o estado sensorial é acompanhado pela intuição de um objecto. Isso significa, por um lado, que não há forma de ter a posse de uma qualidade sensorial sem a intuição correspondente e, por maioria de razão, que não é possível a posse de um conteúdo objectivo sem o preenchimento imediato por um mínimo de qualidade sensível: cor, por exemplo.⁹³ Não existe intuição sem sensibilidade nem sensibilidade sem intuição. Mas o que permite Fichte efectuar esta afirmação *aprioristicamente*? Que da experiência seja dito que ainda não tivemos notificação de uma entidade em regime de desarticulação pode ser legítimo; não obstante, Fichte alarga esta tese nos pressupostos da necessidade e universalidade. Fichte está a sublinhar que não há outra possibilidade de apresentação de conteúdos que não a da dependência recíproca entre intuição e sensibilidade. É premente perguntar: como?

⁹² {This is the character of an intuition: An intuition, as such, is not identical with the subject, that is with the intuiting subject." WLnm, p.188;

⁹³ A tese da dependência recíproca entre intuição e sensibilidade é surge em vários momentos do §7 da WLnm. A título de exemplo: "There can be no intuition apart from feeling and no feeling apart from intuition. (...). An intuition is nothing unless a feeling is posited in opposition to it. (...). {To be sure, one can still think of a feeling apart from an intuition, for feeling is something original, something not derived from anything else. Ideal and real activity are joined within feeling. But there can be no consciousness of a feeling without intuition; for in consciousness feeling and intuition separate from each other. Consciousness is bound up with intuition, and feeling lies at the basis of intuition - or rather, feeling precedes intuition.}" WLnm, p.192;

Precisamos de recuperar a noção intuição (*Anschauung*) como *olhar-para-lá*. Aquilo que está em destaque neste conceito é o facto de a intuição corresponder, no essencial, a uma actividade de deslocação do olhar. Intuir é um agir ideal na premissa de uma focagem. Intuição faz imediatamente reportar ao conceito de actividade e pensar nos pressupostos necessários de qualquer acção. Uma actividade implica movimentação e, como vimos no §2, não pode ser compreendida sem a noção complementar de repouso. O repouso é o ponto a partir do qual se dá a deslocação em determinada direcção.

Relembremos o trajecto da *WLn*: do postulado descobre-se o conceito de actividade e deste conceito começam a delinear-se as suas condições de possibilidade desenhando um todo transcendental articulado. Ora a dependência recíproca entre intuição e sensibilidade não é mais que a aplicação das condições de possibilidade para pensar o conceito de actividade. Se a intuição é uma acção de direcção do olhar, então tem de ser dado um conteúdo que seja alvo dessa fixação (dado sensível). O dado sensível é o ponto de partida para a deslocação do olhar intuitivo. O que permite a clivagem de planos é justamente a necessária reciprocidade entre acção e repouso que está em causa no conceito fundamental de actividade. Quando Fichte pensa a intuição tem obrigatoriamente - pelo regime de articulação que está em causa no sistema da *Wissenschaftslehre* - de aplicar as mesmas categorias formais (neste caso, o repouso). A sensibilidade não é mais que o repouso, a entidade fixada a partir do qual se dirige a acção de *olhar-para-lá*. Existem portanto, dois planos separados, cuja relação de dependência exige articulação e, ao mesmo tempo, separação: o ver é diferente do visto, da mesma forma que o ponto de partida é distinto da tomada de um rumo. Mas nenhum é possível sem o outro: não existe rumo sem ponto de partida nem visto sem ver.

Acontece que da dependência recíproca não se consegue ainda fazer derivar o *não-Eu*. Isto é, mesmo admitindo que sensibilidade e intuição não sejam concebíveis um sem o outro, não é suficientemente claro como é que a intuição - no seu primeiro momento - põe o *não-Eu*. Sabemos que isso corresponde à exteriorização de um estado sensorial mas precisamos de incidir maior precisão para compreender o processo.

O binómio repouso/actividade é alelo do binómio sensação/intuição. Sabemos que o conteúdo sensível é um estado de passividade ou restrição da subjectividade. Obtemos assim as noções de passividade/sensação/restricção às quais opomos as de actividade e intuição. Mas falta-nos um conceito para que haja correspondência entre todos os pares, mais especificamente um que se oponha à noção de restrição. Liberdade é o conceito

fundamental que está em dependência recíproca e que é fundamental para que seja possível existir qualquer coisa como restrição.⁹⁴

Estamos perante outra aplicação do princípio fundamental da *WLn*m de que a toda a actividade se tem de opôr a noção de repouso. A intuição é necessariamente um acto livre de autoposição da subjectividade que foca a restrição que está envolvida na sensação. O ponto de partida para a possibilidade da intuição é a passividade característica da sensação e é daqui que começa a ser possível vislumbrar o *não-Eu*.⁹⁵

Encontramo-nos agora em condições mais propícias para extrair consequências daquilo que foi avançado. Observámos que uma das características cruciais da intuição, contrariamente à sensação, é a separação de planos. *Olhar-para-lá* implica um conteúdo que seja alvo dessa focagem. Na intuição existe, portanto, distinção entre o sujeito intuente e objecto intuído (o conteúdo subjectivo da sensibilidade). Mas por aplicação dos princípios que estão envolvidos no conceito de actividade (e sublinhando que toda a intuição é uma actividade de deslocação do olhar) tem de lhe ser oposto o conceito de repouso. No caso específico da intuição, o conteúdo sensível é esse repouso, a restrição de actividade original do Eu que permite a focagem intuitiva. A intuição - por se opor à restrição e por aplicação do mesmo princípio formal - é necessariamente vista como liberdade mas, e aqui tocamos no ponto fundamental, essa liberdade acontece no espectro da dissociação entre sujeito intuente e objecto de intuição. A liberdade é perspectivada no plano do sujeito intuente que está a focar o objecto que lhe é dado (o conteúdo sensível). Como existe dissociação, aquilo que aparece ao sujeito que intui movido pela liberdade é o objecto que a restringe. Tal objecto representa a restrição ao Eu em actividade. Esse objecto intuído - o conteúdo sensível - é negação da actividade, a negação de si sem referência ao Eu porque surge já no espectro da dissociação de

⁹⁴ "This act, in which both [intuition and feeling] are simultaneously present in opposition to each other, is an act of "wrenching away"- a state from which and to which transition is made.) We would thus have here yet another application of the principle that ideal and real activity do not exist apart from each other." *WLn*m, p.191;

⁹⁵ "What then can be present within an intuition? What is the content thereof? No intuition is possible unless the practical activity is limited and {thereby} separated from the ideal activity. The practical activity is, in this case, canceled; but since this real activity also belongs to the I, the ideal activity has to be related to an object, {for otherwise something would be missing from the I as a whole}." *WLn*m, p.193;

planos da intuição: como objecto intuído que se distingue do sujeito intuíte.⁹⁶ E é da negação de si sem referência à subjectividade que eclode o *não-Eu*.⁹⁷

De uma abordagem mais superficial ao problema seria possível concluir que a fixação do *não-Eu* derivaria simplesmente do confronto entre o impulso originário do Eu para a acção e a oposição de forças que acontecem nos momentos de resistência. Na circunstância de a intuição observar o curso da subjectividade encontraria estes dois planos em confronto e deduziria que a resistência estaria a ser causada por uma entidade exterior, fixando o conteúdo sensível como algo para lá do Eu. Tal versão não é errada mas deixa escapar a tremenda complexidade do processo da intuição e a sua articulação com o sistema da *Doutrina da Ciência*.

A articulação proposta por Fichte parte da noção fundamental - descoberta no postulado - que o Eu é actividade. Repouso é condição de possibilidade de qualquer actividade e ambos estão em regime de dependência recíproca. Acção é seguir um rumo que pressupõe a partida de um ponto fixo. A descoberta da intuição como tomada de direcção do olhar implica a consciencialização de que é também uma forma peculiar de actividade. Ora, se é uma actividade - e mais propriamente, uma actividade de focagem da subjectividade - a formalidade do conceito de repouso tem de lhe ser igualmente aplicada. O repouso para a actividade de intuição corresponde ao objecto que lhe é dado a observar, o estado sensorial que é fruto da resistência ao impulso original do Eu. Sensação é restrição e, por contraposição de carácter formal, intuição tem de ser um acto livre de observação. O sujeito da intuição reconhece-se activo no acto de intuir e aquilo que lhe é dado como objecto é a passividade restritiva da sensação. A sensação surge como contraposição do Eu livre da focagem intuitiva, como restrição que é - para a intuição - um objecto observado e independente de si: o *não-Eu*.

⁹⁶ "That is to say, even though I and limitation are, as subject and object, opposed to and at the same time united with each other within intuition, I am, nevertheless, not intuited at all. Instead, my own limitation here appears as an object, as something that limits; and it is intuited as such. But it does not appear as "my" limitation, since what sets limits cannot be referred to me, but instead appears as something outside of me, as something limiting.] The object is [thus] posited as something external to me; as Not-I, it is posited in opposition to the I, but no notice is taken of this act of opposing; I do not relate it to myself." WLnm, p.194;

⁹⁷ "My state becomes altered by this act of wrenching away; I become free and active, since I am in a passive state while engaged in feeling; but, since all this passivity still remains, it becomes an object {of intuition, and indeed, [is intuited] as an immediately given object, not as one related to the I}. The alteration this "something" undergoes can be explained only by my freedom in intuition." WLnm, p.195;

Defendemos ser este o processo que está em causa no primeiro momento da intuição. A exteriorização de um conteúdo da subjectividade e a sua apresentação à consciência como *não-Eu* é a condição primordial para a apresentação de um conteúdo em regime de independência objectiva. Tendo em conta o modo de articulação da *WLn_m*, o que aparece no §7 - e que foi alvo da nossa atenção - deve sempre ser visto no espectro daquilo que lhe antecedeu, e isso conduziu-nos a uma abordagem mais fina do que faria supôr porque implicou o cruzamento de todos os eixos desenhados anteriormente por Fichte.

Conhecido o fundamental da *WLn_m* no que diz respeito ao primeiro momento da intuição - exteriorização de um conteúdo sensível e fixação do *não-Eu* - é apropriado tentar iluminar esse acontecimento com aquilo que Fichte expõe em *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*.

Logo no início da exposição do segundo teorema é sublinhada a necessidade de haver um intermediário, um mediador, um terceiro elemento que possibilite a síntese entre acção e passividade.⁹⁸ Este terceiro elemento deve incluir um plano que verse o acontecimento da subjectividade e, ao mesmo tempo, tem de ser capaz de transformar esse conteúdo subjectivo em algo exterior. Fichte assume que estas duas características - testemunho da subjectividade e exteriorização do conteúdo - têm de estar em perfeita harmonia. Apesar de distintos (de um lado temos um *estado-de-si* e do outro a fixação do *não-Eu*), tem de haver interdependência entre ambos: o conteúdo exteriorizado reflecte um *estado-de-si*.⁹⁹

⁹⁸ "Both the indicated real activity of the I and the suppressed activity must be related to each other. But according to the rules of synthesis this is possible only if the two are united, or (what amounts to the same thing) if some specific, third thing is posited between these two—a third thing which is activity (of the I) and passivity (suppressed activity) at the same time." *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*, p.253;

⁹⁹ A estrutura formal actividade/passividade que surge na *nova methodo* está desenhada já neste texto de 1795. Não existe acção sem a contraposição de um elemento de restrição ou de bloqueio. Para a irrupção da consciência é necessária a existência de um elemento que permite a união sintética entre estes dois pólos e este é a função fundamental da intuição: "The third thing is supposed to be both of these things at once; the distinction we have just made should not correspond to separate elements within this third thing. This fact [viz., the "third thing" we are looking for] must be capable of being regarded as something absolutely posited by the I, even with respect to its specific, determinate character; it must also be capable of being regarded as posited by the not-I, even with respect to its being. Its ideal and real bases should be intimately united; they should be one and the same." *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*, p.254;

Nesta obra intuição é claramente sugerida como o elemento mediador que permite resolver a contradição entre actividade e passividade. Na verdade, a intuição é um acto subjectivo de focagem que tem a passividade como seu objecto. Tal objecto é contemplado pela intuição que, enquanto acção da subjectividade é, ao mesmo tempo, um acontecimento de autoposição. Assim, aquilo que é dado como objecto a ser contemplado é contraposto à autoposição de si e apresentado como *não-Eu*.¹⁰⁰

O aparecimento do *não-Eu* é o resultado da mediação desempenhada pela intuição. Da síntese entre opostos resulta a exteriorização de uma estado sensível. A intuição corresponde à possibilidade de unificação de contrários em que o primeiro resultado é a exteriorização de um conteúdo interno. Relembremos o trajecto e a síntese desenvolvida pela intuição: o Eu possui um impulso originário para a deslocação. Nesse movimento de agilidade ou deslocação orinária existem diversos conflitos por oposição de forças de sentido contrário. Tais conflitos representam os momentos de resistência dos quais se fazem derivar as sensações. Uma sensação é um *estado-de-si*, uma moldagem da actividade pura do Eu, um produto da resistência. Como a consciência requer apercepção do acontecimento de subjectividade, é necessário postular uma segunda actividade que foque a primeira. Por se perceber - na intuição - como sujeito intuente dos momentos de resistência, aquilo que lhe aparece é um dado objectivo cuja resistência foi imposta pelo lado de fora, por algo que se distingue de si.¹⁰¹

A possibilidade de aparecimento do *não-Eu* requer um elemento que proporcione a síntese entre elementos distintos. É importante reparar que já neste texto de 1795 está delineada a textura fundamental que persiste em toda a exposição da *nova methodo*: a lei que define que todo o acontecimento requer a contraposição concomitante do seu contrário. A ideia de que actividade não se compreende sem um elemento de passividade e a necessidade de um componente sintético entre opostos está presente e é

¹⁰⁰ "When one considers that the activity of the I is positing, and thus that the activity which is supposed to have its basis entirely in the I must be an act of positing, then one can see at once that the act in question must be one of intuiting. The I contemplates a not-I, and this act of contemplating is all that pertains to the I at this point." Outline of the Distinctive Character of the *Wissenschaftslehre*, p.254;

¹⁰¹ "Perhaps I can make this clearer by means of the following image: The original pure activity of the I is modified and at the same time shaped by the check which occurs. To the extent that this happens, it is not to be ascribed to the I. Now another free activity tears the first activity, just as it is, free from the encroaching not-I. Then it observes and examines the activity which it has thus torn away from the not-I, in order to see what it contains. But it cannot consider what it finds to be the pure form of the I; instead, it can only take it to be an image of the not-I." Outline of the Distinctive Character of the *Wissenschaftslehre*, p.256;

a partir dessa consideração que a intuição é deduzida e articulada no acontecimento da consciência.¹⁰²

Passividade é restrição de uma actividade e actividade é o arrancamento de um estado de bloqueio. Aquilo que medeia o binómio acção/passividade - e que é crucial para o desempenho de funções da intuição - é o conceito de limitação. Se a passividade é limitação do impulso original do Eu, então o limite é o ponto de contacto entre a expressão originária do Ego e aquilo que restringe essa mesma pulsão. Na fronteira da subjectividade encontram-se os dois planos contrários mas que estão em regime de dependência recíproca. É na fronteira que os dois planos se cruzam ganhando definição. O limite define a fronteira da subjectividade. Para cá do limite está o plano da sensação enquanto *estado-de-si*: fecha-se o círculo de acontecimento da interioridade em que cada um dos momentos de restrição tem como referência o Eu.

Aquilo que define o sujeito como intelecto é a superação desse limite através da faculdade de intuição. O *não-Eu* corresponde à deslocação do *estado-de-si* para lá da fronteira. Existe transferência do conteúdo da subjectividade para o lado-de-fora.¹⁰³ A noção de limite que aparece em *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre* é recuperada na *nova methodo* com uma exposição discretamente diferente mas que, no essencial, se sobrepõe. Fazemos referência ao §7 e ao esboço das duas esferas de diâmetro diferente mas com o mesmo epicentro (B e A). A esfera B (diâmetro inferior) corresponde ao acontecimento exclusivo da interioridade até ao limite de um conteúdo sensível como *estado-de-si*. A esfera B da *WLnm* é análoga ao trajecto entre os pontos A e C de *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*. A esfera de diâmetro mais alargado (A) simboliza o dois momentos fundamentais da intuição - fixação do *não-Eu* e construção imagética - identificando-se com o que no texto de 1795 Fichte refere como *acção-para-lá-da-fronteira*.¹⁰⁴ Percebe-

¹⁰² "We must find something in which passivity can be explained only by activity, and vice-versa, and in which each is incomplete when considered by itself. They must be so closely united that activity necessarily leads to passivity and passivity leads to activity, for such is the nature of the synthesis which is required." *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*, p.256;

¹⁰³ "From here the I becomes an intellect only by freely crossing this boundary and thereby transferring something from itself to what is supposed to lie on the other side of this boundary." *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*, p.257;

¹⁰⁴ "The entire world constitutes our general sphere. Within this general sphere one must posit another, narrower one. If this narrower sphere is now taken to be the I, then there is something external to the I. {The I encloses itself; nothing foreign can enter into it. Nevertheless, the I also discovered many other things, outside of itself, which, together with the I, entered into this general sphere. In addition to this

se que o ponto C é o limite entre as esferas B e A. É a entidade mediadora que consegue sintetizar os opostos. O limite não pertence nem ao interior nem ao exterior: é a confluência dos dois acontecimentos num único ponto. Sem a noção de limite não seria possível determinar o ponto de contacto entre acção e passividade e na ausência de definição deste ponto a proposta fichteana seria paradoxal.

O limite possibilita síntese de contrários, a resolução da aporia e a clara definição do percurso sistemático da *Doutrina da Ciência*: O Eu é actividade, não existe actividade sem passividade, a passividade é um conteúdo sensível como *estado-de-si*, a eclosão da consciência objectiva requer a fixação do *não-Eu* e essa fixação pressupõe uma actividade de exteriorização do conteúdo sensível. Enquanto actividade que requer a passividade sensível tem de existir um limite que possa sintetizar os contrários. Esse limite é a fronteira em que se sobrepõem os dois planos opostos e que torna possível a sua distinção.

O modo da dedução do *não-Eu* - simplesmente como exteriorização de um conteúdo da interioridade - do texto de 1795 é similar ao da *nova methodo* apesar da diferença assinalada relativamente à exposição (num caso com a apresentação da actividade do Eu entre os pontos A-C e a superação do ponto C através da intuição; e noutro com o modelos das esferas concêntricas B e A). No primeiro modelo o ponto C representa o limite que permite a síntese entre acção e passividade a partir da intuição e que é análogo à fronteira entre as esferas B e A desenhadas em 1796. Em ambos os textos existe sobreposição da actividade ideal com a actividade real no acontecer específico da subjectividade (em *Ouline* no segmento A-C e na *nova methodo* na esfera B).¹⁰⁵ Neste caso a acção originária do Eu - a actividade real - é testemunhada pela intuição

general sphere of the I, the I must once again enclose itself within another, particular sphere, so that this narrower circle would include those things that do not belong within the wider circle of the I, inasmuch as the ideal activity has posited itself again as an I in particular. Thus, anything lying outside of sphere B would be the Not-I and, with specific respect to B, would not belong to the I.} The existence of such a narrower sphere {B} is now established. In intuition, the I feels itself only as active. The I's passivity is excluded [from the narrower sphere of the I], and, in this way, an object becomes possible." WLn, p. 195;

¹⁰⁵ "It is clear that the activity of the I (considered simply as an action in its own right and quite apart from whether it is inhibited or not) would thereby be opposed to itself, that is, would be viewed as directed either at what is ideal or at what is real. The activity of the I which goes beyond that boundary which we will call C is a purely ideal activity and not at all real, whereas the real activity does not go beyond this boundary at all. The activity that lies within the bounds between A [the starting point of activity] and C is both ideal and real." Outline of the Distinctive Character of the *Wissenschaftslehre*, p.258-259;

intelectual - actividade ideal - e os momentos de restrição ou passividade são percebidos como momentos que se reportam ao sujeito. A focagem e apercepção de si é permitida pela resolução óptica da intuição intelectual.

A actividade real é expressão da afecção subjectiva e consiste naquilo que resulta dos momentos de resistência à pulsão originária do Eu. Actividade real exprime passividade à qual tem de ser contraposta - por imposição de carácter formal - uma actividade de carácter livre.¹⁰⁶ A liberdade é a característica fundamental da actividade ideal que pode ser identificada na *nova methodo* como intuição intelectual. Pelo mesmo raciocínio que desenvolvemos na investigação da *nova methodo*, a actividade ideal livre tem necessariamente de reconhecer a passividade da actividade real como imposição externa. Assim, a actividade ideal transfere imediatamente o conteúdo que está a focar para lá da fronteira que une os pólos entre actividade e passividade. A actividade ideal transforma o *estado-de-si* - o momento da subjectividade - no *não-Eu* porque, reconhecendo-se livre, copia a passividade como restrição exterior.¹⁰⁷ A intuição, no caso de *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre* atravessa a fronteira delimitada por C; e no caso da *nova methodo* transfere os conteúdos da esfera de diâmetro menor para a esfera A, construindo a totalidade daquilo a que chamamos mundo. Em ambos os casos o mecanismo de articulação é idêntico.

Importa notar que a intuição é uma capacidade inventiva porque projecta conteúdos do *de-cá-para-lá-da-fronteira*. Na intuição o sujeito reconhece-se livre e activo na focagem perdendo-se no objecto que está a focar. Esse objecto, que é a expressão da sua passividade, é um *estado-de-si* mas que resulta na negação da subjectividade porque a intuição é, fundamentalmente, contemplação. O acto de ver perde-se no visto e o

¹⁰⁶ "As we have just seen, the I cannot posit itself as limited without at the same time crossing the boundary and distancing the latter from itself. As it crosses this boundary, however, the I must at the same time posit itself as limited by the boundary. This is self-contradictory, as we have seen. Now it is true that we have said that the I is limited and unlimited in entirely opposite respects and with reference to entirely opposed modes of activity: it is limited insofar as its activity is real, and unlimited insofar as it is ideal. It is also true that we have opposed these two kinds of activity to one another." *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*, p.266;

¹⁰⁷ "The activity which lies between A and C is what is supposed to be related or attributed to the I. This activity could not be related, qua limited activity, to the I, for the I does not limit itself. However, the activity in question is also ideal and, as such, has its basis solely within the I (by virtue of the previously indicated positing of ideal activity as such). This ideality (which, as will be shown at the proper time, is freedom or spontaneity) provides the basis for the relation [between this activity and the I]. The activity in question is limited only insofar as it depends upon the not-I, which is excluded from it and regarded as something foreign." *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*, p.259;

interior é reconhecido como exterior.¹⁰⁸ Existe transformação qualitativa de primeira ordem em que o *estado-de-si*, enquanto produto da actividade real, é imediatamente captado como *não-Eu*. Esta articulação entre actividades parte sempre do modelo fundamental da contraposição. Não existe actividade ideal (livre) sem actividade real (restrição), da mesma forma que não existe Eu (livre) sem *não-Eu* (passividade). É esta dedução articulada que permite compreender o motivo pelo qual, por exemplo, toda a sensação surge associada a uma intuição de carácter objectivo (relembros a expressão: o *açúcar é doce*). O ponto fundamental é que todas estas determinações são variações da mesma lei formal que é a linha orientadora de toda a dedução. Apesar da lei da Oposição Reflexiva ser explicitada apenas na *nova methodo* é fundamental perceber como também permeia exposições anteriores do sistema da *Doutrina da Ciência*.

A nossa exposição permitiu compreender a possibilidade de irrupção do *não-Eu* a partir da subjectividade. Os conteúdos sensíveis foram, mediante a instrumentalização de uma actividade de carácter ideal, exteriorizados, constituindo-se uma novidade teórica de primeira ordem já que agora existem entidades que se distinguem e opõem ao Eu.

O que se percebe como *não-Eu* é, no fundo, o estado de limitação do próprio *Si* exteriorizado e sem qualquer relação com a interioridade subjectiva (por mor do modo como a actividade ideal incide a focagem sobre a actividade real: em prova testemunhal).

Merece a pena perguntar a que é que corresponde a exteriorização de tais conteúdos. Afinal, o que é que aparece à consciência através da primeira execução funcional da intuição? O que é, para a consciência, a exteriorização de um conteúdo sensível? Que notificação possuímos disso?

No início deste capítulo sublinhámos a ideia de que a intuição é um processo bifásico porque detém duplicidade funcional: exteriorização de conteúdos da subjectividade e organização desses mesmos conteúdos. A consciência pressupõe a mediaticidade da intuição na sua dupla perspectiva e isso implica considerar que a mera exteriorização da

¹⁰⁸ "The I acts. We can see this from our present standpoint of scientific reflection, and any intellect, if it were to observe the I, would see this as well. But, from its present position, the I itself cannot see that it is acting (though at some future point it may well be able to see this). Thus the I forgets itself in the object of its activity. Here we have an activity which appears to be only passivity—which is what we were seeking. Intuition is the name of this action, a silent, unconscious contemplation, which loses itself in its object. What is intuited is the I insofar as it is engaged in sensation. Similarly, that which intuits, the intutor, is also the I, which, however, neither reflects upon its own intuiting nor is able to do so, insofar as it is engaged in intuiting." Outline of the Distinctive Character of the *Wissenschaftslehre*, p.260;

subjectividade (a intuição de primeira ordem) não constitui qualquer objecto enquanto tal.¹⁰⁹ Nada surge à consciência pela execução singular de um dos componentes da intuição porque a objectividade pressupõe articulação de todos os momentos da cadeia que se encontram em posição de analiticidade. Não há intuição sem sensibilidade, nem sensibilidade sem intuição. Nem intuição sem conceito ou conceito sem intuição. O que importa sublinhar é o desdobramento interno da intuição nas suas duas fases e aquilo que imediatamente se deduz: se a consciência labora por meio de conceitos, se o conceito está em relação de dependência recíproca com a intuição e se a intuição é constitutivamente bifásica, então não existe qualquer quadro conceptual (e por maioria de razão, consciência) sem, por um lado, a exteriorização de conteúdos da subjectividade, nem, por outro, a construção organizativa desses mesmos conteúdos.

A nossa atenção precisa, por isso, de se voltar para a segunda componente da intuição a que fazemos referência. O *não-Eu* precisa de ser ordenado pela intuição naquilo que Fichte identifica como imagem.¹¹⁰

Existem referências fundamentais na *WLn* sobre o conceito de imagem que têm de ser focadas na nossa exposição, mas é certo que em *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre* o tema é mais profundamente abordado. Começaremos, por este motivo, sobre a segunda obra mencionada tentando construir uma fixação sólida que permita a abordagem posterior à *nova methodo*.

Fichte exemplifica o modo de construção da imagem a partir da focagem resolutiva que é possível fazer incidir sobre um objecto: Olho pela janela e identifico uma árvore. Podemos assumir que o primeiro momento da intuição corresponde ao exercício silencioso de exteriorização da moldagem do sistema da sensibilidade. O sistema óptico é afectado de um modo peculiar e a intuição de primeira ordem metamorfoseia essa subjectividade específica num *não-Eu*. Constrói-se uma alteridade inespecífica mas que permite o primeiro detalhe fundamental - algo se distingue de mim. Existe um *não-Eu*.

¹⁰⁹ "Thus here again we have that first and original outer intuition which we described above (though it has not yet been posited as outer). No consciousness arises as yet from this intuition—not only no self-consciousness (that is clear enough from the above), but not even a consciousness of the object." *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*, p.271;

¹¹⁰ "By means of this new act of reflection, the not-I must be posited as a product of absolute freedom. The distinguishing feature of such a product is that it could also be something else and could be posited as such. The intuiting faculty oscillates between various specific determinations and posits only one from among all those which are possible. From this determinate act of positing, the product obtains the distinctive character of an image." *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*, p.278;

Quando olho para a árvore apercebo-me de algumas determinações constitutivas: possuí determinada cor e comprimento, os ramos apresentam uma determinado diâmetro, disposição e angulação. Sou portador de uma imagem do objecto que tenho perante mas, e isso é que é o ponto fundamental, é possível que construa uma imagem diferente daquela que possuo. Se olhar agora mais atentamente consigo produzir maior especificidade na determinação do tamanho, cor e mesmo de outras determinações que anteriormente passaram despercebidas: compreendo agora a sua envergadura (algo que me tinha escapado na determinação inicial), percebo que a sua cor não é uniforme porque possui zonas mais escuras que outras, identifico o número exacto de ramos e bifurcações entre cada um deles, observo até que muitos se encontram quebrados. A imagem que a intuição produz no segundo caso tem maior detalhe resolutivo distinguindo-se da primeira imagem. É certo que se reportam ao mesmo objecto mas são categoricamente diferentes. Se a imagem fosse veiculada - em regime de absoluta imposição pelo exterior - não seria permitido à consciência diferenças de especificação. Aquilo que observamos é que em cada um dos casos a intuição pinta telas diferentes porque dispõe e organiza os conteúdos de forma também diferente. Num e noutro caso o conteúdo sensível - após exteriorização pela intuição de primeira ordem foi ordenado com graus de determinação distintos. A segunda imagem é mais rica em conteúdo e isso deveu-se, no fundamental, a um acto de produção autónomo. A intuição foi livre na construção da imagem e na organização do conteúdo porque perante a exposição ao mesmo detalhe perceptivo foi possível produzir telas de apresentação diferentes.¹¹¹

A experiência habitual mostra que toda a intuição se faz acompanhar imediatamente de um objecto, que cada intuição tem uma relação de reciprocidade com um conceito do mundo. A imagem é *da árvore e não da consciência*. A representação é vista na negação

¹¹¹ "(In order to make ourselves understood, let us take as an example an object with various properties—despite the fact that it is still too early to speak of such an object. In the first intuition—that is, in the productive intuition—I am lost in an object. First of all, I reflect upon myself; I discover myself, and I distinguish between myself and the object. However, everything in the object is still confused and intermingled; it is nothing more than an object. I now reflect upon its individual properties—upon its shape, for instance, its size, its color, etc.—and I posit them in my consciousness. As I consider each individual property of this sort I am at first doubtful and uncertain. I base my observations upon an arbitrary schema of shape, size, and color that approaches the shape, size, and color of my object. I look more closely, and only then do I determine more closely my original schema: let us say, for example, I determine that the shape is that of a cube, the size that of a fist, and the color dark green. By means of this transition from an unspecified product of free imagination to one which is completely specified and determined in one and the same act, what appears in my consciousness becomes an image and is posited as such. It becomes my product because I must posit it as absolutely determined by my own spontaneous activity.)" Outline of the Distinctive Character of the *Wissenschaftslehre*, p.278-279;

daquilo que lhe é mais fundamental: o facto de, como vimos, ser uma construção livre. A imagem produzida pela intuição não aparece à consciência exclusivamente como resultado de um acto de produção autónomo e passível de ser diferente, antes pressupõe uma correspondência exacta com um ente aí disponível. A intuição de um objecto tem, para a consciência, o estatuto de imanência. A imagem é logo o objecto no seu quadro conceptual.

Esta relação entre intuição/imagem e conceito será abordada mais profundamente no próximo capítulo da nossa investigação. Por enquanto deve ser vincada a ideia de que o segundo momento da intuição corresponde, no fundamental, à execução ou produção de um quadro representacional, de uma imagem. A intuição organiza os conteúdos autonomamente conseguindo vincar uns mais que outros conforme a resolução a desempenhar. Do mesmo objecto são possíveis diferentes telas e isso é revelador do carácter fundamentalmente produtivo que está em causa no conceito de imagem.¹¹²

Ao longo da *WLn*m vão surgindo referências à noção de imagem que é importante recuperar e relacionar com o que até aqui desenvolvemos. A primeira abordagem que Fichte faz ao termo acontece no §3¹¹³ ao afirmar que o sujeito intuente obtém uma imagem ou cópia do seu objecto. Na distinção entre actividade ideal e actividade real - que é a distinção que é posta em relevo no §3 - a intuição é pensada como *movimento de focagem (olhar-para-lá)*. A actividade ideal olha para o acontecer da subjectividade na sua deslocação originária e traduz essa visualização na constituição de uma imagem que não é mais que uma cópia da actividade real (do encaminhamento propulsivo do Eu). Intuição, significa assim, a imagem que é construída na focagem do acontecimento da subjectividade. Como vimos já, essa imagem possui sempre um sentido de exterioridade

¹¹² A título de curiosidade repare-se que o noção de imagem que aqui está a ser focada é defendida por Fichte mesmo antes de *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*, logo em 1794. Aqui já é acentuado o carácter produtivo que acompanha esta noção em textos posteriores. "To return to our first example: just as the representation of a physical world is present in my consciousness, so is an image of this physical world present in my imagination. You know from my previous lecture that I contend (and will rigorously prove at the proper time—though the contention in question may well amount to no more than that of Kantianism properly understood) that this image of the physical world is nothing more than a product of the absolutely creative imagination, an image which, since the time we first became acquainted with ourselves, has been projected by our imagination with the greatest ease and effortlessness." EPW, p.202;

¹¹³ "The intuiting subject obtains only an image or copy [of its object]. Unlike real activity, ideal activity does not possess within itself the ground of its determinate being, and this is why it is in a state of passive repose. The ideal activity has its foundation in the reality that lies before it." *WLn*m, p.141;

porque a actividade ideal tem a actividade real como seu objecto. A imagem é imediatamente constituída como algo que se distingue da esfera da interioridade.

No §4 observamos uma ligeira mas muito importante inflexão daquilo que está em causa na estruturação imagética relativamente ao §3 e que é mantida em todas as referências posteriores. Aqui Fichte assume mesmo que a actividade ideal está *ocupada* na formação de imagens. O que importa sublinhar neste passo é que não é apenas de uma cópia ou obtenção passiva de uma imagem, num modo de passividade reflexiva que o §3 poderia ainda deixar transparecer. Existe produção, constituição, formação que faz imediatamente pensar numa execução estruturada e estruturante da intuição.¹¹⁴ Esta ideia é recuperada também no §7 quando Fichte assume que existe uma relação de dependência entre a actividade ideal e a actividade real. De facto, a intuição precisa de um objecto de focagem para que possa constituir uma imagem e o seu objecto é, como vimos, o encaminhamento original do Eu. Mas isso não é compatível com a componente criativa que está envolvida na ideia de imagem. Pode haver, sublinhamos, uma relação de dependência e liberdade: tem de lhe ser dado algo para ver, mas esse ver é uma acção produtiva com detalhes específicos impostos exclusivamente pela intuição.¹¹⁵

A distinção espelho/imagem na analogia da intuição como olho-vivo que acontece no §4 permite vincar a forma como a componente executiva está envolvida na constituição da imagem. A intuição não é um espelho - que apresentaria uma mera cópia - mas um olho que produz a imagem dentro de si. O olho é uma ferramenta que permite a eclosão de uma imagem a partir das suas determinações. O olho não é um molde, mas uma faculdade que cria telas representativas.¹¹⁶

¹¹⁴ "The ideally active [power] must operate in this way because it is acquainted only with what lies within itself. Since it is engaged in forming images (...)" WLnM, p.149;

¹¹⁵ "Simply by virtue of the fact that it has an object, the ideal activity is always limited. Nevertheless, despite its limitation, it remains an activity, an inner act of forming images, an act of producing something within itself, an act of internal self-intuition." WLnM, p.201;

¹¹⁶ "By means of its own seeing, the eye itself-like the intellect itself-becomes an image for itself. An image is reflected in a mirror, but the mirror cannot see the image. The intellect, in contrast, becomes an image for itself. What is in the intellect is an image and nothing else." WLnM, p.152;

§6 FICHTE, PLATÃO E O FILEBO NA FIXAÇÃO DOXÁSTICA E DESENHO DE UMA IMAGEM

É importante salientar a proximidade entre a noção fichteana de imagem como produto de uma acção interna e um dos textos de Platão que parece defender exactamente a mesma ideia. Reportamo-nos ao *Filebo*, secções [38e10-39b10], cuja recuperação pode auxiliar a nossa investigação.¹¹⁷

O exemplo de Platão tenta fazer emergir o processo de fixação identificatória (δοξάζω) de um conteúdo que se tem perante. Alguém que, ao longe, veja algo que não identifique imediatamente como um homem ou um espantalho produzirá, no curso da tentativa de identificação desse conteúdo, um momento de escolha entre possibilidades. O lugar da indecisão é tomado pelo lugar da fixação de conteúdo. Para o sujeito que vê, há um instante em que o apresentado passa a ser qualquer coisa com carácter de especificidade. Essa fixação é, para Platão, uma anotação precisa no livro da mente humana: *aquilo é X*.

A ideia de um escriba corresponde ao processo de inscrição do resultado do cruzamento de dois planos fundamentais: memória (μνήμη) e percepção (αἴσθησις). Da intersecção entre os dois planos emerge um estado de afecção particular da subjectividade (πάθημα) cuja interpretação faz derivar juízos de fixação de identidade.¹¹⁸ A função do escriba é, portanto, materializar proposicionalmente o resultado do processo de intersecção entre a memória e os conteúdos perceptivos. É o escriba que anota *Isto é uma árvore*.

¹¹⁷ "Soc. I think our mind (psyche) is like a book on that occasion.// Prot. What do you mean?//Soc. I think memory interacting with perception together with the things undergone in connection with them write as it were statements in our minds (psyche). When what is undergone writes the truth (alethes) we acquire true (alethes) judgements or statements; when this as it were internal scribe of ours writes falsehoods, the result is the opposite of the truth (alethes).// Prot. I'd accept that. It seems quite right to me.// Soc. Then I want you to accept the presence of another worker in our minds (psyche) on that occasion alongside the first.// Prot. What is that? //Soc. A painter, who follows the scribe and paints pictures in the mind (psyche) of what the scribe writes.// Prot. I am not sure what you are referring to now, or when this painter operates.// Soc. I am thinking of when a person isolates what he previously judged or said from sight or any other form of perception and as it were sees in his mind's eye the images of what was judged and stated. Or don't you think this sort of thing can happen?// Prot. Of course it can happen.// Soc. And the pictures corresponding to true (alethes) judgements or statements are true (alethes), those corresponding to false ones false?// Prot. Certainly. Soc. If we are right so far, there's a further point to consider.//Prot. What's that? // Soc. Whether this phenomenon is confined to present and past events, or whether it occurs with future ones as well." Philebus, p.35-36;

¹¹⁸ Oxford Studies in Ancient Philosophy, Vol. XLII. *Imagination, Self-Awareness, and Thought in Philebus*, p.122;

Para além do escriba - e aqui entramos mais detalhadamente no processo de intuição como construção imagética - Platão anuncia a necessidade concomitante de um outro trabalhador (δημιουργός) na mente humana. É importante reparar na componente demiurgológica que Platão lhe atribui. Demiurgo - também organizador do cosmos no *Timeu* - é aquele que constrói, produz ou inventa. Não é um mero sujeito de repetição passiva com um modo de operacionalização monotonamente fabril. Este trabalhador com funções de demiurgo no interior da *psyche* é um pintor (ζωγράφος) e tem a função de criar imagens correspondentes às fixações identificatórias do escriba.

Para além do facto de no próprio texto o pintor aparecer depois do escriba, a introdução da preposição μετά (com a sua conotação temporal) pode dificultar e até condicionar negativamente a interpretação. São vários os teóricos que pensam o pintor como mero reproduzidor por imagens do conteúdo proposicional do escriba. O pintor é percebido comumente numa lógica de atomização temporal da mente humana em que num primeiro momento existe fixação proposicional de conteúdos e no momento posterior é construída uma imagem correspondente e ilustrativa dessas proposições.¹¹⁹ A precedência proposicional é pressuposta limitando a imagem (εἰκών) a um retrato do conteúdo linguístico. Existe mesmo quem defenda a posição de uma dependência unidireccional: que o escriba pode laborar sem o pintor, mas que o pintor não é independente do escriba. Significa isso que, à luz desta interpretação, pode haver conteúdo proposicional sem imagem mas nunca pode haver imagem sem conteúdo proposicional.¹²⁰

A tese que propomos opõe-se a este legado interpretativo ainda que defenda um regime de articulação entre imagem e conteúdo proposicional: εἰκών e λόγος. Ficará mais

¹¹⁹ "Thus we should not simply atomize the mental process in question into separate acts, so that one proposition written at time *t*₁ would be illustrated by one directly related and temporally posterior image created at time *t*₂ (imagine what it would be like to read a novel or to converse with someone under such circumstances). Yet many interpreters seem to assume exactly this: for instance, Hendrik Lorenz quotes 39B 6-7 with an explanatory parenthesis, speaking thus of 'a painter or illustrator' 'who follows the scribe and paints images in the soul of the things spoken of [sc. in the scribe's writing]'. "Imagination, Self-Awareness, and Thought in Philebus, p.127;

¹²⁰ "Plato's analogy of the painter and the scribe is thus important for two reasons. Firstly, because it is a foundational expression of the idea that things can be thought about - things can be recollected and anticipated - via both words and images. Secondly, while scribe could work without the painter, the painter could not work independently of the scribe: the model makes one mode functionally and epistemologically dominant over the other." Painter and scribe: From model of mind to cognitive strategy, p.119;

explícito no capítulo seguinte a forma da relação bidireccional que é importante considerar entre intuição (imagem) e conceito (conteúdo proposicional). Por enquanto vale a pena reforçar a ideia de que a construção imagética que está em causa no segundo momento da intuição é um processo livre de criação, articulado com a matriz conceptual, mas que de nenhuma forma é uma cópia exacta desta matriz. O pintor não é um mero ilustrador da componente proposicional, é antes um criador que dá forma pictórica a alguns conteúdos conceptuais e isso permite-lhe a margem de manobra resolutive considerada tanto por Platão como por Fichte: só pintamos novas telas representacionais - focando melhor um ou outro conteúdo - se a imagem for um acto de produção livre.

É claro que, pelo facto, de a consciência exercer funções por meio de conceitos, tal imagem surge sempre articulada a uma fixação de identidade, mas isso não significa que a imagem desenvolvida seja exclusiva dessa matriz proposicional. Prova disso é que podemos ter maior ou menor detalhe resolutive - pintando outra tela - mantendo, ao mesmo tempo, o mesmo conceito ao qual a imagem se reporta.

Como dissemos anteriormente a tradução literal que aponta para a temporalidade da preposição *μετά* dificultou, acredito, uma leitura mais próxima do texto. Relembremos, antes de mais, a nota absolutamente crucial que Heidegger faz sobre o conceito de *metafísica* e que envolve a partícula para a qual fazemos mira. Neste texto é defendida a ideia de que a escolástica alterou o significado original de *μετά* impondo um sentido meramente posicional à expressão. *Atrás de, no meio de, de acordo com, seguindo, procurando* moldava o seu sentido no que diz respeito ao modo de investigação de qualquer conteúdo: *seguir* uma pista efectuando mudanças na direcção do olhar na procura de significados.¹²¹ O que estava originalmente em causa no prefixo *μετά* era justamente a possibilidade de investigação enriquecida por mudanças de perspectiva do olhar. Rotações de ângulo que alargariam o espectro daquilo que estava a ser focado. Heidegger defende que a reinterpretação escolástica condicionou a ideia de um sentido

¹²¹ "meta has a further meaning in Greek, however, which is connected with the first. If I go behind a matter and go after it, in so doing I move away from one matter and over to another, i.e., I turn myself 'around' in a certain respect. We have this meaning of meta in the sense of 'away from something toward something else' in the Greek word *metabolé* (changeover [Umschlag]). In condensing the Greek title *ta meta ta physica* into the Latin expression *metaphysica*, the meta has altered its meaning. The meaning of changeover, of 'turning away from one matter toward another', of 'going from one over to another', came out of a purely positional meaning." The Fundamental Concepts of Metaphysics §11, p.39;

posicional ao termo iniciando a tradição de tradução para um *para além de* que é aquilo que está em causa na escolha do tradutor por *depois*.

É nesta perspectiva que deve ser encarada a introdução platónica da imagem fruto da execução de outro trabalhador da mente humana. A partícula *μετά* carece de uma re-interpretação mais próxima do sentido original na expressão (*μετά τὸν γραμματιστὴν*) e que conflua com a noção de paridade temporal que esté implicada em (*ἐν τῷ τότε χρόνῳ*). Aplicando a tese heideggariana conseguimos obter uma versão interpretativa que faça pensar a tela imagética como actualização da mobilização do olhar humano que se constitui a par dos conteúdos proposicionais. No caso específico da consciência, como se houvesse uma rotação do desempenho entre os trabalhadores e não a lógica da mera sequência temporal. Assim pode ser pensada a reciprocidade que parece estar envolvida entre ambos sem a necessidade de um condicionamento feroz que tornaria a imagem em pura ilustração.¹²² O pintor goza de relativa independência no acto de criação da moldura e isso revela-se, como vimos, na possibilidade de apresentação de diferentes telas representacionais que é possível fazer sobre o mesmo enfoque conceptual (a respeito da árvore que está lá fora, por exemplo).

Importa vincar que a função do escriba na articulação entre percepção e memória requer, desde logo, o esboço concomitante de uma imagem, por pouco definida que seja. Quando olho e identifico algo como *Árvore* existe, ao longo da fixação conceptual que aí está envolvida, um desenho pictórico que corresponde à organização da doação sensível. Só vejo *Árvore* porque existe uma representação imagética de algo com tais e tais características. Isso significa que, longe da versão exclusiva de uma organização sequencial, os processos desempenhados pelo escriba e pelo pintor começam ambos a exercer funções no momento inaugural da eclosão da consciência.¹²³

¹²² "My worry is that these correct translations may turn the painter into a simple illustrator rather than someone who may (and often does) elaborate alternative views on those objects or situations that the inscription relate to as well." *Imagination, Self-Awareness, and Thought in Philebus*, p.126;

¹²³ "While there can be little doubt that perception is the simplest and most natural starting-point of Socrates' argument, it is equally important to notice how perception is introduced together with memory, which means that the painter (even if only broadly akin to imagination) is implied in the whole process right from the start. Since no perception is recorded on a blank page, its analysis requires an effort at abstraction (marked by the verb *apagēin*) in which the painter, once again, as a role to play. In all, while meta is rightly translated here as 'after', we must not forget the expression *en toi tote chronoi*, which reminds us that Socrates' image as the soul as a book embraces the whole process of *diadoxazein*, which is only theoretically reduced to a non-equivocal temporal sequence." *Imagination, Self-Awareness, and Thought in Philebus*, p.126-127;

Esta análise requer algumas notas de detalhe que permitam preservar por um lado as funções do escriba e, por outro, a criação imagética do pintor. O facto de se assumir que os dois processos estão presentes desde o início não significa que exista um modelo de dependência *siamesa* bidireccional entre os conteúdos proposicionais e os conteúdos da imagem. Quando olho para algo que tem fixada *doxasticamente* a sua identidade percebo a inclusão de componentes não representáveis pelo pintor.

Árvore, para manter o mesmo exemplo, é uma fixação proposicional que possui as noções de existência independente e identidade diacrónica. Quando vejo a *árvore* do outro lado do janelo percebo-a como estando aí disponível para ser representada independentemente do observador e considero-a como a mesma *árvore* a que me reporteio ao longo da nossa investigação. No fundo, existe um excesso de conteúdo relativamente ao dado pictórico que está em causa na fixação proposicional de algo como X. Sublinhamos, por isso, a componente de heterogeneidade de funções entre a imagem e a fixação do escriba: se é certo que existe execução de um desenho ao longo do trajecto representacional, aquilo que observamos é que a identificação objectiva excede o conteúdo obtido por essa mesma imagem. O pintor não consegue representar, por exemplo, o quadro conceptual da existência independente ou da identidade diacrónica. O escriba tem uma função-chave na identificação dos conteúdos do mundo através de um processo que se distingue da produção de uma imagem. Isso é bem perceptível quando tentamos recuperar mnesticamente um qualquer conteúdo.

Fecho os olhos e recordo, por exemplo, *a praia dos Verões da minha infância*. É a Praia Grande, identifico-a como tal, está lá como sempre estive e pronta a ser vista por quem a observar. A imagem que se forma na minha consciência tem, vista da falésia, um extenso areal inclinado de tonalidade amarela; de cada um dos lados duas rochas com a vegetação característica do litoral alentejano que entram mar adentro. O mar é azul esverdeado. Recupero o cheiro à saída da praia para jantar com o pôr-do-sol a tingir o céu. A imagem que possuo não é totalmente clara: existem zonas que são manchas às quais não consigo, em definivo, atribuir-lhe características concretas. O mar é uma zona inespecífica sem ondulação descrita, a areia é um largo amarelo/acastanhado uniforme e seguramente descontextualizado com o nível de detalhe que se pode, de facto, encontrar. Existe, podemos dizer, uma pobreza descritiva da imagem relativamente àquilo que é possível produzir pela fixação conceptual produzida pela escriba. Reparemos: Existe qualquer coisa como a Praia Grande que possui identidade

diacrónica e independente. Tem uma determinada orientação espacial, nela são incluídos outros detalhes que requerem também fixação identitária e estatuto ontológico. Para além da carga factorial ser colossalmente alargada no âmbito conceptual, existem componentes fundamentais não representáveis na imagem. Não existe um desenho de existência independente ou identidade diacrónica que acompanhe imediatamente qualquer representação. É fundamental considerar os dois âmbitos executivos da mente humana cuja heterogeneidade de funções permite o acontecimento global da consciência. O trabalho do pintor acontece tanto no momento inaugural da representação como nas recuperações mnésicas que é possível voluntariamente efectuar, mas a fixação objectiva de algo requer liminarmente o cruzamento do plano conceptual do escriba que atribui vectores ontológicos indispensáveis para a disponibilização do apresentado no regime da experiência empírica.

O trabalho do escriba, que se identifica claro, com o horizonte conceptual merece ser esclarecido ainda que se vá tornar mais claro no capítulo que focará explicitamente o conceito na cadeia fichteana da consciência. Mas por motivos de organização de conteúdos decidimos efectuar já uma investigação mais clara deste processo para que, no capítulo correspondente, tenhamos disponíveis as ferramentas fundamentais que Platão ajudou a descobrir. Qual é então e mais especificamente o trabalho do escriba, da fixação identificatória e proposicional de algo como X?

Como já sublinhámos, no passo 39a do *Filebo* Platão descreve a função do escriba na óptica de uma articulação entre memória e conteúdo perceptivo. Importa focar melhor a especificidade desta relação e tentar perceber o que está subentendido nas palavras de Sócrates. Aquilo que se consegue logo destacar é precisamente a necessidade de postular a memória como condição necessária para a constituição de um ponto de vista que consiga realizar juízos de identificação. Não basta, portanto, haver bombardeamento perceptivo mas é requerida uma organização temporal de tais conteúdos. E percebe-se porquê: sem a latência mnésica de percepções anteriores estaríamos sempre vinculados à imediateidade do agora. Cada percepção seria estigmática e isolada na sua ocorrência, sem um fio que a pudesse coordenar com as anteriores, não se constituindo nada como um objecto. Repare-se que a focagem e identificação de algo como X não acontece por *congelamento* do olhar. Isto é, quando postulo a existência daquela árvore do lado de fora da janela, essa árvore não se constitui num instante temporal. Existe uma travessia de conteúdos perceptivos que são

estruturados por um fio condutor. Há um fluxo organizativo que faz constituir *Árvore* a partir de um encadeamento de percepções: quando olho não vejo *tudo ao mesmo tempo*, apercebo-me *detalhe a detalhe* (com maior ou menor resolução) num fluxo perceptivo. Ora esse fluxo requer o trabalho da memória para que possa ser organizado. Sem memória possuiria apenas uma permanente invasão de percepções erráticas e sem relação com as anteriores.

Mas ainda não podemos dar por concluído o desempenho da memória. Precisamos de reparar que a presença mnésica de conteúdos perceptivos anteriores não corresponde à sua mera subsistência. O detalhe não se mantém em presença cumulativa diacronicamente porque se assim fosse teria sobreposição de fotogramas perceptivos, um mero somatório de conteúdos observados que não corresponde de forma alguma a identificação de algo como X. A memória tem de estar relacionada com a co-representação da temporalidade já que cada conteúdo é posicionado no momento específico da travessia perceptiva. A ordenação temporal das percepções é mantida e cada um desses conteúdos está em presença latente nos momentos futuros. Existe uma relação de sucessão que é preservada pela memória que impede a estruturação da objectividade como acorde em que os conteúdos anteriores seriam uma presença viva e continuada transmitida aos momentos seguintes. Pelo contrário, a memória consegue uma presença latente desses conteúdos preservando o fio condutor da temporalidade.

O âmbito daquilo que é fixado doxasticamente pelo escriba recorre também a sistemas de congruência entre diferentes percepções. A identificação daquele objecto como *Árvore* envolve recuperação mnésica de focagens passadas que permitem ao escriba *dizer: conteúdos com este aspecto e disposição são árvores*. A identificação de cada árvore vista pela primeira recorre à projecção empírica. Há transposição de conteúdo ontológico entre o passado e o presente. O que está em causa é que a memória não recorre apenas à transmissão de conteúdos perceptivos num esquema que mantém a representação da temporalidade, mas existem outras modalidades de representação auxiliadas pela memória (antecipação, projecção...) que estão envolvidas no trabalho do escritor. O quadro de realidade depende de um reconhecimento sintético. O lançamento dos registos perceptivos não bastam para as fixações identitárias quando nos movemos no mundo. Existe uma colossal transposição de significados que identificam os conteúdos presentes em função de acontecimentos passados.

Mesmo quando recuperamos retrospectivamente momentos passados no tempo, verificamos que a posse desses momentos é distinta da travessia perceptiva que, de facto aconteceu. Se pensar, por exemplo, no desenrolar do meu dia até este momento sou apenas detentor de uma multiplicidade de conteúdos muito pouco detalhada (acordar, tomar banho, vestir os pequenos, levá-los à escola...). A riqueza perceptiva de cada um desses momentos é condensada numa unidade que dilui a multiplicidade. O escriba manipula os conteúdos de forma heterogénea.

Aquilo que está fundamentalmente em causa na figura do escriba é a consideração de uma actividade distinta da memória e da percepção e que envolve confronto entre as duas. A figura do escrivão põe em evidência que o registo que temos daquilo que é identificado como mundo não corresponde à transposição exacta de conteúdos. Esse reconhecimento envolve heterogeneidade porque existe organização e transformação do bombardeamento perceptivo.

Recorrer ao *Filebo* permitiu maior detalhe compreensivo a respeito de dois momentos cruciais da cadeia trifásica de Fichte: intuição e conceito. Observámos que Platão assume uma componente pictórica na consciência que parece aproximar-se da constituição da imagem que está em causa no segundo momento da intuição em Fichte. A nossa argumentação prende-se com o facto de ambos considerarem que a imagem é passível de recuperação, revisibilidade e reestruturação num acto de criação e liberdade por parte do executor. Por outro lado, a consciência empírica joga-se num âmbito de superveniência relativamente a conteúdos perceptivos que carecem do cruzamento com o plano da memória para que haja qualquer coisa como uma travessia perceptiva coerente. Essa travessia resulta do confronto entre percepção e memória cujo trabalho envolve bastante especificidade e não apenas um registo cumulativo de ocorrências passadas. Neste sentido, Platão assume a presença de um escrivão na mente humana que permite a fixação objectiva dos conteúdos *do mundo* numa óptica que é superveniente relativamente à estruturação da imagem. A identificação objectiva de algo implica noções que não são realizáveis pictoricamente: identidade diacrónica, antecipação ou projecção. A imagem precisa de ser cruzada com o plano laboral do escrivão que - no caso de Fichte - não é mais que o horizonte conceptual. A estruturação de um conceito - que é a ferramenta possibilitante da consciência - envolve determinações que estão implícitas no trabalho do escriba e Platão permitiu ver melhor tais relações.

§7 COORDENADAS *GEOGRÁFICAS* DA IMAGEM: TEXTURA TEMPORAL E ORIENTAÇÃO ESPACIAL DA INTUIÇÃO

Importa agora regressar ao trabalho de constituição da imagem e desenvolver alguns pontos que são fundamentais na sua estruturação. Concebemos a possibilidade de a actividade ideal poder rever alguns detalhes de determinada construção imagética. Dissemos inclusivamente que qualquer focagem pode ser alvo de maior ou menor resolução traduzindo-se na produção de uma imagem diferente daquela que foi inicialmente dada. A despeito dessa importante margem de manobra que permite rever conteúdos, deve ser notado que em qualquer construção imagética é mantido um denominador comum do apresentado. Esse denominador corresponde a uma estrutura fundamental da representação que, num prisma de imediaticidade, assegura que as imagens sejam formuladas com um grau de determinação inegociável relativamente a alguns detalhes.

Referimo-nos à orientação espacial da imagem e ao seu carácter temporal. Precisamos de notar que toda a imagem possui determinada estruturação espacial. Poder analisá-la de outras perspectivas não muda alguns factores que lhes são constantemente atribuídos. Vejamos: qualquer imagem é produzida com pontos cardeais (existe sempre o topo, a porção inferior, um lado esquerdo e um direito) e nenhuma imagem - pelo menos produzida pelo olhar humano - consegue evitar tal orientação *geográfica*. Não existe representação sem um Norte ou um Sul, um Este ou Oeste. A lateralidade é uma característica fundamental e indispensável do que quer que seja representado. A margem de manobra que é possibilitada por efeito da resolução não dispõe esta estrutura cartográfica da imagem. Quer aumente ou diminua o segmento vislumbrado, perdendo de perspectiva alguns detalhes e ganhando outros, a nova construção deterá sempre uma certa conformação espacial. Por outro lado, toda a imagem está conjugada com a tridimensionalidade do espaço e é apresentada na pressuposição dessa tridimensionalidade. Do ponto de vista especulativo é concebível outra constituição imagética em que o espaço tivesse mais dimensões captáveis pelo olhar humano mas, na verdade, não temos ideia a que é que isso possa corresponder. Que é uma imagem com 4 dimensões? A concepção de uma imagem pressupõe uma organização espacial condicionada que a faz apresentar-se sempre de certa maneira. Há uma regra na apresentação da tela.

O mesmo acontece com a textura temporal da imagem. Aquilo que é representado partilha de um regime de sucessão no *bombardeamento* perceptivo e do encadernamento num fluxo temporal com determinada resolução. Estamos a focar duas componentes fundamentais da temporalidade: sucessão e resolução. O primeiro deles diz respeito à sequencialidade da captação: do presente para o futuro, em regime de continuidade e sem vazios temporais. A componente resolutive da temporalidade significa que toda a captação requer uma porção mínima para que haja fixação: ver implica um *quantum* mínimo de tempo. A ilusão da roda do carro que parece girar em sentido contrário ao movimento a partir de determinada velocidade ilustra bem isso: como a captação é dada num intervalo mínimo, os pontos visuais que marcam a rotação da roda aparecerão em função desse intervalo e, acima de certa velocidade de rotação, progressivamente mais para trás, dando a ilusão do movimento em sentido contrário. O dado perceptivo é organizado segundo uma estrutura de sequencialidade que determina logo a imagem a desenvolver.

Podemos concluir que existe uma determinação formal da imagem a produzir pela intuição. A tela é pintada com uma certa especificidade relativamente às suas coordenadas de espaço e tempo, como se existisse antecipação da moldura, um denominador comum de qualquer representação constituída pelo olhar humano. Precisamos agora de tentar compreender o desenvolvimento que Fichte faz do problema e o modo da sua argumentação na *nova methodo*.

No §4 de *Outline* Fichte afirma que a intuição se reporta a um estado da interioridade, a um acidente do Eu e que, dessa forma, a determinação intuitiva reflecte o complexo da subjectividade.¹²⁴ O processo de intuição reporta-se ao acontecimento específico da egeidade identificada, por Fichte, como actividade. O Eu é acção e dele é possível deduzir a totalidade do acontecimento da consciência. E se assim for, também o denominador comum de toda a representação é derivável da ideia fundamental de um *Eu-em-trânsito*. Aquilo que é preciso cruzar para que possamos deduzir, em primeiro lugar, a formalidade do espaço é justamente a componente transversal e antecipatória dessa estrutura com a concepção fichteana do sujeito como acção. Precisamos de relacionar estas duas variáveis - percebendo como é que uma se deduz a partir da outra -

¹²⁴ "According to the previous section, intuition is supposed to be found within the I, as an accident of the same. Consequently, the I must posit itself as the intuiting subject or intutor; it must determine the intuition with respect to itself." *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*, p.291;

para que consigamos estabelecer o apriorismo que está envolvido na antecipação de uma moldura para a representação, para o *ter-de-ser-assim* do objecto representado.

O mecanismo desta dedução é apresentado no §10 da *Wissenschaftlsehre nova methodo* e é para lá que precisamos de focar a nossa atenção. No início deste parágrafo são recuperadas as ideias de determinabilidade e determinação.¹²⁵ A intuição, como vimos, é um processo de arrancamento de um estado de determinabilidade (*terminus a quo*) que termina na fixação de um objecto da consciência (*terminus ad quem*) na forma de um conceito. Intuição é a travessia entre estes dois estados em que, no início, está a esfera do determinável (daquilo que pode vir a ser representado) e, no final, está especificamente um objecto representado. O segundo momento da intuição está vinculado a este fluxo de acontecimento entre o possível e o actual. A produção de uma imagem é compreendida como exercício livre de expressão da subjectividade.

O Eu, como vimos, desenha a tela no trânsito da sua acção. A representação é uma especificação desse trânsito que foi assumido pelo sujeito, um agir em determinada direcção. A direcção escolhida é a assumpção de um rumo e compreende a integração logo no horizonte da determinação (a acção está no sentido daquele *terminus ad quem*).

Intuição é, portanto, um agir especificado, a escolha de uma determinada direcção, uma actualização entre possibilidades. Ora, se a intuição é uma determinação prática é necessário considerar que se lhe tem de opôr aquilo que corresponde à esfera do determinável. Se não existe determinação sem a contraposição do determinável, tem de haver qualquer coisa que lhe seja também contraposta e que corresponda ao horizonte da possibilidade. Assumindo que a intuição é especificação de um rumo, o determinável não é mais que a esfera de todos os rumos possíveis. O agir especificado da intuição tem de ter um correlato determinável que é o *agir-em-geral*. Por agir em geral entende-se o campo aberto de possibilidade a partir do qual pode surgir a especificidade intuitiva (agir nesta direcção particular). A determinação que está envolvida na intuição de algo é uma movimentação no cursor da subjectividade num certo sentido o que nos obriga a considerar que o determinável não é mais que a possibilidade de acção em todas as direcções possíveis. O determinável é o *agir-em-geral*, a abertura à possibilidade de movimento em qualquer direcção. Se pensarmos na intuição como desenho de uma

¹²⁵ "What is determinable and what is to be determined are, however, synthetically united within consciousness. I posit what is determinable only insofar as I posit myself as engaged in a transition [from what is determinable to what is determinate, that is, only insofar as I posit myself as free]; and I can posit myself in this way only insofar as I posit it [i.e., what is determinable] as given." WLnM, p.238;

linha (o eu que traça uma linha no encaminhamento da sua determinação), o determinável é a explosão de todas as linhas possíveis que permitem desencadear a acção. Antes de tomar um rumo, o Eu tem de estar munido da possibilidade de se movimentar em todos os rumos possíveis. A escolha é uma actualização dessas possibilidades dadas. E a possibilidade - a esfera do determinável no que diz respeito à intuição - é o esquema da acção em geral, a movimentação em todas as direcções possíveis, o espaço.¹²⁶ A representação do espaço – enquanto estrutura capacitante porque contém qualquer direcção possível da movimentação – é, podemos sublinhar, a representação do próprio agir.¹²⁷

Dizer que o espaço é a forma *a priori* da intuição exterior é, em termos fichteanos, o mesmo que assumir que o espaço é o determinável da intuição. Qualquer intuição, enquanto especificação do campo alargado de todos os possíveis, faz-se tacitamente acompanhar dessa esfera da possibilidade. Não existe determinação sem o determinável e qualquer actualização faz ecoar o campo da possibilidade que permitiu a sua ocorrência.

O espaço é, por isso, aquilo que é preenchido ou que muda de forma em qualquer processo de intuição. É o que se transforma sempre que determino qualquer coisa por força da intuição.¹²⁸ Qualquer intuição – enquanto movimento direccionado do eu – é uma determinação no horizonte global da possibilidade e isso introduz um argumento fortíssimo no que diz respeito à transcendentalidade do espaço: toda a representação no espaço pressupõe a co-presença da totalidade. Uma representação espacial é um recorte

¹²⁶ "What we are concerned with here, however, is not any [specific] agility that actually occurs; instead, we are concerned with "agility as such" or "in general," i.e., with a determinable but not determinate power of inner self activity and agility. [Even] a line of this sort, however, is determined with respect to its direction. But the [purely determinable] power [we are now discussing] must contain within itself every possible line; therefore, the schema of acting {in general, as a mere power,} must be an act of drawing lines in every possible direction. This is space, and indeed, empty space," though it is never present as such; something is always placed therein." WLn, p.239;

¹²⁷ "Esto significa, como hemos dicho, que el espacio tiene esencialmente que ver con la acción, es la representación de un actuar, y no de otra cosa. Pero, en segundo lugar, la representación del espacio no es solamente la representación de un actuar, sino la representación de una posibilidad de actuar o la representación de una capacidad o facultad (Vermögen) relativa a un Thun." Mallas que la autoconciencia teje: desde el actuar hasta el espacio y la materia (recapitulación y §§9-10.a), p.224;

¹²⁸ "[It has been said that] space is the (a priori) form of outer intuition. In our view, what is determinable in any intuition-i.e., what is construed whenever an intuition is posited-should be called the "form" [of intuition]. Accordingly, what is determinable within outer intuition would be the "form" of the same. Whenever anything is intuited, space is intuited. Space is what is {filled or} given shape or form in intuition; it itself does not [actively] form anything." WLn, p.240-241;

da estrutura abrangente que tem de ser dada de forma antecipada, e isso é o que está em causa na identificação do espaço como determinável.¹²⁹

É decisivo reparar na duplicidade que existe relativamente ao espaço e que apenas se consegue derivar a partir daquilo que foi exposto. O espaço surge, ao olho humano, como uma grandeza dada, algo aí disponível para que possa ser preenchido por entidades: uma espécie de grandeza que pode assumir objectos. Todos os objectos são no espaço e isso faz revelá-lo como amplitude dada. Por outro lado é possível, por execução da liberdade, efectuar movimentações no espaço, desenhar telas com grandezas espaciais distintas: aumentando ou diminuindo de tamanho, imaginando este ou aquele objecto noutra localização espacial. A componente metamórfica do espaço mostra que as relações que temos com a espacialidade são sujeitas a um grau de liberdade. O espaço muda porque muda os seus componentes que não são mais que especificações desse espaço.

A duplicidade tem que ver por um lado, com a componente antecipatória (dada) do espaço e, por outro lado, com a abertura à possibilidade de alterações movidas pela liberdade. Estas duas estruturações fundamentais que identificam a forma como vemos o espaço só são deriváveis na premissa fichteana de que toda a consciência é o reflexo da acção da subjectividade. Neste seguimento, o espaço é uma grandeza dada na medida em que corresponde ao determinável de cada actividade de intuição (a esfera dos encaminhamentos possíveis em todas as direcções), mas que pode estar sujeito a modificações através da liberdade associada à representação de qualquer imagem. O objecto que vejo daquele lado da janela e que pode ser imaginado noutro ponto do espaço ou com outra conformação obriga a uma deformação *forçada* da espacialidade que só é concebível se o espaço depender da estrutura interna do sujeito como acção. Se o espaço fosse simplesmente uma grandeza dada não haveria margem de manobra para as deformações no campo da experimentação imagética.

Aquilo que se está a delinear é que o denominador comum de qualquer representação - a estrutura do *ter-de-ser-assim* que permeia o aparecimento - encontra a sua raiz na actividade interna da subjectividade. Isso não é propriamente uma novidade neste

¹²⁹ “La representación de una parte del espacio tiene siempre el carácter de un recorte de la representación de algo más amplio (de la representación del espacio envolvente, y así siempre de nuevo para cada representación parcial del espacio).” Mallas que la autoconciencia teje: desde el actuar hasta el espacio y la materia (recapitulación y §§9-10.a), p.236;

momento da nossa investigação uma vez que é isso que está na base de todo o projecto de Fichte. Aquilo que torna este achado fundamental é a relação que isso tem com as formas puras da intuição e como permite, inclusivamente, uma reelaboração da tradição filosófica. Se para Kant a forma pura da intuição é simplesmente uma grandeza *a priori* como condição de possibilidade do aparecimento, Fichte consegue uma fundamentação disso a partir do princípio fundamental da *Doutrina da Ciência*: o Eu como *Tathandlung*. Relativamente à espacialidade, o *ter-de-ser-assim* da representação está directamente relacionado com o trânsito que se acha compreendido entre o determinável e o determinado. Ora, se qualquer acção conduz a um espectro de determinação sendo, por isso, uma contracção da esfera alargada de *todos os rumos possíveis*, então o horizonte dessa determinabilidade permeia qualquer representação a haver e é a sua estrutura matricial. A expectativa e coerência representacional prende-se justamente pela perpétua transição entre o *terminus a quo* e o *terminus ad quem*, por um determinável comum e homogéneo que acompanha qualquer contracção intuitiva possível.¹³⁰

A partir do Eu como *Tathandlung* é possível compreender a estrutura global do aparecimento e as suas linhas orientadoras fundamentais. A impossibilidade de representar o espaço vazio não é uma regra imposta pelo exterior, antes está dependente da estrutura interna do sujeito. Toda a tela tem de estar preenchida, não existem quadros com espaços em branco na representação. Todo o espaço está imediatamente salpicado por objectos. O espaço vazio é uma ideia sem correspondência representacional. Não existe representação do espaço vazio porque, como vimos, o Eu-em-trânsito compreende a articulação entre o determinável e o determinado. O esquema da acção-em-geral, a possibilidade de encaminhamento em todas as direcções possíveis, tem de ser imediatamente relacionado com o curso de uma direcção específica, que desemboca na determinação. Só se tem notícia do determinável no fluxo de um encaminhamento determinado. Ora a determinação é o *terminus ad quem* do trânsito intuitivo da subjectividade, é o produto final da travessia, um objecto perante. Não existe, tendo em conta o regime de articulação em dependência recíproca entre determinável e determinado, espaço sem objecto nem objecto sem espaço. Espaço e objecto são duas

¹³⁰ “Por todo esto la forma de la intuición – ese elemento constante, invariable, que constituye la matriz común de todas las intuiciones – es y sólo puede ser lo determinable (la *Setzung* del *Vermögen* o de la totalidad del *Thun überhaupt*, de la acción que puede ser puesta o no).” Mallas que la autoconciencia teje: desde el actuar hasta el espacio y la materia (recapitulación y §§9-10.a), p.238;

ocorrências que aparecem sempre ao mesmo tempo. Esta peculiar conformação da tela representacional só é possível a partir da estruturação fichteana da subjectividade como acção. A moldura tem, por isso, a sua raiz na egoidade.¹³¹ A imagem é um espelho da subjectividade.

É importante verificar que a união indisponível entre espaço e objecto pressupõe a relação de interdependência entre espaço e matéria. Existe uma relação necessária entre as duas o que faz com que Fichte possa assumir que matéria é aquilo que é verdadeiramente original.¹³²

Matéria é o conteúdo da tela representacional que possui determinação espacial. Não é ainda o objecto conceptualizando mas é o conteúdo que o constitui propriamente. À luz do percurso que temos vindo a trilhar podemos com segurança defender que a matéria é o dado sensível exteriorizado, intuído como *não-Eu* e desenhado na tela representacional a partir de uma estrutura formal de espacialidade. Matéria é um elemento fundamental para a composição da consciência empírica, uma estrutura transcendental compreendida na síntese com o espaço e que possibilita o aparecimento de qualquer conteúdo objectivo. Matéria é o conteúdo qualitativo que possibilita o preenchimento do todo quantitativo que é o espaço.

De facto, é no §10 que encontramos o cruzamento efectivo entre os planos que se encontravam separados desde o §5. A interpretação da *WLn*m depende, no essencial, da

¹³¹ "Our first task is to unite what was established in the previous § with what has just been established. It is not possible to reflect upon space without {also} reflecting upon some object in space, for space is the subjective condition for the possibility of an object and, {vice versa, reflection upon} space is itself conditioned by the act of reflecting upon the object. It is not possible to reflect upon an object without also reflecting upon space, but neither is there any space without some object; consequently, they are necessarily united with each other within consciousness. Originally, neither any object nor any space is given by itself; instead, both are given to us at the same time." *WLn*m, p.241;

¹³² A adjectivação da matéria como entidade original pode deixar algumas dúvidas até porque Fichte sublinha por diversas vezes na *nova methodo* que a actividade do Eu é a determinação fundamental da consciência. Cumpre-nos salientar que esta aparente contradição deve ser resolvida em função do trajecto articulado da *Wissenschaftslehre*: a acção corresponde à tomada de uma direcção específica (ao trajecto compreendido entre determinabilidade e determinação). Podemos assumir que toda a actividade é uma determinação a haver. Isso significa que determinabilidade/acção/determinação corresponde a uma tríade cujos elementos não são pensáveis isoladamente. Seguindo este raciocínio e considerando que o espaço é uma estrutura formal que compreende o horizonte de possibilidade de todas as direcções, devemos concluir, ao mesmo tempo, que essa possibilidade é vislumbrada no curso de uma determinação (na acção de tomada de posse da representação de um objecto). Ora: espaço e objecto são dados no mesmo momento porque os extremos da tríade que apontámos estão incondicionalmente interligados. E isso faz com que a matéria seja uma componente original da representação. É o regime de dependência recíproca dos elementos da tríade que permite a Fichte dizer que a matéria é o dado original. Tão original, sem paradoxo, como a acção.

compreensão dos dois pólos que temos vindo a focar. Até ao §5 assistimos ao desenvolvimento do conceito de acção que permite a focagem da sua componente quantitativa (horizonte da espacialidade) e entre §6-§9 Fichte desenvolve a investigação no pressuposto de que algo tem de funcionar como preenchimento da multiplicidade infinita do espaço para que haja diferenciação. A sensibilidade é desenvolvida nesse pressuposto e só no §10 é que encontramos a implicação recíproca destes dois eixos.¹³³

A relação de reciprocidade entre matéria e espacialidade obtida através das considerações da *Doutrina da Ciência* permitem a explicação genética de alguns detalhes da apresentação que temos do mundo. Fizemos referência à inexistência de espaço vazio - a não ser por abstracção - e vale a pena acrescentar a impossibilidade de aniquilação da matéria. Posso reconfigurar conteúdos por moldagem ou descomposição mas não consigo extinguir dados materiais, não posso pura e simplesmente *fazer desaparecer* matéria.¹³⁴ Porque é que a aniquilação material não é possível na tela da representação humana?

Conseguimos responder à interpelação articulando os planos que fomos desenvolvendo ao longo da investigação: O Eu fichteano é acção. Actividade é uma travessia entre dois extremos que identificámos como determinabilidade e determinação. Espaço e objecto correspondem, respectivamente, a cada um destes pontos e, em conjunto com a actividade, compreendem uma tríade de dependência recíproca. Vimos que não há espaço sem objecto, nem objecto sem matéria, mas o que é fundamental considerar é que não existe qualquer um deles sem a expressão da travessia do Eu. A determinabilidade formal do espaço não é pensável sem a determinação material para o desenvolvimento de um curso de deslocação direccionado. Assim, matéria e espaço correspondem, na verdade, à multiplicidade qualitativa e quantitativa sem as quais não é possível pensar o curso da acção do Eu. A actividade do Ego não é concebível, por um lado, sem o horizonte de infinita multiplicidade ditado pela formalidade do espaço nem, por outro lado, sem um preenchimento qualitativo dessa multiplicidade. A acção requer

¹³³ Mallas que la autoconciencia teje: desde el actuar hasta el espacio y la materia (recapitulación y §§9-10.a), p.211-212;

¹³⁴ "Matter is the synthesis of space with the object. So too at the practical level: I can divide and combine matter, but I cannot think it away or eliminate it, nor can I increase or decrease it." WLn, p.242;

o cruzamento dos dois planos para que haja especificidade na travessia e isso significa que aniquilar matéria é anular a actividade do Eu, erradicando, no limite, aquilo que identifica a subjectividade. Anular matéria é anular a subjectividade e é por isso que não é possível destruir completamente uma entidade material.¹³⁵

Aquilo que estamos a esboçar são as características inflexíveis da representação. A imagem produzida pela intuição compreende um conjunto de regras que conseguem ser deduzidas geneticamente da actividade original do Eu. O pintor labora na premissa de leis permanentes que permitem um grau de expectativa e coerência no aparecimento. Tais leis até aqui compreendem: impossibilidade de representação do espaço vazio, impossibilidade de aniquilação material e orientação espacial dos conteúdos da imagem. Conseguimos explicar os dois primeiros mas precisamos de nos debruçar mais detidamente sobre o último.

Como acontece a orientação da imagem? Se o espaço é uma grandeza de infinita magnitude como se torna possível o mapeamento posicional da tela? Que relação espacial tem cada um dos elementos da tela com os demais? Existe algum ponto de referência a que cada um desses elementos é relativo? Como se pinta, afinal, geograficamente a imagem?

Existe determinação de lugar relativa de cada um dos objectos da apresentação de tal modo que podemos dizer que este se encontra à direita daquele que por sua vez está em frente do outro e por aí em diante. O problema da determinação relativa é que, dada a infinitude formal do espaço, não tem fim. Se não existir, na tela representacional, qualquer coisa que funcione como prumo de localização absoluto estamos condicionados a recorrentes determinações posicionais *ad infinitum*. A solução para estes problemas é desenvolvida inicialmente no §10 e é o mote de entrada do §11 da *WLn*, onde se defende a ideia de que o ponto de referência para as relações de

¹³⁵ “La omnipresencia o obiquidad (también podríamos decir: la «inevitabilidad») del espacio es, por tanto, presentada no como algo que radica en el propio espacio, sino como algo que arraiga en la omnipresencia, en la ubiquidad o «inevitabilidad» de la «materia», de la que el espacio constituye tan sólo momento.” Mallas que la autoconciencia teje: desde el actuar hasta el espacio y la materia (recapitulación y §§9-10.a), p.248;

espacialidade é o sujeito no encaminhamento da acção. É a tomada do rumo da subjectividade que funciona como ponto de referência absoluto da espacialidade.¹³⁶

A determinação absoluta de lugar - curso da actividade do Eu - é a condição de possibilidade fundamental para qualquer determinação relativa. Este objecto está à esquerda daquele e os dois estão conjugados numa relação de espacialidade específica com o sujeito. Mesmo a distância tem como unidade de medida uma projecção de energia dispendida no trajecto entre dois pontos. Longe ou perto exprimem relações de energia requerida para o segmento em causa. Estar longe significa para o *Eu-em-trânsito* maior esforço e prolongamento da acção para chegar lá. Isso justifica o motivo pelo qual, apesar da existência de medidas de distância internacionais, haja considerações entre sujeitos, tantas vezes contraditórias, na forma como avaliam a relação entre dois lugares: para uns 5000 metros é longe, para outros é "já ali".¹³⁷

Existem, podemos dizer, dois modos de referenciação espacial da representação: a coordenada geográfica e a distância. Através do primeiro conseguimos a determinação absoluta de lugar e a compreensão *astrolábica* das relações que os objectos têm com o sujeito. Pelo segundo modo de determinação conseguimos pensar o impacto que a tridimensionalidade tem na execução prática. Estar longe ou perto são duas formas distintas de relacionar objectos com o curso da acção do Eu. A actividade envolve esforço e é a projecção desse esforço que se pode traduzir na medição subjectiva da distância.

Importa ainda tentar perceber o modo como aparece o *Eu-em-trânsito*. Como surge, no encadeamento quotidiano dos dias, o sujeito em acção? Urge tentar uma compreensão radical da subjectividade que faça mira sobre a sua componente prática, sobre a movimentação que a caracteriza e que liberte o *Eu-em-trânsito* de mera abstracção teórica: precisamos de o pôr na vida.

Defendemos que o ponto de referência absoluto de qualquer determinação geográfica é o encaminhamento do Eu. Para que isso aconteça e possam ser pensadas relações de

¹³⁶ "All determination of place is subjective. At some time or another, I simply started [at some place] in space. This determination is absolute. It is I who made this place what it is [i.e., the first one]; otherwise it is not determined. The first place in space is determined by nothing but my own doing." WLnM, p246;

¹³⁷ "The testimony of experience on this matter is as follows: One orders things in space according to their lesser or greater distance from and their situation in relation to oneself, that is, according to whether a lesser or greater expenditure of {time and} energy would be required in order to transport oneself to the place occupied by the object." WLnM, p.252;

espacialidade, também o curso da acção do Eu tem de ser dado no espaço. A tomada de um rumo é logo uma desformalização da possibilidade, uma contracção da estrutura abrangente e dilatada. Enquanto contracção, a actividade exprime-se imediatamente no espaço que é o mesmo que afirmar que a subjectividade possui espacialidade. As relações de lugar tem como ponto de referência um Eu que se exprime, por isso, espacialmente.¹³⁸

Observámos anteriormente que espaço e matéria detém uma relação de dependência recíproca. Aplicando esta consideração à componente espacial de encaminhamento do Eu, segue-se logicamente que tem de haver matéria que acompanhe essa projecção no espaço. A matéria representa a componente de limitação que caracteriza a subjectividade e não é mais que o próprio corpo. E corpo articulado na medida em que é movido por exercício da vontade.¹³⁹

A intuição foi identificada como acção de *olhar-para-lá*, como componente testemunhal do acontecimento na esfera da interioridade. A esse processo intuitivo (identificado como acção) tem de ser contraposto um ponto inicial de determinabilidade. Esse ponto inicial representa - por contraposição à intuição enquanto processo livre - um horizonte de restrição, de limitação. E mais: se a intuição se projecta espacialmente, então existe qualquer coisa como matéria que também precisamos de lhe associar. O corpo é a junção destes três eixos: materialidade/determinabilidade/limitação e esta tríade representa o sistema da sensibilidade. O corpo é, no fundo, aquilo que se contrapõe à intuição, o sistema de fixação do dado sensível que é processado no momento seguinte da cadeia da consciência. Intuição e sensibilidade são unidos sinteticamente na substância corpórea que é cada um de nós.¹⁴⁰

Pensar as componentes inflexíveis da representação condicionou-nos a uma navegação mais alargada para que tentássemos compreender mais exactamente como se torna

¹³⁸ "In the present case, a particular determination of a place in space is supposed to be objectively valid. It must be determined in a certain way, because I myself am determined in a certain way. Consequently, I must feel myself to be in space." WLnM, p.252;

¹³⁹ "The space in which I am supposed to exist is subject to my control. The matter in space which I am supposed to be, along with the parts of the same, is dependent upon me. This, insofar as it is articulated, is my body." WLnM, p.254;

¹⁴⁰ "My body is the system of my feelings, the medium through which intuiting and feeling are united." WLnM, p.254; "Therefore, when the system of my limitability is thought of in synthetic unity with my striving, I become for myself an articulated body. Intuition and feeling are thereby united; I intuit myself as feeling insofar as I feel myself to be intuiting an object in space." WLnM, p.255;

possível o mapeamento geográfico da imagem. Concluimos que isso só é possível a partir do contínuo encaminhamento da subjectividade (execução prática do Eu) que é percebido na experiência como corpo articulado.

Delineámos três vectores inegociáveis da representação - inexistência de espaço vazio, orientação espacial da imagem e impossibilidade de aniquilação de matéria - por recorrência genética. A fixação destes três vectores partiu da exploração e identificação da característica fundamental da subjectividade. A compreensão do Eu como acção conduziu-nos a tais conclusões sem o auxílio do testemunho da experiência. Houve dedução transcendental das características anunciadas de tal modo que é seguro avançar que não pode haver representação fruto do olhar humano que não corresponda à tensão exercida por esses factores. E serão os únicos?

Talvez não seja possível saber se alguma vez se chegou ao elenco total desses vectores. Dificilmente se poderá encerrar o assunto e deixar de lado a investigação filosófica que incida sobre o modo específico do olhar humano. Por enquanto, e mesmo admitindo que Fichte possa ter deixado escapar outros componentes fundamentais da representação, existe um que é absolutamente crucial e que é destacado no §12 da *nova methodo* e no final de *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre*: o tempo.

A tela representacional obedece a uma conformação temporal. Quando olho pela janela sou invadido por uma sequência de acontecimentos e não por bombardeamento colossais e estigmático de aparecimento. A possibilidade de reconhecimento de algo envolve uma orientação sequencial na captação. Os momentos de bombardeamento perceptivo sucedem-se numa linha temporal.

Quando vejo a árvore não me apercebo desta ténue especificidade. Árvore surge-me, aparentemente, como presença imediata de uma entidade estável que foi alvo de representação. Mas isso não significa que, de facto, seja assim: se o momento de reconhecimento da árvore fosse coincidente com a captação do dado perceptivo teria, muito provavelmente, uma sobreposição de todos os fotogramas perceptivos. Uma mancha sem veio de continuidade do percebido.

Este tema tinha sido anteriormente abordado no §6 quando recorremos ao apoio do *Filebo* para a nossa investigação. Importa agora sublinhar que a unificação do conteúdo perceptivo - tão fundamental para a construção da imagem - envolve uma relação de dependência de todos os seus componentes. Cada conteúdo perceptivo que é

exteriorizado e posto na imagem pertence a um agregado composto em que cada um dos seus elementos é condicionado por outro. O mínimo de detalhe da árvore é compreendido na sua totalidade e relacionado com os que lhe são adjacentes em relações de reciprocidade. Não existe folha, sem ramo, ramo sem tronco nem tronco sem raiz. Cada pequena parte é parte integrante e essencial do todo. Se aumentarmos a resolução de incidência sobre a folha facilmente compreendemos que esta relação de dependência recíproca se mantém. Existe articulação multilateral de todos os conteúdos.¹⁴¹

A multiplicidade do conteúdo perceptivo é unificada pela relação de dependência que envolve cada um dos momentos. Esta relação de dependência está relacionada com o curso da acção do Eu: é no encaminhamento da subjectividade que vai acontecendo o bombardeamento perceptivo, é na acção em trânsito que vão sendo registados os momentos sensíveis. Como existe articulação entre esses momentos e a actividade prática do Eu, cada um deles é pensado numa relação de dependência relativamente a todos os outros. O que vem está dependente do que foi e assim sucessivamente. Podemos então avançar, seguindo a linha de pensamento de Fichte, que o esquema da dependência que envolve a representação da multiplicidade é a sucessão temporal.¹⁴²

É interessante verificar que espaço e tempo se relacionam com a execução prática do Eu, com a sua tomada de rumo. O facto do denominador comum das coordenadas de localização temporo-espacial ser a subjectividade traz consequências peculiares e merecedoras da nossa atenção nomeadamente no impacto que um tem sobre outro, e mais concretamente na constituição do aparecimento. Espaço e tempo só se compreendem na reveberação permanente de ambos: para que dois objectos sejam simultâneos têm de ocupar lugares diferentes do espaço. Inversamente, a mesma localização espacial só pode ser ocupada em sucessão temporal. Dois momentos só se percebem sucessivos porque são observadas diferenças espaciais. Podemos ainda

¹⁴¹ "The required unification is possible only if each individual member of the entire aggregate [of feelings] is considered to be conditioned by a certain other member, at the same time that it itself conditions a certain third one." WLnm, p.267;

¹⁴² "Instead, what has to be realized here is the feeling of the manifold in the relationship of dependence. What is the schema of such a manifold? Temporal succession. There arises for us a time within which we intuit the manifold only to the extent that this manifold exhibits the relationship of dependence-and only insofar as the manifold is intuited in this way is there any time at all. Time is thus the form of the manifold of intuition; it is the sensible intuition of the previously discussed relationship of the manifold [the relationship of dependence]." WLnm, p.268-269;

avancar, seguindo a nossa linha de argumentação, o fenómeno da fotografia: a *congelção* do espaço envolve *suspensão* do tempo.¹⁴³

Chegámos ao fim do nosso trajecto que tentou focar o modo específico de construção de uma imagem. Aos três vectores de tensão que assinalámos juntamos a sucessão temporal como forma indisponível da génese imagética que acontece no segundo momento da intuição. O tempo é a forma que une o diverso e que permite pintar a tela seguindo um fluxo de encadeamento. É o tempo que permite a textura ordenada da multiplicidade no horizonte que temos disponível.

§8 CONCEITO: PONTO DE CHEGADA E CONSCIÊNCIA OBJECTIVA

Vemo-nos chegados ao último momento da cadeia trifásica que culmina na derradeira estruturação da consciência objectiva. O percurso que delineámos começa no fenómeno de decalque do sistema da sensibilidade a partir do qual se geraram estados de interioridade ou sensações. Tais sensações são posteriormente processadas pelo complexo da intuição nos seus dois momentos: o primeiro deles consiste na exteriorização dos momentos da subjectividade e na consequente formulação do *não-Eu*, e o segundo na constituição da imagem ou da tela representacional segundo os vectores de tensão que assinalámos no capítulo anterior.

Este terceiro momento corresponde ao *topo do iceberg* da experiência empírica, ao horizonte de abertura com que vemos e nos movemos no mundo. Olho para o lado e não vejo estados da subjectividade exteriorizados: aquilo com que me deparo são coisas, entidades estáveis e em regime de completa independência. O campo de visão *tropeça* em objectos que, aparentemente, não carecem de alguém que os represente: prova disso é a convicção fundamental de que mesmo que desapareça, tais objectos permanecerão aí como se nada se tivesse passado.

A quotidianidade está montada no pressuposto da realidade objectiva e independente do apresentado sem qualquer referência ao processo que temos vindo a desenvolver. O mundo abre-se no regime da conceptualização: das casas, árvores, canetas e folhas de

¹⁴³ "A specific quantity of space always exists simultaneously; a quantity of time always exists successively. That is why we can only measure one by means of the other." Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftslehre, p.306; "Space can be measured only in terms of time, and vice-versa" WLnm, p.252;

papel. Dos livros, estantes, bolas e escorregas. Do andar do Filipe em guerra com o equilíbrio, da areia salpicada com os pés do João, do riso da Filipa que atravessa as paredes da casa. Cada um deles com uma entidade própria e desvinculada do observador. É o mundo dos conceitos, da pura perantidade.

É para o fenómeno da conceptualização que precisamos de voltar a nossa atenção tentando uma especificação cuidada do seu significado. O primeiro ponto que devemos recuperar é a noção de cadeia que está envolvida neste processo trifásico sensação/intuição/conceito. Qualquer elemento de uma cadeia tem um papel fundamental na totalidade do processo: admitindo que a consciência objectiva é um processo estruturado em função destes três momentos, isso significa - tendo em conta a sua relação encadeada - que cada um deles está em estado de reciprocidade vinculada relativamente aos demais. Assim, não existirá intuição sem sensação, nem intuição sem conceito, nem sensação sem intuição ou conceito, nem conceito sem qualquer um dos outros dois.

Aquilo que permite a Fichte sublinhar a dependência recíproca entre todos os elementos da cadeia é a descoberta do Eu como actividade. Se qualquer acção implica o movimento entre dois pontos, então esses extremos são condições de possibilidade de ocorrência da própria acção. A actividade possui uma complexidade formal em que está implicada a noção de repouso. Repouso é o *terminus a quo* e o *terminus ad quem* da acção: o ponto de eclosão e o ponto de chegada da actividade, respectivamente. Conceito objectivo é o ponto de chegada da intuição, o resultado do processo de *olhar-para-lá* no curso da travessia do Eu: as coisas do mundo.

A recuperação de alguns conteúdos do §2 da *WLnm* é absolutamente crucial neste momento.¹⁴⁴ Actividade é expressão de uma intencionalidade subjectiva que é representada pela tarefa do postulado. Inaugurar uma acção é o momento que Fichte identifica como A (actividade proposta). O repto lançado pelo postulado culminará no ponto B (conceito de Eu). *Pensa no conceito de Eu* é uma acção desempenhada intencionalmente pelo sujeito, uma travessia que termina na aquisição do conceito

¹⁴⁴ "Our intention was to posit an activity, and this activity was found to be accompanied by a state of repose. Moreover, our intention was to posit a determinate activity, and this was found to be accompanied by a determinable one. The first sphere thus includes (1) real, self-reverting activity = A, and (2) that which has come into being by means of this activity = B. The sphere of the given likewise includes (1) determinable activity (i.e., activity that is determinable, in the sense that it can turn into actual acting, though it may itself be determined in other respects) = C, and (2) the Not-I that is produced by means of this determinable activity = D." *WLnm*, p.128;

pretendido: Eu. A e B pertencem, por isso, à esfera da intencionalidade, de um curso tomado voluntariamente pelo sujeito.

Descobre-se, por seu lado, que existe uma esfera de conteúdos doados que são contrapostos à propositividade implicada no postulado: uma actividade em estado de repouso. Esta actividade em estado de repouso (ou actividade determinável) é o ponto de partida para encaminhamento, a extremidade inicial do segmento de acção da subjectividade. C é o horizonte de possibilidades para a tomada de rumo, representa as várias direcções possíveis para o curso da intuição que artificialmente se apresenta como A. É importante sublinhar que A é apenas um dos encaminhamentos possíveis da acção porque foi aquele que foi escolhido pela tarefa do postulado. O fundamental é que C (enquanto actividade determinável e ponto de partida para a acção) não é mais que a esfera total de possibilidades do acontecimento intuitivo do humano. A acção A é uma contração do que está implicado em C.

C, enquanto actividade em estado de repouso, requer também a contraposição de um elemento que torne possível a sua compreensão.¹⁴⁵ A oposição a uma actividade determinável é a absoluta negação da acção. Não é mera privação mas a aniquiliação completa de toda a movimentação possível. A obstaculização radical de um trânsito a haver.¹⁴⁶ Ora se o Eu é entendido substancialmente como acção, então o elemento que se quer contrapor a C tem de ser a negação da subjectividade, o *não-Eu* (representado pela letra D).

D é o objecto conceptualizado, o produto finalizado, o ponto de chegada da travessia que se deslocou desde o ponto de partida. No caso específico apresentado no postulado, o *não-Eu* é descoberto por via da tentativa de auscultação do Eu: na focagem do acontecimento da interioridade o sujeito descobre uma esfera específica de doação que são os objectos que tem perante.

¹⁴⁵ Salientamos que a lei da contraposição reflexiva é um princípio radical da consciência fichteana. A tese que está envolvida requer, com já assinalámos, a compreensão de que a contraposição simultânea do contrário é condição de possibilidade do que quer que seja pensado. Compreender liberdade, por exemplo, implica a contraposição do conceito de restrição. Azul é azul e, ao mesmo tempo, a negação do vermelho, branco, amarelo, etc. Existe uma dialética conceptual que é alargada a plenitude dos conteúdos possíveis que está vincada na lei que guia o empreendimento teórico de Fichte.

¹⁴⁶ "D, which is the opposite of this activity, would thus have to be the real negation of activity, not merely the absence or privation of the same. It would have to cancel and annihilate activity; thus it is not zero, but is instead negative magnitude." WLn, p.131;

A importância do §2 deve-se ao facto de Fichte conseguir expôr o elenco das determinações transcendentais com as devidas implicações entre todos os elementos. Actividade determinável (faculdade/C), Actividade determinada (intuição/A), conceito de Eu (B) e *não*-Eu (objectividade do mundo/D) são os factores que estão presentes em qualquer tela representacional. ABCD é o alfabeto de constituição da perantidade com o sentido próprio daquilo que se compreende como alfabeto: um conjunto de determinações repetíveis com a implicação de todos os seus elementos. Da mesma forma que a letra J se repete em milhares de palavras e do mesmo modo que o significado de uma palavra que a contenha depende do conjunto de letras que a compõe, o quadro global da consciência depende da articulação permanente destas quatro variáveis e nenhuma se pode dispôr.

É preciso reparar que a *WLn*m é um sistema de dedução orgânica que começa pelo conceito de acção e termina na representação independente. Assim, o trajecto que está a ser moldado parte da perspectiva de que a forma da acção em geral é também a forma geral da consciência. Se a consciência se deduz do prisma da execução prática, então as condições de possibilidade da acção são também as da própria consciência. Isso acontece pelo carácter de orgânico da *WLn*m como sistema em que todos os elementos estão em relação de indisponibilidade absoluta relativamente aos demais. O facto da forma da acção pressupôr necessariamente a componente de repouso obriga a que a intuição - como possibilidade de vislumbre sobre a acção do Eu - pressuponha também fixação que, no seu caso específico, não é mais que o conceito. O par acção e repouso é análogo a intuição e conceito porque da forma geral da acção é deduzida a forma geral da consciência.

A actividade só é pensável por meio de conceitos e os conceitos são fixações da acção. A intuição da acção do Eu, proporcionada pela intuição intelectual, permite *agarrar* a agilidade subjectiva, delimitar o movimento de posição de si. A actividade intelectual quando intui a actividade de autoposição do Eu fixa essa actividade. O olhar da intuição intelectual segmenta porções limitadas da actividade original do Eu. É uma intuição em estado de repouso que permite delinear conceitos. *A instância de acção estabilizada é um conceito*. Um conceito é um produto separado da actividade do Eu, é uma fixação da actividade original de autoposição. Conceito e intuição são, portanto, inseparáveis.¹⁴⁷

¹⁴⁷ "Let me now turn my attention to the state of repose, within which what is really an activity becomes something posited. It no longer remains an activity; it becomes a product, but not, as it were, a product

Intuição e conceito são acontecimentos estigmáticos porque o Eu só compreende a actividade por oposição a um estado de repouso, a uma fixação. Tal fixação é a instância estabilizada da acção original, é o produto conceptualizado da agilidade primária do Eu que a intuição intelectual proporciona. O *Si* vê o mundo através da fixação da sua própria actividade.

A intuição intelectual é sempre um momento de resolução que incide sobre o próprio sujeito e que permite a eclosão da consciência. A identificação de algo como objecto do mundo implica a intuição do acontecimento da interioridade: Inicialmente o *Si* vê-se apenas a si. O que acontece é que este acontecimento de visualização dirigida ao Eu tem de ser implicado pela lei fundamental da consciência. E é aqui que entra em cena o factor da contraposição reflexiva: o *Si* que se vê a si próprio só se compreende como acção se sincronizadamente carregar consigo a negação do seu próprio movimento. Eu e *não*-Eu apresentam-se como entidades formais em regime de dependência recíproca. O Eu vê-se por meio da negação de si. E o *não*-Eu objectiva-se pelo acontecimento da subjectividade.

Segue-se, por maioria de razão, que o conceito de Ser que permeia a objectividade mundana é um conceito mediatizado pela actividade. Ser é negação de uma posição que depende da articulação de cada um dos quatro momentos. Contrariamente ao que se acha compreendido habitualmente, a existência independente não é um acontecimento original e primário da consciência. A objectividade é antes devedora do fenómeno de activação e expressão do encaminhamento do Eu.

A genealogia real do conceito de Ser é uma genealogia de negação da actividade, ainda que possa apresentar-se como original e imediata no contacto que temos com o mundo. Eu e *não*-Eu são partes integrantes de um todo analítico em que existe inseparabilidade do diferente, uma síntese permanente de contrários.

Esta articulação torna possível compreender a simbiose liberdade/restricção que está envolvida no §7 da *WLn*m. Quando olho para a árvore lá fora consigo imaginá-la

separate from the activity itself. It does not become any son of matter or thing that could precede the l's representation [of it]. What happens is simply that acting, by being intuited, becomes fixed. Such [an instance of stabilized acting] is called a "concept," in opposition to an intuition, which is directed at the activity as such. The subject and the object collapse into each other within this self-reverting activity when it is intuited as a state of repose, and this produces something positive and stable. (...).The concept arises in one and the same moment with the intuition and cannot be separated from it. It seems to us as if the latter would have to precede the former, but it seems this way to us only because we refer the concept back to an intuition." WLn_m, p.116-117;

ocupando outro lugar do espaço, com outras cores e mesmo com dimensões diferentes das que possuí. Como observámos no parágrafo anterior, a abertura à possibilidade de reconstrução da tela representacional é uma manifestação do processo livre de execução que está envolvido na representação. É o facto do apresentado depender de uma construção da subjectividade que me permite explorar outras possibilidades de modificação da moldura.

O que acontece, como viu Fichte nos exemplo do retrato, é que a abertura à tentativa de reconfiguração é um momento posterior à fixação ontológica do objecto. Ou seja: a margem de manobra reconfigurativa depende de uma colisão inicial com o objecto que é compreendido como *tendo de ser assim*. A cadeira que está à minha frente pode ser pensada com apresentações distintas, mas essa modificação é ulterior a uma cadeira que me é apresentada como canónica. A representação possui uma duplicidade permanente que revela a dicotomia envolvida no elenco das determinações transcendentais. Liberdade e restrição são pares alelos de Eu e *não*-Eu e qualquer tela representacional possui esta característica bipolar. Enquanto operação estruturada pela subjectividade o Eu pode moldar a representação, mas para que isso aconteça tem de haver, previamente, a perspectiva de doação de um conteúdo objectivo da perantidade, uma forma de restrição inaugural do Eu ao ente observado, o *não*-Eu que se exprime num objecto conceptualizado.¹⁴⁸

A liberdade é um acontecimento retrospectivo à fixação de um conteúdo do mundo. O exercício de reconfiguração da tela de aparecimento pressupõe a indisponível fixação de uma entidade com estatuto próprio. A margem de manobra surge em momento ulterior à fixação conceptual que exprime um diverso prévio de realidade independente.¹⁴⁹

O condicionamento recíproco do alfabeto das determinações repetíveis mostra-se nos moldes do aparecimento. Eu e *não*-Eu são, respectivamente, os eixos de liberdade e restrição que estão implicados em qualquer representação e que exigem a reveberação

¹⁴⁸ "It is necessary that the I surrender itself freely, {namely, as free in and for itself}; [therefore,] it understands that it is free: it is free for itself, it discovers itself to be free. I.e., its act of surrendering itself is accompanied by a representation of itself as also having been able not to surrender itself in this way. On the other hand, the I cannot posit itself as freely surrendering itself unless it actually does surrender itself; for if the I does not actually surrender itself, then nothing is present for it. It is only by means of freedom that I attend to any object whatsoever, for I claim that I also could have not paid any attention to it; this is something I can say, however, only if I have attended to it." WLn, p.226;

¹⁴⁹ Mallas que la autoconciencia teje: desde el actuar hasta el espacio y la materia (recapitulación y §§9-10.a), p.199;

permanente de ambos¹⁵⁰. No primeiro caso, o Eu descobre-se livre no segundo momento da intuição e cria uma imagem. Mas a este caso tem de ser contraposto a restrição que se manifesta no momento anterior, no momento em que é dado um objecto do mundo que nega o curso da subjectividade.

A intuição, enquanto processo livre, não pode ser pensada sem a co-presença de um conceito que é o objecto imanente do mundo. É certo que esse conceito depende da cadeia trifásica dos acontecimentos que a caracterizam, mas no espectro de abertura à quotidianidade o conceito apresenta-se como negação desse processo, como peculiar representação da não-representação.

Um conceito objectivo é uma representação que nega o seu próprio estatuto porque é caracterizado por total apagamento do processo antropológico que lhe deu origem. Mas bem vistas as coisas, Ser é sempre produto de uma intuição, o *terminus ad quem* da actividade intuitiva, a extremidade do segmento da acção que é *olhar-para-lá*. Mas o modo de apresentação a que temos acesso caracteriza-se pela singular característica de apagamento da cadeia que compreende a articulação dos momentos que reportam à subjectividade: sensação e intuição.

O mundo em que nos movemos, este em que somos invadidos pela presença independente, é o da canonização da perantidade, da expressão do *não-Eu* em modo de ruptura com o sujeito. A realidade aí disponível é uma forma de camuflagem de todas as especificidades envolvidas no processo de representação. A experiência é constituída por entidades interiores exteriorizadas, objectificações do processo da consciência a que, tantas vezes, chamamos cadeira, mesa, árvore ou livro.

Um conceito é a expressão acabada da exteriorização da subjectividade e que envolve a separação radical com o si próprio: uma representação que anula o processo envolvido no acto de representar, uma cristalização que anula o seu passado, *um pedaço de mundo do lado de fora*.

¹⁵⁰ Pela aplicação da lei da oposição reflexiva: nem liberdade sem restrição nem restrição sem liberdade. Que é o mesmo que afirmar: Liberdade (actividade do Eu) só é compreensível na co-presença *silenciosa* da sua restrição (negação da actividade do Eu).

BIBLIOGRAFIA

Brazeale, D. *A pragmatic history of the human mind*. In *Thinking through the Wissenschaftslehre: Themes for Fichte's Early Philosophy*. Oxford. Oxford University Press 2013;

Brazeale, D. *The Aenesidemus Review and the Transformation of German Idealism*. In *Thinking through the Wissenschaftslehre: Themes for Fichte's Early Philosophy*. Oxford. Oxford University Press 2013;

Carvalho, M. *Mallas que la autoconciencia teje: Desde al actuar hasta el espacio y la materia (recapitulación y §§9-10 a)*. In *Éndoxa: Series Filosóficas*, nº30, 2012, p.173-254;

Carvalho, M. *Sobre a prescindibilidade ou imprescindibilidade do Phronein*. Lisboa. Cadernos: Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa 2013;

Fichte G. *Aensedimus Review*. Edited and Translated by Daniel Breazeale. *Fichte: Early Phislosophical Writings*. New York. Cornell University Press 1988;

Fichte, G. *Concerning the Concept of the Wissenschaftslehre*. Edited and Translated by Daniel Breazeale. *Fichte: Early Phislosophical Writings*. New York. Cornell University Press 1988;

Fichte, G. *Concerning the Difference between the Spirit and the Letter within Philosophy*. Edited and Translated by Daniel Breazeale. *Fichte: Early Phislosophical Writings*. New York. Cornell University Press 1988;

Fichte, G. *Selected Correspondence*. Edited and Translated by Daniel Breazeale. *Fichte: Early Phislosophical Writings*. New York. Cornell University Press 1988;

Fichte, G. *Outline of the Distinctive Character of the Wissenschaftlshre*. Edited and Translated by Daniel Breazeale. *Fichte: Early Phislosophical Writings*. New York. Cornell University Press 1988;

Fichte, G. *Wissenschaftslehre nova methodo*. Edited and translated by Daniel Brazeale. *Foundations of Transcendental Philosophy*. New York. Cornell University Press 1992;

Kant, I. *Critique of Pure Reason*. Translated and Edited by Paul Guyer and Allen Wood. Cambridge. Cambridge University Press 1998;

Kant, I. *Theoretical Philosophy, 1775-1770*. Translated and Edited by David Walford. Cambridge. Cambridge University Press 1992;

Klemm, D & Zoller, G. *Figuring the Self: Subject, Absolute, and Others in Classical German Philosophy*. New York. State University of New York Press 1997;

Heidegger, M. *The Fundamental Concepts of Metaphysics: World, Finitude, Solitude*. Indiana University Press 1995;

MacKisack, M. *Painter and scribe: From model of mind to cognitive strategy*. In *Cortex* 105 November 2017 p-118-124;

Neuhouser, F. *Fichte's Theory of Subjectivity*. Cambridge. Cambridge University Press 1990;

Plato. *Philebus*. Translated with Notes and Commentary by J.C.B. Gosling. Oxford. Clarendon Press 1975;

Thein, K. *Imagination, Self-Awareness, and Modal Thought at Philebus 39-40*. *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, Volume 42, Summer 2012, p.109-146;